

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO – DEHA**

**ANA NOÉLIA ARAÚJO CALDAS**

**FACHADAS VERTICAIS EM MACEIÓ. ANÁLISE DE TIPOLOGIAS EM  
EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES. ESTUDO DE CASO NOS BAIRROS PAJUÇARA,  
PONTA VERDE E JATIÚCA. MACEIÓ / AL (1970-1999).**

**MACEIÓ  
2019**

ANA NOÉLIA ARAÚJO CALDAS

FACHADAS VERTICAIS EM MACEIÓ. ANÁLISE DE TIPOLOGIAS EM EDIFÍCIOS  
MULTIFAMILIARES. ESTUDO DE CASO NOS BAIROS PAJUÇARA, PONTA VERDE  
E JATIÚCA. MACEIÓ / AL (1970-1999).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Morgana M<sup>a</sup> Pitta Duarte  
Cavalcante.

Maceió  
2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

C145f Caldas, Ana Noélia Araújo.

Fachadas em Maceió : análise de tipologias em edifícios verticais multifamiliares : estudo de caso nos bairros Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca. Maceió/AL (1970-1990) / Ana Noélia Araújo Caldas. – 2018.  
214 f.: il.

Orientadora: Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 212-214.

1. Tipologia (Arquitetura). 2. Edifícios verticais. 3. Fachadas (Arquitetura) - Maceió. I. Título.

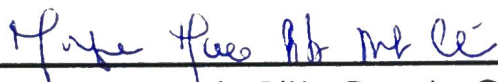
CDU: 728.1(813.5)

## Folha de Aprovação

AUTORA: ANA NOÉLIA ARAÚJO CALDAS

FACHADAS EM MACEIÓ - ANÁLISE DE TIPOLOGIAS EM FACHADAS DE EDIFÍCIOS VERTICAIS MULTIFAMILIARES. ESTUDO DE CASO NOS BAIROS PAJUÇARA, PONTA VERDE E JATIÚCA. MACEIÓ / AL (1970-1999).

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação Dinâmicas do Espaço Habitado, da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 25 de outubro de 2015.



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante – FAU – UFAL  
(Orientadora)

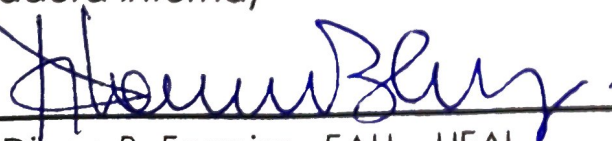
Banca Examinadora:



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Flávio Antônio Miranda de Souza- FAU- UFPE (Examinador Externo)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Ivy Pedrosa Cavalcante Pessôa Quintella –FAU – UFAL  
(Examinadora Interna)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Dilson B. Ferreira –FAU – UFAL

(Examinador Interno)

Dedico esta dissertação a Deus e às minhas amadas filhas, Sarah e Clarinha, fontes de luz em meus dias.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me permitir saúde e empenho para ingresso e conclusão desta pesquisa.

Ao meu marido Robson.

Aos meus pais, Francisco e Socorro, pelo suporte e amor incondicional.

Aos meus irmãos, Patrícia e Francisco, e familiares, em especial Tia São, que vibraram diante das conquistas alcançadas.

À professora Dr<sup>a</sup>. Morgana Cavalcante, minha orientadora, fonte de inspiração e sabedoria, que com suas palavras amigas, permitiu-me acreditar em meu potencial.

Aos professores Ivvy Pedrosa Cavalcante Pessôa Quintella, Flávio Antônio Miranda de Souza e Dilson B. Ferreira, pela atenção e contribuições expostas no exame de qualificação.

Ao professor Alexandre Toledo, por suas dicas enriquecedoras.

Parablenizo ao trabalho desenvolvido no GEPA (Grupo de Pesquisas em Projeto de Arquitetura), de muita valia nesta pesquisa.

Às amigas de ontem e sempre Maria Regina Gonçalves e Luciana Gavazza, que me ajudaram ao ingresso no mestrado.

Ao encontro de novas e iluminadas amizades, nas pessoas de Fernanda Félix Araújo, Anny Garcia e Lindomar Santos.

A SMCCU, nas pessoas de amiga Adriana Sampaio e Fagner Rios, pela disponibilidade e fácil acesso aos projetos.

A CAPES e FAPEAL, pelo auxílio financeiro na pesquisa.

A arquitetura como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e teto. O arquiteto: o que abre para o homem (tudo se sanearia desde casas abertas) portas por-onde, jamais portas-contra; por onde, livres: ar luz razão certa.

João Cabral de Melo Neto.

## RESUMO

O processo de verticalização no litoral de Maceió, iniciou-se na década de 1970, trazendo transformações na paisagem construída da cidade e no modo de viver na orla alagoana. Para compreendermos como os elementos estruturais e estéticos das fachadas de um edifício imprimiram suas “marcas” no cenário arquitetônico urbano edificado e constituíram história, empreende-se nesta pesquisa, através da investigação sob aspectos morfológicos e tipológicos, a caracterização das principais características construtivas das fachadas de edifícios de apartamentos. Para tal esclarecimento, a presente dissertação tem como principal objetivo a catalogação das principais estruturas técnicas, formais e materiais presentes nas fachadas localizadas em edifícios multifamiliares alagoanos, localizados em três bairros da orla norte de Maceió, Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca, entre as décadas de 1970 e 1990, período que engloba início e consolidação de tal tipologia construtiva no cenário local. As análises dos projetos foram realizadas com base em estudo de caso, selecionados de acordo com as décadas em que foram construídos, embasados nos parâmetros analíticos referenciados na pesquisa, tais como, composição formal, complexidade construtiva, tipos de revestimentos, ornamentos, materiais, cores. A metodologia desenvolvida se estrutura em dois eixos principais, a análise quanti-qualitativa e o estudo de caso, já citado anteriormente. Para atingir seu propósito, a metodologia aplicada abrange um amplo levantamento de informações coletadas, cujos elementos foram posteriormente tabulados em um banco de dados catalográficos. A amostra constituída, selecionadas subjetivamente quanto ao caráter inovador e complexidade na prática arquitetônica, resultou num total de 21 plantas de fachadas codificadas. Formando assim, uma base de dados que servirá como fonte de pesquisas relativas à temática, e até mesmo como referencial para novas pesquisas relacionadas ao tema. Pode-se concluir por meio da pesquisa, que cada década guarda características peculiares, próprias quanto ao partido arquitetônico adotado, derivadas de um determinado estilo arquitetônico, inovações tecnológicas disponíveis e das “indicações” do mercado imobiliário, principais determinantes na produção e práticas construtivas relacionadas às fachadas verticais.

**Palavras-chave:** Análise tipológica, edifícios verticais, fachadas.



## ABSTRACT

The process of verticalization in the coast of Maceió, began in the decade of 1970, bringing transformations in the constructed landscape of the city and the way of living in the alagoana border. In order to understand how the structural and aesthetic elements of the façades of a building have imprinted their "marks" on the built urban architectural scene and constituted history, this research, through research under morphological and typological aspects, characterizes the main constructive characteristics of the façades of apartment buildings. The main objective of this dissertation is the cataloging of the main technical, formal and material structures present in the façades located in Alagoas' multifamily buildings, located in three districts of the north border of Maceió, Pajuçara, Ponta Verde and Jatiúca, between the decades of 1970 and 1990, period that includes beginning and consolidation of such constructive typology in the local scenario. The analyzes of the projects were carried out based on a case study, selected according to the decades in which they were built, based on the analytical parameters referenced in the research, such as formal composition, constructive complexity, types of coatings, ornaments, materials, colors . The methodology developed is structured in two main axes, the quanti-qualitative analysis and the case study, already mentioned previously. To achieve its purpose, the applied methodology covers a broad survey of collected information, whose elements were later tabulated in a catalog database. The sample constituted, selected subjectively as to the innovative character and complexity in the architectural praxis, resulted in a total of 21 plants of coded facades. Forming this way, a database that will serve as a source of research on the subject, and even as a reference for new research related to the topic. It can be concluded from the research, that each decade has peculiar characteristics inherent to the architectural party adopted, derived from a certain architectural style, technological innovations available and the "indications" of the real estate market, the main determinants of production and constructive practices related to vertical facades.

**Keywords:** Typological analysis, high-rise buildings, facades.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa Universo de Estudo.....	37
Figura 2 - Área na Ponta Verde, década de 1960.....	38
Figura 3 - Orla de Pajuçara. Tipicamente residencial. Década de 1970.....	38
Figura 4 - Urbanização da orla da Pajuçara. 1973.....	39
Figura 5 – Casa Citrohan (1920) – Protótipo I, III – Sistema Domino (Corbusier).....	46
Figura 6 – Casa Citrohan IV (1925) – Único protótipo do estudo, construído em série..	47
Figura 7 – Row House (Casa Crua- 1976) – Tadao Ando.....	47
Figura 8 – Palácio de Cristal – Londres.....	50
Figura 9 – Home Insurance Building.....	51
Figura 10 – Villa Muller (Adolf Loos) Praga, 1978.....	53
Figura 11 – Robert Venturi/Scott Brown: Institute for Scientific Information, (ISI), Philadelphia, 1978.....	54
Figura 12 – Edifício Columbus – 1932.....	56
Figura 13 – Edifício do mês. Projeto Lúcio Costa, e Oscar Niemeyer. 1936.....	57
Figura 14 – Marco do modernismo arquitetônico alagoano, Edifício Breda (1958).....	58
Figura 15 – Portland Public Services Building, 1982. Michael Graves.....	59
Figura 16 – Museu de Mineralogia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Éolo Maia.....	60
Figura 17 – Centro Comercial Cidade Jardim.....	61
Figura 18 – (Building Number Two – 1970). Prédio comercial japonês, Ni-Ban-Kahn..	61
Figura 19 – Edifício Lâmede, Pajuçara, Maceió-AL.....	63
Figura 20 – Panorama e localização dos edifícios Barroca, Versailles e G. Ramos.....	79
Figura 21 – Edifício Barroca – Colunas de sustentação.....	83
Figura 22 – Peitoril Ventilado – detalhe da funcionalidade.....	84
Figura 23 – Detalhe esquadrias e peitoril, no edifício Barroca (1970).....	85
Figura 24 – Detalhe dos dois blocos, que compõem o edifício Jangada.....	87
Figura 25 – Detalhes composição das fachadas do edifício Praia Verde.....	90
Figura 26 – Reforma edifício Donina Carneiro (1975).....	94
Figura 27 – Detalhe peitoril edifício Donina Carneiro (1975).....	94
Figura 28 – Detalhe condicionadores de ar.....	98
Figura 29 – Detalhe fachada – coroamento.....	98
Figura 30 – Detalhe brises na área de serviço.....	99

Figura 31 – Detalhe da localização do edifício Solar Graciliano Ramos.....	101
Figura 32 – Detalhes dos brises na área de serviço da edificação.....	102
Figura 33 – Fachada Principal – Imagem ilustrativa, sem escala.....	102
Figura 34 – Detalhes dos brises na área de serviço da edificação.....	104
Figura 35 – Detalhes da fachada.....	107
Figura 36 – Detalhes da fachada.....	108
Figura 37 - Detalhes construtivos das fachadas.....	113
Figura 38 – Detalhes construtivos das fachadas.....	116
Figura 39 – Detalhes construtivos das fachadas.....	116
Figura 40 – Detalhes construtivos da fachada posterior.....	117
Figura 41 – Detalhes construtivos da fachada norte.....	119
Figura 42 – Detalhes construtivos das varandas.....	120
Figura 43 – Desgaste na fachada Sul e Norte.....	121
Figura 44 – Vistas implantação e garagem sob pilotis.....	123
Figura 45 – Detalhe das varandas.....	124
Figura 46 – Fachada oeste.....	126
Figura 47 – Fachada principal.....	128
Figura 48 – Detalhe das esquadrias da sala de estar (apartamento 1).....	128
Figura 49 – Fachada principal, escolha cromática (antes e depois).....	129
Figura 50 – Fachada Leste.....	132
Figura 51 – Fachada sul – localização exaustores de ar.....	133
Figura 52 – Detalhes fachadas oeste e sul.....	135
Figura 53 – Detalhes fachadas sul e nordeste.....	136
Figura 54 – Fachada posterior – oeste.....	136
Figura 55 – Detalhes varandas.....	137
Figura 56 – Fachada principal – arquivo ilustrativo sem escala.....	141
Figura 57 – Disposição do prédio em relação ao lote.....	142
Figura 58 – Fachadas nordeste, leste e sudeste.....	143
Figura 59 – Detalhes da fachada sudeste.....	144
Figura 60 – Croquis do autor (1991).....	146
Figura 61 – Fachada principal, semelhança a um plano cartesiano.....	147
Figura 62 – Fachadas sudoeste e sudeste.....	147
Figura 63 – Fachada posterior norte.....	148

Figura 64 – Implantação do edifício.....	151
Figura 65 – Esquadrias de alumínio e vidro.....	152
Figura 66 – Detalhes de revestimento e cores.....	153
Figura 67 – Implantação do edifício Milos.....	155
Figura 68 – Vista aérea coberta e fachada principal (ilustração sem escala).....	156
Figura 69 – Detalhes das varandas.....	156
Figura 70– Fachadas laterais - nordeste e sudeste.....	157
Figura 71 – Fachada posterior – norte.....	157
Figura 72 – Figura volumétrica do edifício.....	158
Figura 73 – Fachada frontal.....	161
Figura 74 – Laterais leste/oeste.....	161
Figura 75 – Fachada sul.....	162
Figura 76 – Fachadas arquitetônicas – frontal e lateral.....	164
Figura 77 – Detalhe colocação de anteparo (semicírculo) para proteção solar.....	165
Figura 78 – Prolongamento parede dormitório.....	166
Figura 79 – Fachada sudeste e norte.....	164
Figura 80 – Edifício Desirée (2000) e Atlantis (1999).....	168
Figura 81 – Edifícios localizados na Rua Vital Barbosa – Ponta Verde.....	168
Figura 82 – Edifício Lâmede (1990) – Ponta Verde.....	168
Figura 83 – Edifícios localizados próximo ao Atlantis. – Ponta Verde.....	170

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas metodológicas da pesquisa .....	25
Quadro 2 – Categorias de análise.....	28
Quadro 3 – Módulos Volumétricos.....	79
Quadro 4 – Eixos de desenvolvimento da pesquisa diante do método desenvolvido.....	82
Quadro 5 – Edifício Barroca.....	86
Quadro 6 – Edifício Jangada.....	89
Quadro 7 – Edifício Praia Verde.....	92
Quadro 8 – Edifício Donina Carneiro.....	96
Quadro 9 – Edifício Atlântida.....	100
Quadro 10 – Edifício Solar G. Ramos.....	103
Quadro 11 – Edifício Porto da Barra.....	106
Quadro 12 – Edifício Costa Verde.....	111
Quadro 13 – Edifício Caiaque.....	114
Quadro 14 – Edifício Escuna.....	118
Quadro 15 – Edifício Cartago.....	122
Quadro 16 – Edifício Lajedo.....	126
Quadro 17 – Edifício Tarumã.....	130
Quadro 18 – Edifício Cote D’Azur.....	134
Quadro 19 – Edifício Tartana.....	140
Quadro 20 – Edifício Studio.....	145
Quadro 21 – Edifício Verona.....	150
Quadro 22 – Edifício Casagrande.....	154
Quadro 23 – Edifício Milos.....	159
Quadro 24 – Edifício Montpellier.....	163
Quadro 25 – Edifício Atlantis.....	168

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação dos edifícios construídos no recorte, nos anos 1970.....	41
Tabela 2 – Categorias em análise.....	68
Tabela 3 – Edifícios construídos entre 1970-1999.....	72
Tabela 4 – Edifícios construídos entre 1970-1979.....	73
Tabela 5 – Edifícios construídos entre 1980-1989.....	74
Tabela 6 – Edifícios construídos entre 1980-1989.....	74
Tabela 7 – Relação dos edifícios analisados em sequência cronológica.....	77
Tabela 8 – Síntese da análise dos edifícios na década de 1970.....	110
Tabela 9 – Relação dos edifícios analisados em sequência cronológica.....	139
Tabela 10 – Relação dos edifícios analisados em sequência cronológica.....	172
Tabela 11 – Síntese da análise dos edifícios na década de 1980.....	173
Tabela 12 – Análise formal dos edifícios – anos 1990.....	174
Tabela 13 – Quanto à volumetria.....	174
Tabela 14 – Quanto à simetria.....	175
Tabela 15 – Total – elementos construtivos - varandas - 1970/1999.....	175
Tabela 16 – Revestimentos - 1970/1999.....	176
Tabela 17 – Cores - 1970/1999.....	177

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação de edifícios construídos entre 1970/1999.....	73
Gráfico 2 - Relação de edifícios por bairros.....	73
Gráfico 3 - Relação de edifícios construídos entre 1980-1989.....	74
Gráfico 4 – Relação de edifícios por bairro.....	74
Gráfico 5 – Aspectos formais – volumetria - 1970-1999.....	174
Gráfico 6 – Aspectos formais – simetria - 1970-1999.....	175
Gráfico 7 – Aspectos formais – simetria - 1970-1999.....	176
Gráfico 8 – Aspectos formais – revestimentos - 1970-1999.....	176
Gráfico 9 – Aspectos formais – cores - 1970-1999.....	177

## LISTA DE SIGLAS

<b>CAD</b>	Computer-aided design
<b>FAPEAL</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas
<b>FAU</b>	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
<b>GEPA</b>	Grupo de Pesquisas de Projetos de Arquitetura
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ISI</b>	Institute for Scientific Information
<b>ME</b>	Ministério da Educação
<b>SMCCU</b>	Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano
<b>UFAL</b>	Universidade Federal de Alagoas



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>1. CAPÍTULO 1.....</b>	<b>23</b>
1.1 Objetivos.....	24
1.1.1 Geral.....	24
1.1.2 Específicos.....	24
1.2 Procedimentos metodológicos.....	24
1.2.1 Metodologia e estrutura.....	25
1.3 Análise tipológica de fachadas.....	26
1.4 Categorias.....	26
1.5 Critérios gerais de seleção das amostras.....	28
1.6 Disposição dos capítulos.....	29
1.7 Relevância temática.....	30
1.8 Principais referências.....	31
<b>2.CAPÍTULO 2.....</b>	<b>33</b>
2.1 Considerações iniciais: o habitar verticalizado.....	34
2.2 Verticalização em Maceió.....	35
2.3 Considerações atuais – Maceió.....	39
2.4 Relação edifícios (1970).....	40
2.5 Considerações sobre o capítulo.....	41
<b>3.CAPÍTULO .....</b>	<b>43</b>
3.1 Tipo e tipologia na arquitetura.....	44
3.2 Breve histórico.....	44
3.3 Fachadas – do moderno ao contemporâneo.....	48
3.3.1 Contextualização das fachadas no modernismo.....	49
3.3.2 A questão do ornamento.....	52
3.4 Considerações sobre a fachada modernista no Brasil.....	55
3.5 O pós-modernismo Brasileiro.....	58

<b>4.CAPÍTULO .....</b>	<b>65</b>
4.1 Análise compositiva – fachadas.....	66
4.2 Análises através de fotografias.....	69
4.3 Universo do estudo.....	70
4.4 Edifícios construídos no recorte estudado.....	72
<b>5. CAPÍTULO 5.....</b>	<b>75</b>
5.1 Análise tipológica.....	76
5.1.1 Anos 70 – edifícios anos 1970 – análise morfológica.....	77
5.1.2 Contexto local.....	77
5.1.3 Critérios para análise.....	80
5.2 Edifícios analisados quanto à tipologia (Anos 1970).....	82
5.2.1 Volumetria.....	83
5.2.2 Elementos compositivos.....	83
5.2.3 Revestimento e cores.....	85
5.2.4 Volumetria.....	87
5.2.5 Elementos compositivos.....	88
5.2.6 Revestimento e cores.....	88
5.2.7 Volumetria.....	90
5.2.8 Elementos compositivos.....	90
5.2.9 Revestimento e cores.....	91
5.2.10 Volumetria.....	93
5.2.11 Elementos compositivos.....	93
5.2.12 Revestimento e cores.....	95
5.2.13 Volumetria.....	97
5.2.14 Elementos compositivos.....	97
5.2.15 Revestimento e cores.....	99
5.2.16 Volumetria.....	101
5.2.17 Elementos compositivos.....	101
5.2.18 Revestimento e cores.....	102
5.2.19 Volumetria.....	104
5.2.20 Elementos compositivos.....	104
5.2.21 Revestimento e cores.....	105

5.2.22 Volumetria.....	107
5.2.23 Elementos compositivos.....	107
5.2.24 Revestimento e cores.....	108
5.3 Considerações Anos 1970.....	108
5.4 Análise dos edifícios - anos 1980.....	110
5.4.1 Relação dos edifícios analisados (1980).....	110
5.5 Edifícios analisados (1980).....	111
5.5.1 Volumetria.....	112
5.5.2 Elementos compositivos.....	113
5.5.3 Revestimento e cores.....	113
5.5.4 Volumetria.....	114
5.5.5 Elementos compositivos.....	116
5.5.6 Revestimento e cores.....	116
5.5.7 Volumetria.....	117
5.5.8 Elementos compositivos.....	120
5.5.9 Revestimento e cores.....	120
5.5.10 Volumetria.....	121
5.5.11 Elementos compositivos.....	124
5.5.12 Revestimento e cores.....	125
5.5.13 Volumetria.....	127
5.5.14 Elementos compositivos.....	127
5.5.15 Revestimento e cores.....	129
5.5.16 Volumetria.....	131
5.5.17 Elementos compositivos.....	133
5.5.18 Revestimento e cores.....	134
5.5.19 Volumetria.....	135
5.5.20 Elementos compositivos.....	137
5.5.21 Revestimento e cores.....	137
5.6 Considerações Anos 1980.....	138
5.7 Análise dos edifícios - anos 1990.....	139
5.7.1 Relação dos edifícios analisados (1990).....	139
5.8 Edifícios analisados (1990).....	140
5.8.1 Volumetria.....	141

5.8.2 Elementos compositivos.....	143
5.8.3 Revestimento e cores.....	144
5.8.4 Volumetria.....	145
5.8.5 Elementos compositivos.....	146
5.8.6 Revestimento e cores.....	149
5.8.7 Volumetria.....	151
5.8.8 Elementos compositivos.....	151
5.8.9 Revestimento e cores.....	153
5.8.10 Volumetria.....	155
5.8.11 Elementos compositivos.....	156
5.8.12 Revestimento e cores.....	158
5.8.13 Volumetria.....	160
5.8.14 Elementos compositivos.....	162
5.8.15 Revestimento e cores.....	162
5.8.16 Volumetria.....	164
5.8.17 Elementos compositivos.....	165
5.8.18 Revestimento e cores.....	167
5.9 Considerações sobre o capítulo anos 1990.....	168
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>171</b>
6.0 Análises dos elementos modificadores de fachada.....	174
6.1.1 Quanto à volumetria formal.....	174
6.1.2 Quanto à simetria.....	175
6.1.3 Quanto a elementos construtivos – varandas.....	175
6.1.4 Elementos construtivos - base.....	176
6.1.5 Elementos construtivos - coroamento.....	176
6.1.7 Quanto à classificação cromática.....	177
6.1.8 Esquadrias.....	177
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>179</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>182</b>

## INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, as fachadas de edifícios residenciais verticais multifamiliares marcaram fortemente a paisagem construtiva urbana, solidificada cada vez mais numa vertente necessária, diante de uma nova realidade no habitar da sociedade brasileira.

O recorte temporal escolhido entre as décadas de 1970 e 1990 ocorreu em função da variedade de exemplares referentes às diferentes décadas, o que permitiu a análise ao longo dos anos. A década inicial desse recorte coincide com as primeiras ocupações dos edifícios verticalizados de habitação no contexto em referência. Como principais diretrizes desse avanço, destacam-se também a valorização do solo próximo ao mar que com a nova proposta de uma vida mais saudável, trouxe consigo a implementação de novas diretrizes imobiliárias e comerciais à capital. Este processo, de forma contínua, atuou como um método transformador, não apenas na paisagem construída, mas delimitador, principalmente nas ordens sócio, cultural e econômica local.

Através do emprego de metodologias de análises e leituras espaciais tipológicas em fachadas, traçou-se um repertório crítico e teórico de descobertas de quais processos e estratégias tipológicas e técnicas construtivas foram empregados, sejam nos âmbitos das espacialidades funcionais ou formais. Apoiar-se na análise em arquitetura uma leitura descritiva como importante papel para o conhecimento de processos e estratégias.

Convém ressaltar que o termo “evolução”, tão largamente utilizado nesta dissertação, confirma-se nas técnicas construtivas adaptáveis, principalmente aos avanços tecnológicos, que com o passar dos anos conectam-se às mudanças necessárias, vinculadas ao aprimoramento das mesmas. Como no advento do darwinismo, que para se obter melhores resultados é necessário haver adaptação das novas condições impostas, ponderadas na proposta de melhores condições de habitabilidade.

Fundamenta-se nesta abordagem a importância ordenada e sistemática das características arquitetônicas no âmbito da renovação tipológica criativa em projetos de arquitetura. Considera-se que, arquitetonicamente, a tipologia não somente pode ajudar a contar a evolução histórica de um povo, determinar um estilo de uma época, como também fornece substratos para futuros projetos, tendo em vista que proporciona um maior

embasamento conceitual ao projetista. A partir deste quadro, a pesquisa traça um panorama através dos dados coletados e da evolução do espaço na cidade.

Neste sentido, a pesquisa está articulada nos propósitos da área de concentração Linha 2: concepção, construção e adequação do espaço habitado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Alagoas.

# **CAPÍTULO I**

Estrutura-se neste capítulo o principal conjunto metodológico de procedimentos adotados na investigação do problema apresentado nesta dissertação, a partir dos objetivos traçados. Apresentam-se os passos adotados na elucidação do problema de pesquisa aqui proposto, tendo como principais condicionantes o método, a abordagem, os instrumentos de coleta de dados e finalmente a análise final da interpretação dos resultados coletados. Utilizando como princípio norteador da pesquisa o recorte temporal.

Diante dos fundamentos acima contextualizados, podemos então classificar a presente pesquisa, quanto as formas abordadas.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Geral**

Analisar e catalogar as principais estruturas formais presentes nas fachadas em edifícios verticais de apartamentos em Maceió (Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca), no período de 1970-1999.

### **1.1.2 Específicos**

- Identificar as principais estratégias construtivas, sistematizando informações sobre as fachadas, sob os aspectos construtivos, formais e estéticos;
- Elencar os principais aspectos construtivos, formais e estéticos das fachadas de edifícios verticais, catalogando cronologicamente as estratégias projetuais empregadas;
- Verificar através de fichas catalográficas e dados como gráficos e quadros explicativos, as tipologias arquitetônicas recorrentes nas fachadas analisadas.



## 1.2 Procedimentos Metodológicos

- Consulta e coleta de exemplares;
- SMCCU – Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano e Banco de dados do GEPA- Grupo de Estudos em Projetos de Arquitetura;
- Registros fotográficos;
- Escolha dos exemplares;
- Análise dos projetos.

### 1.2.1 Metodologia e Estrutura

Traçados os objetivos, estrutura-se a pesquisa por meio de um método desenvolvido sobre três principais eixos que se articulam com a teoria, a realidade empírica e a problemática local: pesquisa bibliográfica; trabalho de campo; análise e tratamento do material empírico; e, documental. Para a elaboração deste documento fez-se uso de uma metodologia descritiva, estudo de caso, quanti-qualitativa, bibliográfica e analítica.

Pesquisa é a exploração, é a inquisição, é o procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos que estão inseridos em uma determinada realidade. A pesquisa é definida como uma forma de estudo de um objeto. Este estudo é sistemático e realizado com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovadas aos níveis do conhecimento obtido (BARROS; LEHFELD, 1990, p. 14).

### CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

ABORDAGEM	- Quantitativa e Qualitativa
PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	- Pesquisa Bibliográfica - Pesquisa Documental - Pesquisa de Campo - Observação
OBJETIVOS	- Exploratória - Descritiva

**QUADRO 1 - Etapas Metodológicas da Pesquisa.**

Fonte - Desenvolvido pela Autora (2018).

Os procedimentos metodológicos empregados neste trabalho basearam-se na literatura de Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2010), métodos de abordagem indutiva, no qual se analisa os projetos para que as conclusões se apliquem num contexto mais amplo, o método misto, quali-quantitativo e o monográfico com finalidade exploratório-descritiva. No tocante ao método monográfico com respaldo no estudo de caso, Yin (2005) explica que se trata de uma pesquisa empírica de um fenômeno contemporâneo particular dentro do contexto da vida real, utilizando-se de várias coletas de dados. Proposto por Le Play, em 1830, teoriza-se na catalogação de estudo de determinados grupos com a finalidade de obter generalizações, respaldando-se nesta pesquisa através de comparações das tipologias encontradas, identificando similaridades, alterações e transformações construtivas, apontando assim, seus aspectos mais relevantes. “Métodos mistos concomitantes, onde o investigador coleta as duas formas de dados ao mesmo tempo e depois integra as informações na interpretação dos resultados” (PASCHOARELLI; MEDOLA; BOMFIM, 2015, p.70).

Após avaliações seguindo os critérios dispostos, a pesquisa seguiu uma análise comparativa do processo projetual, para que as conclusões do documento fossem apresentadas, concretizando o entendimento dos diversos processos ocorridos no passado e suas influências diretas na contemporaneidade. Os métodos mistos, em suas aplicações práticas apresentaram-se de utilidade relevante à pesquisa, já que quando utilizados em conjunto, apresentam resultados positivos ante um melhor entendimento dos critérios propostos.

### **1.3 Análise Tipológica de Fachadas**

A singularidade da escolha merece continuidade, já que, através das análises sob os aspectos construtivos apresentados nas fachadas, traça-se um panorama elucidativo nos empregos das práticas construtivas na região.

O tema instigante relaciona-se a outros desenvolvidos, inicialmente por Silva M. A., *Arquitetura Moderna - A atitude alagoana (1950-1964)* e mais recentemente a tese de Cavalcante, M.M.P.D. (2014), *O projeto: diálogos da forma na orla de Maceió – edifícios verticais 1980-2012*. Barbosa, G. B. (2009), *Arquitetura contemporânea em Maceió (1980-2008): uma reflexão crítica*.

Diante dessas postulações, considera-se nesta dissertação critérios tipológicos arquitetônicos extraídos de sistemas classificatórios de categorias formais para avaliação

compositiva e tipológica em fachadas, fomentando as sistemáticas analíticas desenvolvidas pelos arquitetos Ching, F.D.K. (2008), *Arquitetura. Forma, espaço e ordem*, Unwin, S (2006), em *A análise da Arquitetura*, e finalmente Leão, S.L.C. (2011); *As Fachadas da Casa Moderna* (2011), esta última, principal referencial utilizada foram extraídas categorias para análises.

A importância dos aspectos compositivos e do tratamento da superfície externa do edifício é essencial na caracterização do “estilo” arquitetônico adotado em um determinado território. E para tal, utilizou-se critérios desenvolvidos pelos autores supracitados, aqueles que melhor se referenciaram à realidade local, demarcadas por sua relevância. Consequentemente, após a coleta e mapeamento das plantas de fachadas, tomou-se para efeito de sistematização da análise, uma amostra com 21 fachadas, divididas em quatro intervalos representativos, 10 fachadas para cada década, delimitando o período em recorte; de onde então, designou-se os seguintes tópicos analíticos caracterizadores das edificações. A análise histórica empregada neste trabalho determinará através dos processos ocorridos no passado, além disso, propiciará melhor compreensão dos empregos construtivos atuais, uma vez que a história e as características em cada período servirão como ferramentas comparativas, com a finalidade de obter-se conclusões concretas e proeminentes.

#### **1.4 Categorias**

A pesquisa fundamenta-se no desenho analítico esquemático, técnica de conhecimento que permite interpretar uma obra ou projeto mediante análise morfológica dos elementos essenciais como forma, espaço, proporção, escala. Princípios estes, apontados por Ching (2013), como ordenadores essenciais para se traçar um panorama edificado, cujos “alicerces” se baseiam na importância do desenho como principal meio de análise e compreensão da Arquitetura praticada, através da compreensão de suas práticas projetuais.

Configura-se no desenvolvimento da pesquisa, o uso de conceitos e técnicas que contribuem para a análise arquitetônica desenvolvidas, segundo Leão (2011). A autora através de suas definições, argumenta em analogia ao ser humano a importância vital do perfeito funcionamento entre todos os elementos que compõem uma fachada, independente da frontalidade para resultados mais positivos, devendo ser trabalhadas de maneira igualitária, tanto quanto a plástica e funcionalidade.

Tal como a face humana, a fachada do edifício apresenta protuberâncias ou reentrâncias mais ou menos acentuadas. Os elementos compositivos do rosto humano – olhos, nariz, boca, etc. – correspondem a altos e baixos-relevos superficiais do edifício, originalmente representados por portas (boca de entrada), janelas (olhos, nariz), ornatos e ordens aplicadas. Deste ponto de vista, portanto, o conceito envolve noções de espessura e de relações entre cheios e vazios. (LEÃO, p.12,2011)

Para uma adequada análise funcional das superfícies, foram desenvolvidas categorias para melhor entendimento do objeto, que englobam uma abordagem arquitetônica ordenada e sistemática. Propõe-se, portanto, o desdobramento de algumas destas categorias encontradas na tese: as fachadas da casa moderna, em subcategorias e, sua complementação pelo acréscimo de outras (Quadro 2). Para tal, buscou-se, em primeiro lugar, detectar o elemento gerador de cada uma, e, a partir daí, extrair modelos complementares que possam preencher lacunas existentes para que atendam a requisitos não diretamente contemplados pelos autores, mas que são sugeridos diante à necessidade de uma caracterização mais satisfatória (LEÃO, 2011).

NÚMERO DE PAVIMENTOS
VARANDAS
REVESTIMENTOS
CROMATICIDADE
VOLUMETRIA
COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS – ORNAMENTOS
BASE
COROAMENTO

**Quadro 2: Categorias de Análise.**

Fonte: Leão (2011); adaptado pela autora (2017).

Além dos métodos de procedimentos citados anteriormente, os procedimentos técnicos adotados para a execução da pesquisa foram pesquisa documental, levantamento de dados e escolha dos exemplares. Com o aporte de uma densa pesquisa bibliográfica, na intenção de viabilizar uma melhor compreensão dos conceitos necessários para análise do material levantado, empregou-se um detalhado estudo de projetos arquitetônicos, relevantes na abordagem tipológica dos edifícios de apartamentos. O recurso da utilização do desenho analítico foi adotado para contribuir na análise dos projetos selecionados, já que consiste numa técnica de conhecimento que admite interpretar subjetivamente uma obra ou projeto.

Uma linguagem gráfica padronizada permitiu uma leitura dinâmica do material produzido na análise das fachadas dos edifícios avaliados, fator determinante numa melhor sistematização dos estudos, permitindo uma dinamicidade de visualização e compreensão das diferentes formas e configurações em seus projetos. Com o cruzamento dos dados levantados, foi realizada uma coletânea referente ao projeto de plantas de fachadas, através das amostras de plantas selecionadas dentro dos intervalos referenciais estabelecidos e que serão discutidos no capítulo 5.

### **1.5 Critérios Gerais de Seleção das Amostras**

Através de inventário subjetivo quanto às amostras selecionadas, buscou-se reunir plantas num campo amostral abrangente que apresentassem em suas superfícies um número considerável de condicionantes determinados nos tópicos de análise, estabelecidos pela autora em todo o período estudado, revelando edifícios e autores mais proeminentes. No entanto, omissões são inevitáveis e ocorrem por diversos motivos.

A dificuldade em acessar os dados dos projetos é proporcional à distância temporal que reside na separação de suas construções. Um dos principais fatores de limitação à análise, relaciona-se à dificuldade de acesso a plantas dos edifícios e aos dados construtivos complementares, como construtores, datas, autoria.

Registra-se ainda, dificuldade de acesso a informações de alguns arquivos digitais que constituem o banco de dados da SMCCU - Secretaria Municipal de Convívio e Controle Urbano, através dos alvarás de construção, devido a seu estado de conservação. Por outro lado, ressalta-se do mesmo modo a considerável ajuda a pesquisa por meio do acesso ao banco de dados do GEPA - Grupo de Estudos em Projetos de Arquitetura (FAU-UFAL), que mantêm um banco de dados digital de edifícios de apartamentos desde a década de 1970.

Quantos às imagens apresentadas, em maior ou menor grau, alguns projetos catalogados na pesquisa passaram por algum tratamento digital de correção das imagens e vários projetos foram excluídos da amostra por apresentarem dados ilegíveis ou mesmo desconhecidos.

Os edifícios selecionados são analisados, principalmente através da leitura visual de suas fachadas, especialmente quanto aos aspectos formais e compositivos. Os critérios gerais de seleção da amostra podem ser assim resumidos:

- Edifícios construídos;
- Existência de material gráfico suficiente para as análises requeridas;

- Levantamento e digitalização em programa CAD de dois edifícios.

## **1.6 Disposição dos Capítulos**

A estrutura dos capítulos da dissertação está dividida em cinco partes, ampliando o campo de investigação e revisando a bibliografia, de modo a abordar questões relacionadas à evolução em tipologia em arquitetura, através de um breve histórico do projeto de fachadas arquitetônicas, análise em arquitetura, e as conclusões apreendidas quanto à evolução construtiva do objeto de estudo.

O capítulo 1 trata do tema e sua relevância. Apresenta a metodologia empregada e metas cumpridas conforme os objetivos pretendidos. Neste capítulo, são apresentadas as principais correntes utilizadas na elaboração da pesquisa.

O capítulo 2 fundamenta-se nas principais correntes do estudo da tipologia arquitetônica nos campos internacional e nacional. Apresentam-se os mais significativos exemplos da produção arquitetônica referentes às fachadas no âmbito internacional e nacional, nos períodos relacionados à arquitetura de transição entre o Moderno e o pós-moderno (1970-1980) e as expressões arquitetônicas contemporâneas (a partir de 1980).

No capítulo 3 apresenta-se um breve histórico sobre o contexto da verticalização arquitetônica alagoana, buscando compreender as posturas arquitetônicas adotadas.

O capítulo 4 é composto pelas análises das configurações externas dos exemplares, destinando-se à identificação tipológica dos seus projetos arquitetônicos.

O capítulo 5, sendo este o último, apresenta as principais considerações apreendidas sobre o processo evolutivo no processo construtivo das fachadas verticais selecionadas na orla norte de Maceió.

Finaliza-se com a conclusão e as referências bibliográficas utilizadas.

## **1.7 Relevância Temática**

O principal foco da pesquisa atende a uma das qualidades mais impactantes de um edifício, que é a percepção estética e simbólica de sua fachada, já que se relaciona diretamente à sua história, a uma época específica, fatores de regionalidade cultural, práticas construtivas, assim como os meios e matérias-primas disponíveis. Em seu texto, *O Design em Superfícies de Fachada e suas Funções Básicas*, Gondim (2008) esclarece que atreladas à tais questões, seguem demandas no âmbito funcional: como critérios de função estéticas, construtivas,

mercadológicos, e econômicos, além de seguir os parâmetros estabelecidos em legislação urbanística específica.

O projeto de fachadas, e, suas formas, derivam de uma solução proposta, que seguem uma série de parâmetros, tais como insolação, estilo arquitetônico, estética do projeto, revestimentos, circulação, tamanho do lote, e até mesmo serviços urbanos, determinam demandas às propostas apresentadas (GONDIM, 2008, p.82).

Sobre este contexto, detectou-se a constante necessidade de ampliação dos estudos e pesquisas na área, diante da necessidade de melhor entendimento da construção da paisagem urbana da região, de modo a propor uma reflexão sobre as consequências da produção prático-teórica da arquitetura. Acredita-se que a análise das características tipológicas, poderá esclarecer os principais motivos metodológicos nas atividades projetuais em cada período em estudo, além de poder relacionar as mudanças destes aspectos aos contextos que possibilitaram sua ocorrência.

## **1.8 Principais Referências**

A respeito da revisão de literatura, buscou-se formar um quadro de referências teóricas sobre a arquitetura mundial e no Brasil, na época especificada, no sentido de apreensão teórica do assunto. Reconhece-se na compreensão inicial e as ponderações sobre as diferenças entre os conceitos derivados do grego “Typos”, referente à matriz, molde. O Tipo advém da ideia por trás da aparência singular de uma edificação, e Tipologia, relativa à descrição dos elementos que compõem a fachada. Critérios esclarecedores na análise dos projetos e plantas de fachada desta dissertação. É primordial compreender que a cada novo modelo empregado, novas interpretações surgem de um mesmo elemento. O arquiteto reinventa o modelo. Esta nova interpretação do modelo para se chegar num “novo” objeto, que embora apresente semelhanças do original, cria uma identidade própria, decorrente de novas aplicações e usos. A consciência sobre a diferenciação de tais expressões, indica o reconhecimento da produção arquitetônica sem o conceito prévio da utilização de elementos construtivos, independentes de inovações e elementos inéditos. Muito embora o ato de duplicar, pura e simplesmente, implica na cópia, uma mera repetição de um modelo (MONTANER, 2012).

Como elementos caracterizadores da tipologia em fachadas, utilizou-se como quadro de referências os critérios de análises desenvolvidos nas seguintes obras:

Leão (2011), que com sua tese, **As fachadas da casa moderna**, ampliou e aprimorou critérios de tipificação, atualmente disponíveis através do estudo sistemático em A fachada da casa unifamiliar moderna no período 1915-1960. A autora fundamentou um sistema de categorias sobre oito critérios gerais: relação entre estrutura de suporte e vedação; espessura das vedações; espessamento da superfície; camadas constituintes; base e coroamento; composição dos elementos; relação fachada-interior; hierarquia de frente e fundos.

Cavalcante (2014), através de suas análises em sua tese **Diálogos da forma na orla de Maceió: edifícios verticais 1980-2012**, sistematizou estratégias projetuais dos arquitetos em edifícios verticais da orla, em um conjunto de informações fundamentais sobre estratégias projetuais empregadas na concepção de edifícios verticais situados na orla de Maceió, identificando diálogos e dissonâncias no repertório arquitetônico das edificações localizadas na orla marítima alagoana.

Os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa embasados no referencial teórico supracitado têm como principal fundamentação o alcance dos conhecimentos, aplicando o método de abordagem indutivo, considerando o raciocínio que, após consideração de um número suficiente de casos particulares, conclui-se numa verdade geral.



## **CAPÍTULO 2**

## 2.1 Considerações Iniciais: o habitar verticalizado

Nádia Somekh (1997) considera que o modo de morar em edifícios no Brasil percorreu um trajeto diretamente proporcional às transformações sofridas pela sociedade. No Brasil, a verticalização dos seus edifícios, tem início no século XIX, precisamente a partir da metade dos anos 1930, com maior incidência nas capitais paulista e carioca. A verticalização urbana, sem dúvida, apresenta-se como principal elemento transformador nos quais as metrópoles passaram para um novo padrão urbanístico, surgindo diretamente ligado à escassez e ao elevado preço do solo urbano.

O termo verticalização, associa-se ao desenvolvimento de novas tecnologias, como o surgimento do concreto armado e o domínio diante a utilização dos de elevadores hidráulicos, um dos principais delimitadores do gabarito das edificações (FOLZ, 2005).

O mercado da verticalização brasileira vem ao longo dos anos imprimindo novos padrões na paisagem urbana, sejam nas grandes ou em cidades médio porte, e, suas fachadas, foco.

Em seu Tratado de Arquitetura, datado no Império Romano, Vitruvius já descrevia que a grande concentração de habitantes nos centros urbanos, levaria à necessidade de se construir em altura.

É, pois, necessário desenvolver a inumerável quantidade de habitações, dada a grandeza da Cidade e a incontável multidão de cidadãos. Assim, como não pudessem as casas de um só piso receber tão grande quantidade de habitantes na urbe, a própria realidade obrigou a chegar à solução de crescimento em altura dos edifícios<sup>1</sup>.

Segundo Tramontano e Villa (2000), a intensificação da verticalização não foi decorrente apenas de demanda por habitações, mas de uma rede de relações econômicas, sociais e técnicas, que se relacionaram e criaram uma nova paisagem na cidade. Determinante no novo habitar contemporâneo, o morar em apartamentos no Brasil, consolida-se somente a partir do final da década de 1930, caracterizados aqui, como sendo moradia das classes média e alta. Movimento contrário ao ocorrido em outros países, onde a verticalização surgiu como solução necessária para a questão da habitação social de baixa renda. No Rio de Janeiro e em São Paulo, o processo tem o “ar” de status, luxo, moderno e sofisticação. Diante desta nova dinâmica urbana para a cidade, a verticalização representou uma forma de apropriação do

---

<sup>1</sup> VITRUVIUS POLLIO. Tratado de arquitetura. São Paulo: Martins, 2007. p. 146.

capital e especulação imobiliária conferindo status aos seus moradores, valorização e lucro para os seus agentes promotores (VILLA, 2008). Em Alagoas, afirma Amaral (2009), o período de maior modernização arquitetônica do Estado de Alagoas, data de 1950 a 1964, época que coincide com implementações de desenvolvimento nacional, e o crescimento populacional local.

A população assimilava os elementos plásticos-formais e construtivos difundidos pela elite e os incorporava em seus hábitos construtivos a fim de suprir as necessidades de uma representação simbólica que unificasse os anseios de progresso com o desejo de transpor a realidade (AMARAL, 2009, p.102)

O crescimento da produção de edifícios verticais em Maceió intensifica-se, porém apenas na década de 1980, concretizado diante de um fenômeno de desenvolvimento nas metrópoles brasileiras à época. Fenômeno este, decorrente da crescente migração da população para as metrópoles em busca de melhores oportunidades de vida e de trabalho, a construção em altura foi a alternativa encontrada para abrigar a demanda de pessoas (SOUZA, 1994).

## **2.2 Verticalização em Maceió**

Apresentando um quadro similar aos demais estados brasileiros, à exceção de Rio de Janeiro e São Paulo que já exibiam números representativos na época, em Maceió, o processo de verticalização em edifícios multifamiliares, apresentou-se apenas nos fins da década de 1960, justificado, principalmente, devido à falta de valorização da área, próxima ao mar, indesejada para moradia na época. (ALVES, 2012, p.19).

Neste contexto, Azevedo (2014) enfatiza que o início do século XX a orla marítima não era valorizada e desejada para moradia, pois o sol era considerado um inimigo. Após estudos sobre os benefícios do banho de mar e da exposição ao sol é que as orlas marítimas foram valorizadas, e passaram a ser espaços de maior sociabilidade.

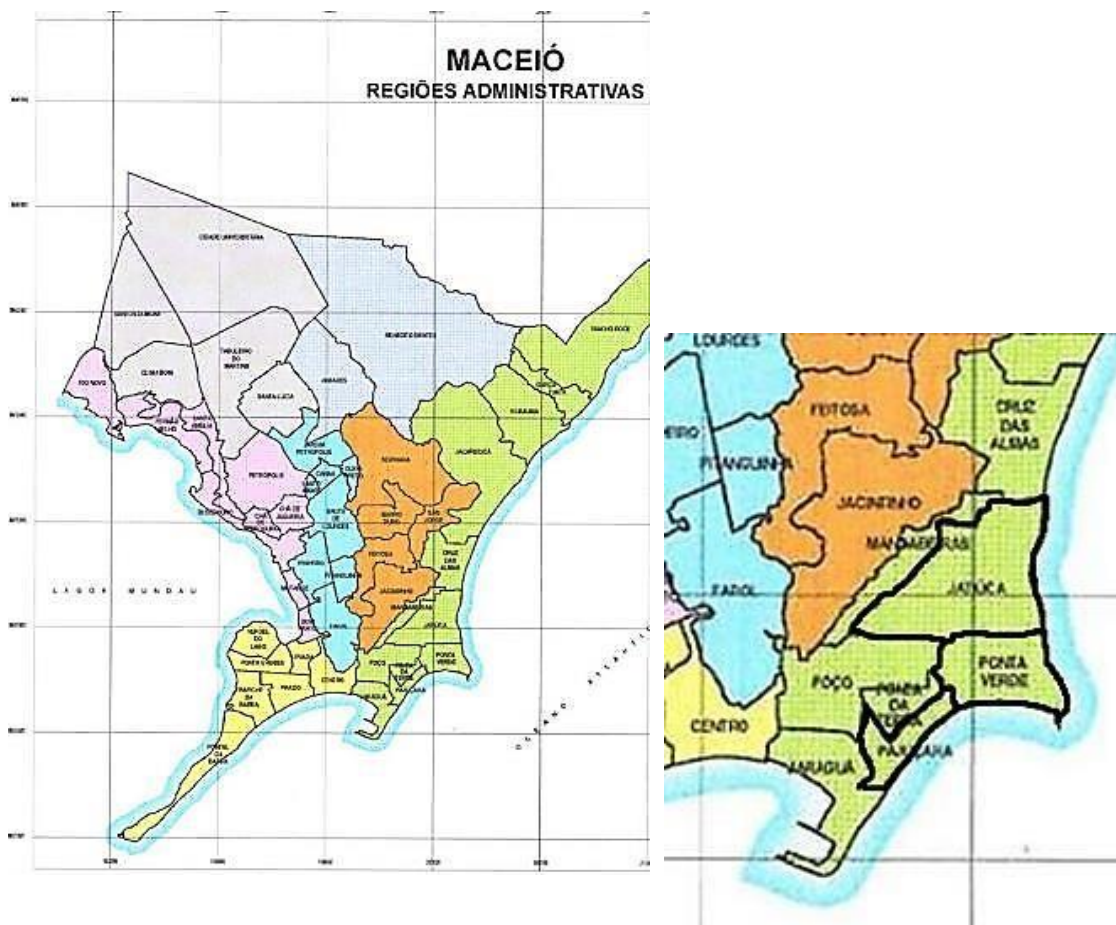
Em decorrência da impopularidade local na época, quanto à proximidade ao mar, constata-se a construção de apenas dois edifícios multifamiliares em altura na orla marítima alagoana na década de 1960, os edifícios São Carlos, de autoria do desenhista Walter Cunha e o Lagoa Mar, do desenhista Israel Barros. Estes projetos desenvolveriam a formação de novos

hábitos e formas de morar para a população, destacando-se da produção residencial realizada até então e representando o progresso tão almejado pela população local. Sob este panorama, amplia-se a produção local, sobre influência da produção arquitetônica pernambucana, que se inicia segundo Moreira e Freire (2007), o processo urbano de verticalização na orla pernambucana. No Recife, com maior intensidade nas décadas de 1960 e 1970, consolida-se essa modalidade de habitação, O edifício alto personifica a imagem de progresso almejada pelas elites locais. (BARBOSA,2009)

Como principais representantes, mencionam-se os arquitetos Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, Como propostas inovadoras, porém agregadas à herança modernista, surgem uma série de elementos, como que se tornariam característicos da escola pernambucana, como o uso de varandas, peitoril ventilado, saques de volumes, cobogós, brises, entre outros detalhes construtivos. Soluções projetuais que adaptaram conceitos modernistas da escola carioca às condições climáticas e construtivas da região (ALVES, 2012, p.20).

Na contramão inicial, contra-argumentos anteriormente negativos, como a proximidade ao mar e a tranquilidade local, tornou-se então um dos principais atrativos econômicos. A especulação imobiliária, ora era valorizada, ora declinava determinadas áreas em detrimento de outras; agregando valores ao solo urbano. Sob este novo contexto, nos quais, o capital, e ações de cunho imobiliário, confirmam-se como principais agentes modificadores desta nova proposta urbana. Multiplica-se então, uma tipologia habitacional na orla alagoana, decorrente da especulação imobiliário e que, segundo Barros (1996), transcorria de determinações políticas das classes burguesas dominantes, que monopolizam através de seu poderio econômico, os ganhos econômicos, decorrentes do monopólio de terras.

Apenas na década de 1970, marcados pela formação de um mercado imobiliário voltado para a concorrência que “preocupa-se em alterar as suas características de produção, com a implantação de novas tecnologias nos seus empreendimentos” (BARROS, 1996, p. 77).



**Figura 1 - Mapa Universo de Estudo**

Fonte: Mapa dos bairros que compõem o recorte (Sem escala). Prefeitura Municipal de Maceió (adaptado).

Consolidou-se um quadro bastante definido das tipologias básicas de apartamentos disponíveis no mercado imobiliário. Afetado diretamente pela ação imobiliária, que incrementou os valores dos terrenos e supervalorizou as construções de multipavimentos. Bairros como Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca, passariam por transformações, materializados com o parcelamento do solo em loteamentos. Evidências iconográficas sugerem uma gênese muito tímida desse processo na década de 1970, apenas notada em décadas posteriores (Figura 3).



**Figura 2 - Área na Ponta Verde, década de 1960.**

Fonte: Disponível em <<http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br>>



**Figura 3 - Orla de Pajuçara. Tipicamente residencial. Década de 1970.**

Fonte: Disponível em <<http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br>>

Neste período, e principalmente nos anos 1980, com Alagoas posicionada em destaque no cenário turístico do Brasil, incrementa-se em Maceió significativo aumento na produção da construção civil. Vários edifícios dão novos ares de modernidade à porção litorânea da cidade. Paulatinamente as mansões dão lugar aos edifícios. É possível observar esta transição na figura 4 que mostra neste período novas propostas urbanísticas na área, priorizando o lazer na orla da cidade. A série de construções, que se iniciou no centro da cidade, segue direção ao bairro da Pajuçara, em seguida, ocupou sítios de vastos coqueirais



dos bairros de Ponta Verde, Jatiúca, chegando à Cruz das Almas e Mangabeiras (CARVALHO, 2007).

Em 1973, o mercado imobiliário alavanca suas vendas, projetando uma nova maneira de morar, mais próxima à natureza, onde a conciliação entre a tecnologia e a vida saudável deveriam andar de mãos dadas. O que acentua ainda mais a valorização dos lotes mais próximos ao mar. É em 1974, na gestão do prefeito João Sampaio, que ocorre a urbanização da orla da Pajuçara no trecho compreendido entre o cais do Porto e o Alagoas Iate Clube (NORMANDE, 2000).



**Figura 4 - Urbanização da orla da Pajuçara. 1973.**

Fonte: Disponível em <<http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br>>

### **2.3 Considerações Atuais – Maceió**

De acordo com o IBGE, Maceió, cidade localizada na região do nordeste brasileiro, na atualidade, apresenta o primeiro maior contingente populacional do estado do Alagoas, abrigando cerca de 1.012.382 habitantes em 2018. O recorte em estudo (Figura 1), os bairros Pajuçara (656Km<sup>2</sup>), Ponta Verde (1375 Km<sup>2</sup>) e Jatiúca (2,9 Km<sup>2</sup>), estão localizados na orla nordeste da capital, e apresentam atualmente, um dos percentuais mais adensados da cidade, resultado do quadro apresentado nos últimos anos, de grande especulação imobiliária; intensificado principalmente a partir dos anos 1980. Ainda segundo o IBGE (Censo de 2010), os bairros de Pajuçara apresentam população de 3.711 habitantes, Ponta Verde, 24.402 e Jatiúca, 38.027 habitantes.

Os dados coletados confirmam que as regiões onde estão localizados os bairros da pesquisa, apresentam-se como polos de uma macrorregião com mais de um milhão de habitantes. Números que definem que estes bairros, em especial no que se refere aos arranjos espaciais das moradias verticais, por seu grande número populacional, não são apenas transformadores na paisagem urbana, mas, sobretudo modificadores no modo de viver de seus habitantes. Processo este, contínuo, à medida que a cidade se modifica.

#### **2.4 Relações Edifícios (1970)**

A partir do quadro apresentado, observa-se a importância de compreender melhor a dinâmica e trajetória das tipologias em fachadas dos edifícios multifamiliares nos edifícios (1970-1999). Acredita-se ainda, que a análise das características tipológicas dos edifícios multifamiliares em altura, será essencial ao entendimento das principais metodologias projetivas no período, além de poder apontar as principais mudanças dos aspectos projetuais relacionadas ao contexto de sua ocorrência.

Segue quadro dos edifícios construídos na década de 1970, dentre os quais escolheu-se os exemplares analisados. Reafirma-se a importância dos dados obtidos através das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura (GEPA) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, que contribuíram para melhor compreensão do processo da verticalização na cidade de Maceió. Pioneiros na verticalização multifamiliar alagoana, os edifícios Barroca (1973), Jangada (1973) e Praia Verde (1974) construídos na Ponta Verde e Pajuçara (Tabela 1).



Nº.	ANO	EDIFÍCIOS	BAIRROS
1	1973	BARROCA	PONTA VERDE
2	1973	JANGADA	PONTA VERDE
3	1974	PRAIA VERDE	PONTA VERDE
4	1975	DONINA CARNEIRO	PONTA VERDE
5	1975	LENNIE NICHOLS	PONTA VERDE
6	1975	STATUS	PONTA VERDE
7	1976	CARAVELA	PONTA VERDE
8	1976	ATLÂNTIDA	PONTA VERDE
9	1976	BIARRITZ	PONTA VERDE
10	1976	KANANDÚ	PONTA VERDE
11	1976	SOLAR GRAC. RAMOS	PONTA VERDE
12	1976	VERSAILLES	PONTA VERDE
13	1976	PORTO DA BARRA	PONTA VERDE
14	1976	SAVEIRO	PONTA VERDE
15	1978	COSTA VERDE	PONTA VERDE
16	1979	VELEIRO	PONTA VERDE
17	1979	FRAGATA	PONTA VERDE

**Tabela 1 – Relação dos Edifícios construídos no recorte, nos anos 1970.**

Fonte: GEPA (2017).

## 2.5 Considerações sobre o Capítulo

Ao longo de quase cinquenta anos, a região apresenta constante evolução no padrão construtivo de seus edifícios, com variações tipológicas e a expansão de novo modelo de moradia, que provocou uma série de transformações na morfologia e na estrutura urbana na orla alagoana.

Para tal entendimento, o capítulo 01 apresentou os principais referenciais teóricos, relacionados aos conceitos de análise de tipologias de fachadas arquitetônicas, e também evidenciou uma contextualização histórica, apontando aspectos relativos à cidade de Maceió, como seu processo de verticalização e o início da produção vertical no espaço urbano alagoano, com o intuito de melhor compreensão do objeto de estudo.

Observa-se que dos primeiros edifícios familiares coletivos, até os atuais há uma considerável diversificação das soluções compositivas das fachadas, que não são abordadas de maneira ordenada e sistemática na literatura acadêmica. Surge então, a necessidade de

desenvolver-se uma revisão e reflexão, sobre o conceito de “fachadas” no âmbito da produção verticais multifamiliar, onde se procurou analisar e sistematizar, através de sua evolução histórica, origens e transformações, o seu desenvolvimento, relacionando-o à evolução tecnológica, tipológica e urbana da produção dos edifícios no universo de estudo.

Os conceitos aqui apresentados possibilitam um melhor entendimento a respeito da análise, a partir do projeto arquitetônico e dos diversos condicionantes que envolvem o assunto, confirmando a necessidade de aprofundamento na área, sendo possível compreender o projeto de fachadas arquitetônicas desta tipologia de habitação, através de suas volumetrias e condicionantes espaciais.

## **CAPÍTULO 3**

### 3.1 Tipo e Tipologia na Arquitetura

Neste capítulo através da conceitualização do tipo arquitetônico, sob uma perspectiva histórica, busca-se compreender “o modelo arquitetônico,” e suas influências da produção construtiva. Além disso, a apreensão de tais conceitos auxiliou na análise projetual das fachadas analisadas nesta dissertação, que tem como um de seus objetivos, verificar ao longo da história e se há recorrências de tipologias na produção de fachadas nestes edifícios de apartamentos.

Para tal, considera-se a obra arquitetônica como objeto original e único, ou como manifestação artística derivada de propostas anteriores, por apresentarem semelhanças nas suas funções ou formas, podendo ser agrupados em tipos semelhantes. Tais considerações despertam um maior aprofundamento sobre o conhecimento do Tipo e Tipologia na arquitetura.

### 3.2 Breve Histórico

Teóricos e estudiosos da arquitetura acreditam que a origem dos estudos conceituais sobre o Tipo arquitetônico remonta desde os estudos apresentados pelo teórico francês Antoine Chrysostome Quatremère de Quincy (1755-1849) no *Dictionnaire Historique de l'Architecture* (1832), no qual, concentram-se os primeiros registros sobre o assunto. As pesquisas de Quatremère de Quincy buscavam diferenciar os conceitos de tipo e modelo. Para Quincy, era preciso clareza acerca da compreensão da palavra “tipo”, a falta de compreensão, traduzia-se no conhecimento equivocado de inúmeras obras, graças ao equívoco de se considerar o tipo como um modelo, derivando de uma cópia idêntica (CARVALHO, 2008, p. 21).

A palavra tipo não representa tanto a imagem de uma coisa a ser copiada ou imitada perfeitamente como a ideia de um elemento que deve ele mesmo servir de regra ao modelo. [...] O modelo, entendido segundo a execução prática da arte, é um objeto que se deve repetir tal como é; o tipo é, pelo contrário, um objeto, segundo o qual qualquer pessoa pode conceber obras que não se assemelharão em nada entre si. Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo. Assim vemos que a imitação dos tipos nada tem que o sentimento e o espírito não possam reconhecer. (QUINCY. “Type”. Op. cit., Tomo III, p.543).

Após anos, sem abordagens relevantes sobre a temática, apenas na década de 1960, o tema foi especialmente difundido por teóricos e críticos de arquitetura, tais como, Aldo Rossi (1977), Giulio Carlo Argan (2000) e Edson Mahfuz (1984). Vastamente pesquisada nas décadas de 70 a 90, até hoje continua sendo matéria multidisciplinar, objeto de pesquisas acadêmicas e estudos teóricos.

Seguindo as reflexões apreendidas a partir de considerações mais atuais, conclui-se que, qualquer obra de arquitetura pode ser analisada sob diferentes aspectos, E, que a partir da análise em arquitetura, utilizando-se dos mais diversos artifícios, tais como organogramas ou fluxogramas, é possível apreender condicionantes ligados à concepção de seu projeto, tais como funcionalidade, aspectos plásticos e estéticos. Desta forma, o conceito de tipo arquitetônico, estaria diretamente ligado ao ato da concepção arquitetônica, baseado no fato relevante da produção ligada diretamente às particularidades formais e funcionais evidentemente equivalentes (TAVARES FILHO, 2005).

O surgimento de um tipo é condicionado pela existência de uma série de edifícios que têm entre si uma evidente analogia formal e funcional. A produção tipológica expressa permanência de padrões espaciais consolidados na memória. Em outros termos, quando um tipo se fixa na prática e na teoria da arquitetura, ele já existe numa determinada condição histórica da cultura, como resposta a um conjunto de exigências ideológicas, religiosas ou práticas da sociedade. “As correntes críticas mais inclinadas a admitir o valor e a função dos tipos na produção arquitetônica são aquelas que interpretam o espaço arquitetônico em relação ao caráter simbólico” ARGAN (2000. p. 66).

Para o emprego correto da análise em Arquitetura, é de suma necessidade a distinção de diferentes conceitos relacionados à temática, tais como: tipo, modelo, protótipo, arquétipo, antítipo, etc. Para tal entendimento utiliza-se Argan (1962), um dos teóricos pioneiros a retomar o estudo da “tipologia” no século XX, utilizando como parâmetros as formas puras propostas pelos arquitetos iluministas. Utilizando-se do conceito de tipo apresentado por Quatremère de Quincy, Argan acrescentou que a tipologia não é sistema de classificação puramente, e sim um processo criativo (MONTANER, 2012).

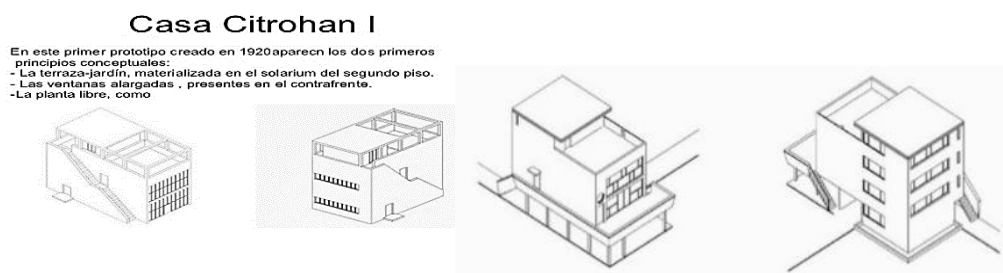
Para Argan (2001), a concepção do Tipo, estaria relacionada a uma equivalência formal e funcional aos edifícios. Também acrescentou que a tipologia não seria apenas um sistema classificatório, e sim um processo criativo. E, afirma ainda que para se determinar a tipologia de determinada obra, seria necessário um processo de comparação, onde as

principais características decorreriam da superposição das formas individuais, eliminando-se os caracteres específicos, e preservados os elementos que são comuns. Portanto, a configuração do tipo é resultado de um processo onde ocorreriam a redução de variantes formais, numa base comum. A forma-base, ou seja, a essência do edifício deve ser tomada como princípio para variadas possibilidades formais.

O conceito de tipo na arquitetura é frequentemente confundido com outros diferentes conceitos relacionados ao tema: tipo, protótipo, arquétipo, antítipo, modelo, etc. Na arquitetura é necessário considerar que a utilização de um tipo, não acarreta necessariamente o emprego de cópia. A cada nova cópia empregada, novas interpretações. O indivíduo reinventa o modelo. Esta reinterpretação do modelo singular, para se chegar num “novo” objeto, que embora se apresente diferente do original, cria uma identidade própria, decorrente de novas aplicações e usos, Já o ato de duplicar, pura e simplesmente, implica na cópia, uma mera repetição de um modelo (MONTANER, 2012).

Confirmando a reflexão, Montaner (2012) explana que o modelo age como um protótipo – produzidos, principalmente durante o Movimento Moderno, em referência a Revolução Industrial mecanicista, no modo de produzir em série da produção a ser copiado, transformando-se num “padrão” construtivo, graças aos milhares de exemplares produzidos. São exemplos representativos desta fase da arquitetura, a casa Dom-Inó (1914), a casa Citrohan (1920) e as unités d’habitation (1952), de Le Corbusier, e o Pavilhão de Barcelona (1929), de Mies Van der Rohe.

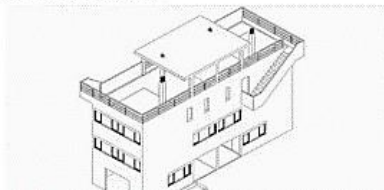
Toma-se como exemplo, o precursor arquitetônico, concepção inicial do que seriam os cinco pontos característicos do Modernismo de Corbusier.



**Figura 5 – Casa Citrohan (1920) – Protótipo I, III – Sistema Domino (Corbusier)**  
 Fonte: Johao Rodríguez H (jul. de 2008).

## Casa Citrohan IV

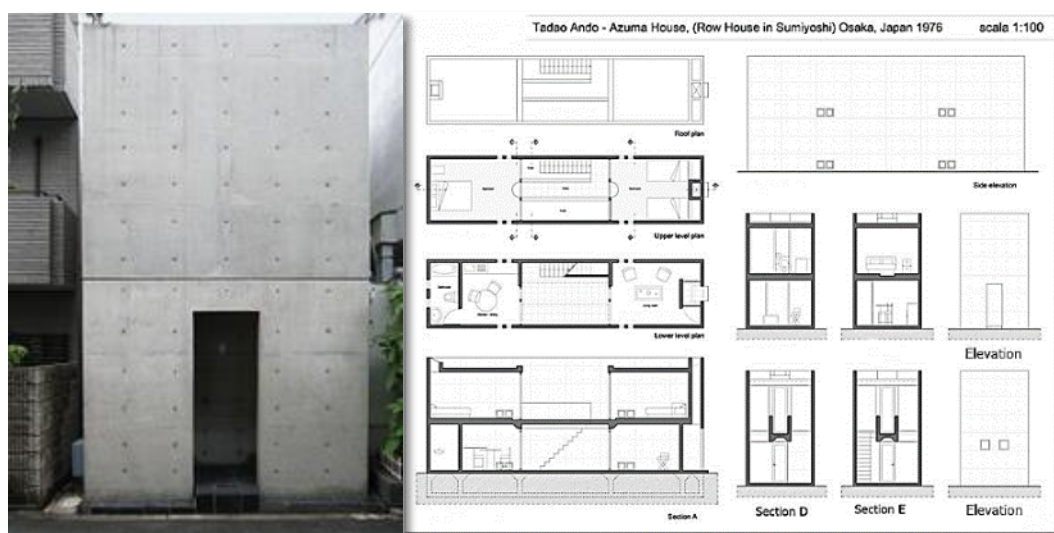
Esta versión creada en el año 1925 fue la única construida en serie. En esta no aparecen los pilotis, y utiliza por primera vez las ventanas alargadas en todas sus fachadas, que cinco años después se pondría en juego en la Villa Savoie.



**Figura 6 – Casa Citrohan IV (1925) – Único protótipo do estudo, construído em série.** Podemos ver o emprego inicial de nenhuma entrada de índice de ilustrações foi encontrada pilotis, janelas em série. Cinco anos posteriormente, o arquiteto conceberia a Vila Savoye.

Fonte: Johao Rodríguez H (jul. de 2008).

Já na arquitetura baseada em arquétipos, derivariam de formas que absorvem formas essenciais, tais como o arco, o dólmen, o templo, a cabana primitiva. Exemplificadas na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha e Tadao Ando (MONTANER, 2012).



**Figura 7 – Row House (Casa Crua- 1976) – Tadao Ando.**

Fonte: Disponível em <<https://arquitrabalhos.wordpress.com/2011/04/17/minimalismo/>>

Já no século XX, segundo Pereira, (2012), as noções de tipo e tipologia, como ponto de partida para o projeto arquitetônico não são vistos com bons olhos pelo Movimento Moderno, dito funcionalista. Tal crítica baseava-se na defesa da produção de caráter individual na produção arquitetônica. Na cultura contemporânea, o conceito de tipo básico, já não atenderia a ordem tipológica convencional nas quais foram concebidas. Após a revisão projetual decorrente da industrialização, constatou-se a existência de novos critérios objetivos de tipificação, aliados as mudanças tecnológicas e sociais, onde o tipo seria qualificado, como um conceito variável.

Considerações estas, confirmadas por Rafael Moneo, que em seu texto, "Sobre Tipologia" (1978), que conceitua a ligação direta entre as ideias de mudanças e transformações na tipologia. Para o autor, diferente de uma categoria, tipo seria um instrumento, variante com o tempo e as investigações realizadas, enquanto tipologia é o estudo dos diferentes tipos. Rafael Moneo acredita que o conceito de tipologia provoca a ideia de mudança e transformação. Para ele, o tipo é estrutura, e a mudança ocorre em seu interior como resultado necessário para a discussão contínua da história (MONTANER, 2012).

Mahfuz (1984) conceitua que a temática conceitual tipológica abordada neste capítulo, demanda na retomada ao contexto deste tipo de abordagens relativas à tipologia na arquitetura, objetivando-se no sentido no qual o conceito possibilitaria, aliados à história, como fontes de pesquisas e inspiração, sempre que a intenção seja o resgate de princípios de antecedentes arquitetônicos.

Tal importância, até mesmo na arquitetura moderna, período onde se defendia um discurso de ruptura, configura-se assim, como um esquema de distribuição de elementos relacionados a uma época, funções especificadas.

Processo de concepção arquitetônica através da essência da arquitetura e não apenas de sua aparência, uma vez que o tipo é a própria ideia de arquitetura, aquilo que está mais próximo de sua essência (ROSSI, 2001).

Conclui-se a importância do tipo, como um instrumento analítico, por não se tratar meramente de uma categoria isolada. Varia com o tempo, de acordo com as investigações realizadas. Para tal, a tipologia, ciência que estuda os tipos, é muito utilizada na área de estudos sistemáticos e auxilia na definição de diferentes categorias. Nesse sentido, o entendimento do conceito de tipologia foi de suma importância para as análises das tipologias dos edifícios residenciais verticalizados realizadas nos capítulos seguintes desta dissertação.

### **3.3 Fachadas – Do Moderno ao Contemporâneo**

Dentre os muitos elementos e adornos que compõem ou complementam a arquitetura, a fachada é sem sombra de dúvida, o componente que mais evidencia uma determinada obra. Sendo a percepção estética e simbólica de uma fachada a tradução de um estado contemplativo entre o interior e exterior do edifício, traduzindo a perfeita união entre o conceito do autor e sua obra final revelada, ao tempo que se condicionam diretamente à sua concepção a uma época específica, fatores de regionalidade cultural, práticas construtivas, além de seguir os parâmetros estabelecidos em legislação urbanística, tecnologia e matérias-



primas disponíveis. Seguindo tal premissa, apóia-se em sua concepção, métodos construtivos que aliem antes de mais nada, conforto e bem-estar ao usuário.

Não responde apenas ao programa interno nem tampouco é uma simples “máscara” exterior, sem vinculação com o que se passa dentro, característica atribuída à fachada pré-moderna. É, por um lado, um elemento pragmático, um filtro ambiental e climático que protege da intempérie, controla e regula as trocas entre interior e exterior. Por outro lado, é um filtro entre os domínios público e privado, situação em que tem função representativa e simbólica (LEÃO, 2011, p. 23).

Considerações sobre fachadas na arquitetura moderna e contemporânea, originam-se da necessidade prática de conhecimento sobre a temática, necessidade recorrente dos profissionais de arquitetura, diante das questões que envolvem soluções de fachadas edificadas, marco da síntese das forças internas e externas, comumente elaboradas posteriormente às soluções em plantas. Cercadas de dúvidas, denotam usualmente, um descompasso de criação quanto à antecedência e a forma final na concepção projetual.

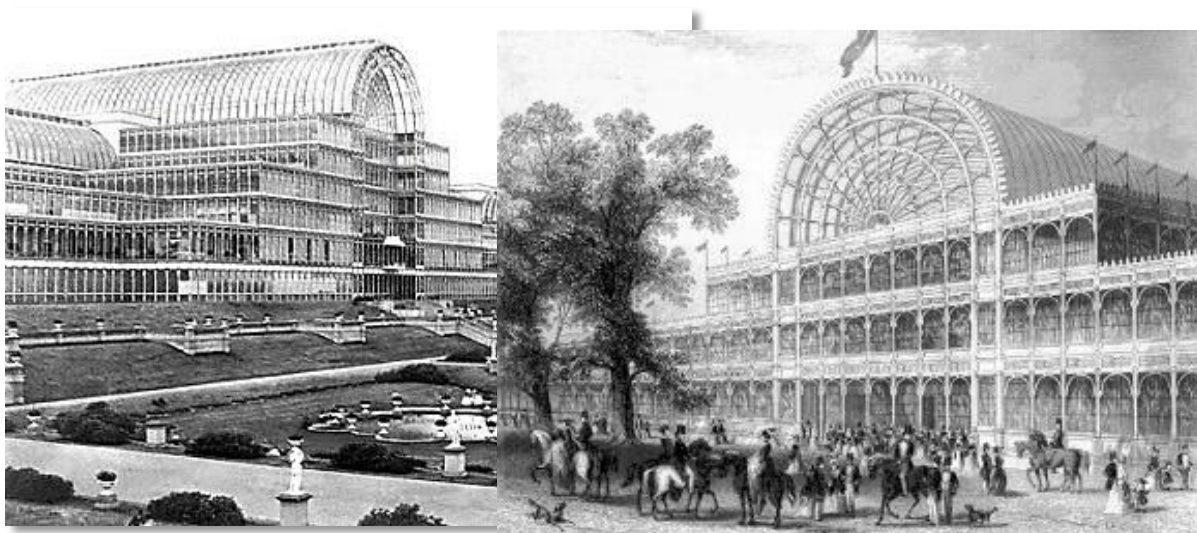
Para melhor entendimento deste processo, serão abordadas neste capítulo, a partir da segunda metade do século XIX, as principais expressões arquitetônicas no cenário nacional e internacional relativas à temática. Para melhor entendimento do assunto e de sua abordagem pela historiografia e crítica modernas, se faz necessária uma revisão mais abrangente sobre o conceito de fachada, considerando sua evolução ao longo de alguns dos principais períodos históricos em arquitetura.

### **3.3.1 Contextualização das fachadas no modernismo**

De acordo com Folz (2005), até o início do século XIX os sistemas construtivos usuais mais utilizados eram as estruturas em madeira e em alvenaria. Na segunda metade do século XIX, com o domínio sobre novas tecnologias de materiais e formas, a arquitetura seguiu novos caminhos. Como principal fator propulsor encontra-se a invenção do elevador de passageiros, em 1853, possibilitando a construção dos grandes prédios, seguidos do domínio do aço estrutural, concreto armado e o vidro laminado de grandes dimensões.

A Europa apresentou inicialmente o domínio sobre algumas técnicas construtivas desenvolvidas na época. Início de novas práticas, projeto de Joseph Paxton, o Palácio de Cristal foi um dos marcos mais significativos na arquitetura, tanto pelo distanciamento dos estilos arquitetônicos até então vigentes, quanto por ser considerado pioneiro numa construção totalmente pré-fabricada em ferro e vidro em escala industrial. Localizado em

Londres, foi palco da Grande Exposição em 1851, construído em dez meses, tempo recorde na época, apresentou sua forma estruturadas completamente em ferro fundido (FOLZ 2005).



**Figura 8 – Palácio de Cristal – Londres**

Fonte: Disponivwel em <<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/2010/09/palacio-de-cristal-londres-inglaterra.html>>

Segundo Carvalho (2008), logo após o domínio do ferro, aparece o concreto armado, patentado pelos engenheiros Hennélique e Coignet, na França, em 1890. A resistência à compressão, e a tração do aço, permitiam a moldagem em qualquer formato, facilitando a produção em série, possibilitando a utilização da planta livre e das grandes aberturas, graças à substituição das paredes por esqueletos estruturais, marcos do Modernismo. “Ao final do século XIX o concreto alcança grande aceitação tanto no mercado consumidor quanto no meio técnico, em detrimento da alvenaria e do aço” (FOLZ, 2008, p. 169).



**Figura 9 – Home Insurance Building.**

Fonte: Chicagology.com

Com o domínio técnico de tais materiais, em 1885, em Chicago, constrói-se o primeiro edifício de dez pavimentos, o Home Insurance Building, marco na história da união da alvenaria e o aço em prol de maiores alturas em edifícios (CARVALHO, 2008).

Impulsionados por uma preocupação generalizada com a habitabilidade e a sustentabilidade, os arquitetos passaram a criar fachadas mais complexas, compostas por várias camadas e utilizando os mais variados materiais. A partir daí a aparência das fachadas e, conseqüentemente, dos edifícios, modificando em grande parte os modos de obtenção de sombreamento, ventilação e disposição do espaço interior (REGINO, 2009).

Dominadas novas tecnologias, a Bauhaus, na Alemanha, Le Corbusier, na França, e Frank Lloyd Wright nos EUA, denotam rompimento com os conceitos antigos, como cultos a tradições e a razão, consolidando um urbanismo desenvolvido sobre condicionantes capitalistas, amparados em novas tecnologias e na industrialização.

As novas fachadas abraçam maiores aberturas, onde fatores climáticos são melhores controlados, graças a inércia térmica produzida (ODEBRECHT, 2007). Em referência a produção específica das fachadas na época, Leão (2011) em sua tese cataloga a existência de grupos que abordavam a produção de fachadas de diferentes maneiras:

Os que defendiam a existência de fachada, pregando o fim da hierarquia entre frente e fundos, ou seja, a equivalência entre as faces do edifício, como Hitchcock (1929); Bruno Taut (1929); Le Corbusier (1930); Mumford (1938). Os que atribuíam à fachada moderna um papel irrelevante, priorizando os espaços internos dos edifícios, a fachada seria apenas resultante deste processo. Como Zevi (1948-50), seguidor de Wright, e seus adeptos. (LEÃO, 2011, p. 22).

Corbusier figura mais significativa no movimento, apresentava o fim da hierarquia entre fachadas, e, para tal, o arquiteto tiraria partido do uso do ferro ou concreto armado, em busca de substituição do “plano paralisado”. Esta prática definiria posteriormente uma nova linguagem arquitetônica para o século XX. O arquiteto não aderiu à planta de dentro para fora, proposta no modernista, fundamentada na ideia de frontalidade. Mesmo não seguindo aos padrões estabelecidos no movimento, o emprego de adornos em fachadas foi profundamente questionado, e, essas mudanças levaram à seguinte questão de que as fachadas deveriam ser deixadas livres, configurando a expressão de uma nova tecnologia construtiva (MOREIRA, 2005).

Tais contradições condicionam questionamentos sobre a importância do ornamento nas fachadas.

### **3.3.2 A questão do ornamento**

O pós-modernismo arquitetônico emerge nos anos 1960, tendo Robert Venturi (1925) um de seus principais mentores, surgindo da insatisfação a postura do Movimento Moderno diante a questão do ornamento. Condicionados diante das ideias de industrialização, economia e o recém descoberto noção do design, acreditava-se que os edifícios deveriam ser econômicos, limpos de ornamentos inúteis.

Venturi, ferrenho crítico da arquitetura moderna, publicou seu manifesto *Complexidade e Contradição na Arquitetura* em 1966, tido como uma das bases das transformações que ocorreriam na arquitetura nas décadas de 1970 e 1980. Neste sentido, entre aceitação e contestação, duas máximas permearam o período do moderno: “Menos é Mais”, frase cunhada pelo arquiteto Mies Van der Rohe e “A Forma Segue a Função”, do arquiteto proto-moderno Louis Sullivan. Estas sentenças sintetizam bem o ideário moderno, ainda que em vários momentos tenham sido confrontadas (BENEVOLO, 1976).



**Figura 10 – Villa Muller (Adolf Loos) Praga, 1928**

Fonte: Disponível em <[http://www.waymarking.com/waymarks/WMTZ1D\\_Villa\\_Mller\\_By\\_Adolf\\_Loos\\_Prague\\_Czech\\_Republic](http://www.waymarking.com/waymarks/WMTZ1D_Villa_Mller_By_Adolf_Loos_Prague_Czech_Republic)>

Moreira (2005) considera que se contrapondo aos preceitos de Loos, Venturi pregava que a arquitetura deveria traduzir comunicação, segundo o autor, um edifício deve ser projetado unindo forma e função, construção, estrutura e volume e decoração atreladas. O edifício Institute for Scientific Information (ISI) de Venturi & Scott-Brown, localizado na Filadélfia, dos anos 70 exemplificam o contexto do partido arquitetônico embasado em caixas sobrepostas, superfícies simples, que ganham notoriedade apenas com a ornamentação exterior que lhe é aplicada. A obra marca uma transformação na forma de pensar e definir uma fachada. De acordo com o conceito de decorated shed<sup>2</sup>, Venturi definiu a fachada como espaço representativo numa expressão arquitetônica. O ornamento traduzido em simbolismo arquitetônico.

---

<sup>2</sup> Galpões decorados de Venturi. Conceito de design contemporâneo caracterizado por edifícios geralmente de design puramente utilitarista, mas com frentes destinadas a dar-lhes mais grandeza ou para anunciar suas funções.





**Figura 11 – Robert Venturi/Scott Brown: Institute for Scientific Information, (ISI), Philadelphia, 1978**

Fonte: Disponível em <<http://friendsofsardarch.photoshelter.com/image/I00008FSANs3jAP0>>

Pode-se observar que as fachadas de Venturi preconizam o uso de revestimentos cerâmicos coloridos, como adorno, prática extensiva aos dias atuais. O autor utiliza-se também da disposição em janelas em fita, representadas por longas faixas, que percorrem toda a extensão do pavimento. Muito embora as críticas negativas apresentadas a Venturi, não se pode deixar de considerar a notável contribuição do arquiteto à arquitetura contemporânea, que desmistificava a arquitetura de Le Corbusier, que pregava superfícies neutras e limpas. Com essa postura desafiadora, Venturi & Scott Brown quebraram estigmas arquitetônicos, abrindo novos caminhos para o desenvolvimento arquitetônico; e, apesar da ideia de transgressão, suas obras não parecem contrariar as lições de Loos, citado anteriormente, visto que trabalham intrinsecamente apenas com os materiais (MOREIRA, 2005).

Ainda considerando os conceitos apresentados por Moreira (2005), tem-se a reafirmação desde o século XIX até a atualidade o vidro, como um dos materiais mais utilizados na construção de fachadas edificadas. Exemplificada primariamente desde os trabalhos de Mies Van der Rohe, reconhecido como pioneiro de arranha-céus edificadas em aço e vidro. Como elemento ornamental, apresentou-se como um dos elementos mais desafiadores na postura criativa em projetos de fachadas verticalizadas. Objeto de várias posturas críticas à sua larga utilização, o vidro até hoje não apresenta unanimidade quanto ao seu uso. Houve um momento de questionamento ao fechamento completo de vidro. E, ao final

dos anos 1950, quando a parede espessa ou fachada cortina opaca ganharam espaço, na prática poucos edifícios adotaram a transparência total, mesmo que este preceito fosse um ideal presente em muitos escritos e projetos teóricos do início do século.

Segundo Moreira (2005), Josep Luís Sert (1902-1983), influente arquiteto espanhol do século XX, denominou como “monótonos” os grandes arranha-céus de vidro do pós-guerra. Sert levantou a questão do uso indiscriminado de um produto até então utilizado de maneira mais comedida. Procurava levantar questões como a rotina prática de uso, não se levando em conta proteção solar, ou estética. Rejeitava modismos, e, em relação ao uso extensivo das fachadas de vidro, pregava o emprego de outros artifícios construtivos, tais como brise-soleils e azulejos.

Considera-se que determinados movimentos ou estilos arquitetônicos delineiam suas composições e empregos construtivos, bem como ornamental seguindo uma determinada linha de concepção artística, empregada num determinado período temporal. Embora, não exista uma cartilha de como se devam portar, usualmente os projetistas se vêem em posição quase que imperativa para emprego de determinadas técnicas usuais por modismos ou tendências globais. Não obstante se verifique a não “obrigatoriedade” de tais soluções, a contestação é sempre plausível, como se observa no embate entre Loos e Venturi. É primordial e salutar as críticas às diferenças.

### **3.4 Considerações sobre a Fachada Modernista no Brasil**

Manifestação artística e cultural, iniciada na Europa, começou a se difundir no Brasil a partir da primeira década do século XX, através de manifestos de vanguarda, principalmente em São Paulo, tendo como “estopim” a Semana da Arte Moderna, realizada em 1922. Destaca-se a importância de que no Brasil nas décadas de 1940 a 1960, período do pós-guerra, a produção arquitetônica local foi intimamente marcada por um grande avanço técnico e econômico, concretizados numa intensa industrialização e urbanização, que representaram profundas transformações sociais. A ideia de fachada continua a ser discutida e transformada após os anos 1960, e até 1975 acirra-se o debate arquitetônico sobre questões de linguagem e conceito de fachada. O movimento principal foi precursor de uma nova fase estética, fundamentada na valorização da realidade nacional, que almejava deixar para trás velhas tradições, tanto na arquitetura, quanto na Arte (LEÃO, 2011).

Segundo Tramontano e Villa (2000), o edifício Columbus, situado na antiga Avenida Brigadeiro Luís Antônio, região central de São Paulo, e projetado por um dos

precursores do Modernismo, Rino Levi, entre 1929 e 1930, é considerado a primeira arquitetura moderna verticalizada de apartamentos. A produção dos edifícios modernistas em São Paulo intensificou-se nas décadas de 1940 e 1950. Os edifícios apresentavam-se sem ornamentações, dominando o cheio sobre os vazios, onde se há uma área de abertura menor que a alvenaria, limpos e traduziam o espírito modernista, com estruturas aparentes, brises e volumes recortados (TRAMONTANO; VILLA, 2000).



**Figura 12 – Edifício Columbus – 1932.**

Fonte: Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2016/09/1811780>>.

De acordo com Lange (1992), os edifícios têm seus limites verticais às fachadas que são as partes mais visíveis dos edifícios, onde a arquitetura sintetiza forças internas e externas. Entretanto, no Brasil, a arquitetura sempre foi capaz de mudar e adaptar-se a novos caminhos. País tropical, onde o conforto ambiental é sem dúvida a principal diretriz da produção das fachadas, propondo maior controle climático das edificações, em detrimento a um dos mandamentos do Moderno, a inércia térmica das fachadas. Neste momento, suas principais heranças na fachada brasileira seriam elementos como cobogós, brises, jardineiras e varandas, desenvolvidos para que se permitissem maior permeabilidade. Observou-se na realidade local, que muitos prédios modernistas apresentam fachadas diferenciadas.

A janela em fita, assim como a varanda, aproxima o morador do espaço externo. Quando as folhas de vidro da janela estão abertas, o espaço interno se comporta como varanda, proporcionando uma visão desimpedida. Durante o dia, a natureza e o movimento



urbano são apresentados ao apartamento. Durante a noite, o processo é invertido, onde a convivência íntima da moradia é exposta para a rua. As paredes de cobogó também revelam o interior do apartamento à rua no decorrer da noite. Elas expõem luz e movimentos de sombra, ocasionados por seus usuários, para o ambiente externo, tornando a fachada em uma espécie de luminária urbana (LANGE, 1992).

No primeiro arranha-céu modernista brasileiro, Edifício Gustavo Capanema, sede do Ministério da Educação – ME, projeto principal do arquiteto Lucio Costa, confirma-se a elevação sob pilotis, liberando o nível térreo para uma grande praça, a utilização de brise-soleil horizontais e móveis, deixando o edifício mais fluído com estrutura independente e a decoração em paredes, (Figura 13), representada nos painéis de Portinari. Um marco da arquitetura brasileira e mundial (COLIN, 2011).



**Figura 13 – Edifício do mês. Projeto Lúcio Costa, e Oscar Niemeyer. 1936.**

Fonte: Disponível em <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com>>

Já no contexto alagoano, descreve Sant’Ana (2003), o período de 1950 a 1964 foi o de maior modernização arquitetônica do estado, coincidindo com o momento de maior empenho por parte do governo em modernizar a cidade, em acompanhamento com o projeto desenvolvimentista nacional. Amaral, V. B. (2009), em sua dissertação de Mestrado cujo tema foi “Expressões de modernidade em Maceió: Uma perspectiva de preservação” destaca como sendo marco do pioneiro do modernismo alagoano, o Edifício Breda, localizado no centro comercial de Maceió, construído em 1958, marco até os dias atuais como referência arquitetônica.



**Figura 14 – Marco do modernismo arquitetônico alagoano, Edifício Breda (1958)**

Fonte: Lines arquitetura architecture geometry centro Maceió-Alagoas

Sem dúvida, o Modernismo “chacoalha” o panorama da arquitetura brasileira, à medida que delineiam novos rumos, apoiadas nos pilares da funcionalidade e fluidez nos edifícios. A rigidez das formas dá lugar a suntuosidade das curvas onduladas das fachadas, limpas, sem ornamentações, com estruturas aparentes, brises, volumes recortados, integração dos ambientes pelo uso do vidro, surgem às platibandas.

Concretizam-se mudanças na forma de edificar, utilizando-se de novos materiais e técnicas. Uma releitura arquitetônica, figura na beleza e função construtiva tornando-se indissociáveis.

### **3.5 O Pós-Modernismo Brasileiro**

Após o modernismo, faz-se necessário o estudo e compreensão do tipo como principal responsável pela apreensão da relação existente entre a arquitetura e a cultura em que ela está inserida (NESBITT, 2010). Segundo Tronca (2011), o pós-modernismo - movimento arquitetônico internacional que surgiu na década de 1960 tornou-se mais representativo no final da década de 1970 e 1980 e manteve-se uma força dominante na década de 1990. Apresentando rejeição a rigidez estabelecida pelos primeiros modernistas, buscava no uso de técnicas de construção, ângulos e referências estilísticas. O movimento nasce em torno dos anos 1960-1970, e depois se espalha para a Europa e resto do mundo. A arquitetura pós-moderna surge como uma proposta crítica e antagônica ao que se praticava na arquitetura moderna. Nasce então, como uma nova corrente arquitetônica cujas propostas arquitetônicas não fora de fácil identificação, já que guardava em suas características,

propriedades das modernas e clássicas, apesar de renegar vários aspectos construtivos praticados anteriormente.

O Pós-Modernismo surgiu não como um movimento unificado de programa internacional. Levou em consideração a história como fonte de informação e também a consciência de que a arquitetura contemporânea não surgiu para mudar a sociedade, tendo apenas um embate específico sobre ela. Assim, a arquitetura pós-moderna é tratada como um pano de fundo para o ser humano real, isto é, os aspectos como a recuperação histórica da arquitetura (tipologias) e a relação do edifício com o meio urbano, harmonizando-o com o entorno, são levadas em consideração, colocando em destaque aspectos qualitativos e não necessariamente revolucionários (TRONCA, 2011).

O pós-modernismo mescla a inusitada sobreposição de elementos de vários estilos arquitetônicos. Na imagem que segue (Figura 15), percebe-se a simetria e os elementos clássicos, misturando-se a elementos construtivos da época (vidro, concreto, etc.), que levanta uma polêmica muito grande acerca da obra, nem sempre agradável aos olhos.



**Figura 15 – Portland Public Services Building, 1982. Michael Graves.**

Fonte: Disponível em <<https://www.alstonarchitects.com/blognews/2017/7/10/graves-portland-public>>

Mahfuz (2009) pondera que enquanto os edifícios pré-modernos se referiam os temas políticos, religiosos e culturais por meio da ornamentação aplicada, sua contrapartida no século XX aludia a componentes do programa ou evidenciava o sistema construtivo. De grande impacto na Europa e nos Estados Unidos, o pós-modernismo no Brasil, não apresentou grande vigor, graças à grande tradição modernista, que mesmo desgastada, não permitiu muito espaço para uma nova crítica de qualidade à produção arquitetônica. Como principais

representes mundiais estão Aldo Rossi na Itália, Robert Venturi, Philip Johnson e Michael Graves nos Estados Unidos, entre outros.

Os principais objetivos do pós-modernismo começam com a sua rejeição direta ao modernismo. A comunicação do projeto às ideias com o público é feita de maneira extensiva, onde o passado de vários estilos arquitetônicos, muitas vezes é retratado de uma só vez. Ao romper com modernismo, também se esforça para produzir edifícios sensíveis para o contexto dentro do qual eles foram construídos. Sua preocupação com o funcionalismo e construção econômica não conseguiu atender às necessidades humanas de conforto humano. Em resposta pós-moderna, arquitetos procuraram reintroduzir ornamento, cor, decoração e escala humana para edifícios. A forma já não deveria ser definida unicamente por seu requisito, função ou aparência.

A chamada “arquitetura pós-moderna” brasileira se reflete em grande parte na adoção dos elementos formais mais óbvios da manifestação norte-americana do “movimento”. Apesar de não haver tamanha representatividade nacional, têm como exemplo Vila Nova Antigas, que mesmo não tendo se desvinculado quase que por completo do Movimento Moderno, mostrava-se crítico e insatisfeito.

No Brasil, a arquitetura da década de 1980, Éolo Maia, traz lembranças da arquitetura de Aldo Rossi e Robert Venturi, principalmente pelo caráter lúdico e instigante. Desenvolveu-se principalmente em Minas Gerais, traduzindo seu estilo em com cores fortes, colagens, superposições de elementos e volumetria inovadora, e mesmo apresentando este caráter, retratava no partido de suas formas, uma herança clássica.



**Figura 16 – Museu de Mineralogia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Éolo Maia.**  
Fonte: Disponível em <<https://arquiteturado brasil.wordpress.com>>



Em Salvador, na mesma década destaca-se o projeto do Centro Comercial Cidadella (1988), do arquiteto Fernando Peixoto, exemplo de ousadia pós-moderna, tanto na concepção de seu partido, quanto formas e cores, inusitadas e escultóricas, além de “lâminas” compostas por cores berrantes, destaque na estrutura do edifício, que é de concreto armado. Neste âmbito, ainda se pode constatar no projeto, a utilização de brises, que variam do cobre ao o cinza. Os brises atuam como uma segunda pele, que esconde os caixilhos, marca registrada do autor, que disfarça as esquadrias, em grandes planos multicolor.



**Figura 17 – Centro Comercial Cidade Jardim.**

Fonte: Disponível em <<https://arquiteturado brasil.wordpress.com>>.



**Figura 18 – (Building Number Two – 1970). Prédio comercial japonês, Ni-Ban-Kahn.**

Fonte: Minoru Takeyama

Traços tão característicos, que serviram de inspiração ao arquiteto, são advindos do estilo de Minoru Takeyama (1934), que empregava *supergraphics* (figuras geométricas) em suas fachadas. Solução fácil de ser copiada, difundida no Brasil em fins da década de 1980, momento econômico e de forte impacto, o qual tem se tornado a estética do mercado imobiliário atual. Nova postura nacional, que por meio de grafismos, denominação dada aos contrastes empregados, resultantes do uso de cores especificadas nas cerâmicas nas fachadas, resultam grandes fachadas de grande impacto visual a baixo custo.

As lâminas, tão características no repertório de Peixoto deixaram de ter caráter exclusivo. Sua fórmula, passível de réplicas, foi sendo naturalmente desgastada por uma repetição sem limites, tal como o concreto, que ditava “moda” no Modernismo. Nacionalmente, surgindo seguidores e imitadores, multiplicando de forma frenética esta prática traduzida num protótipo replicável.

Ao atender esse mercado com um produto diferenciado, passa-se a oferecer uma arquitetura inesperada, como ele mesmo propõe. Surpresa que não se apresenta por suas características construtivas ou volumétricas: nada de formas recortadas, balcões salientes, balanços. Seus edifícios têm plantas com perímetros regulares, volumetrias prismáticas previsíveis, sóbrias estruturas moduladas de viga/pilar racionalizadas ao máximo, evitando soluções encarecedoras. Uma negação explícita da estética da estrutura como arquitetura (ARAÚJO, 1999).

Em Maceió, neste mesmo período, Peixoto (1988), projeta um edifício residencial, localizado na orla de Pajuçara, o edifício Lâmede. Em oposição à herança pós-moderna de Éolo Maia, o grafismo baiano de Fernando Peixoto com seu caráter inovador, e suas cores berrantes, marcou a arquitetura local. Surgem nas Alagoas, inovador e controverso padrão em conceber fachadas. Em Maceió, como em tantas outras cidades, a edificação apresenta-se como uma caixa revestida de grafismos multicolores, amplamente criticados na época pela inexistência de varandas, já que se encontra em frente à praia de Pajuçara. Seu gabarito reduzido, graças ao Plano Diretor local, influi na perda de monumentalidade, tão característico na obra do autor.



**Figura 19 – Edifício Lâmede, Pajuçara, Maceió-AL.**

Fonte: autora, 2018.

Entende-se neste capítulo que apesar do novo geralmente se contrapor ao antigo, nem sempre o exclui. Diferentes posturas projetuais são adotadas quanto à composição plástica das fachadas, desde os primeiros edifícios construídos, até as construções contemporâneas. O partido arquitetônico se reinventa, buscando inovação, fundamentada comumente nas técnicas construtivas disponíveis no mercado da construção civil. Procurou-se inovar na composição de fachadas, apesar da definição de divisões e funções internas dos espaços na habitação continuarem quase sem modificações consideráveis, seguindo o modelo burguês do século XIX (CORONA E LEMOS. 1989).

Um dos mais importantes princípios da composição arquitetônica é o que determina perfeito equilíbrio entre os cheios e os vazios nos paramentos verticais, levando-se em conta as proporções das superfícies e volumes, as cores e a textura dos materiais (CORONA E LEMOS. 1989. p 126).

Na herança arquitetônica, nos mais diversos recortes temporais, percebe-se que as diferentes tendências compositivas arquitetônicas retratadas nas fachadas, refletem uma época e o domínio tecnológico nos quais os profissionais projetistas se inserem. É notório, porém, a duplicidade entre aceitação ou não, aos limites impostos na produção arquitetônica, principalmente na contemporaneidade.

O constante avanço tecnológico atestado nos mais variados campos de atuação tem proporcionado aos arquitetos contemporâneos, maior liberdade na criação, tanto em relação à forma quanto às suas dimensões.

O que conduz a crer que o emprego de novas técnicas ou o de antigas repaginadas numa determinada época, a arquitetura está condicionada à necessidade de adaptarem-se aos novos anseios, propostos por novas gerações, habituadas ao avanço de mudanças mais rápidas.



## **CAPÍTULO 4**

#### 4.1 Análise Compositiva – Fachadas

Para se estruturar uma análise em arquitetura, é indispensável o conhecimento dos detalhes construtivos de um edifício, sempre levando em consideração as circunstâncias sociais e históricas nas quais as tipologias estão associadas. A análise de projeto, que é uma leitura reflexiva e crítica, tem papel importante para o conhecimento de processos e estratégias projetuais de técnicas construtivas, e de espacialidades formais e funcionais.

Leituras e análises espaciais são determinantes na construção de um repertório e como formador de posição crítica e conhecimento teórico, portanto é uma ferramenta fundamental no ensino de arquitetura e urbanismo bem como no aprimoramento profissional (MASINI, 2014, p. 3).

De acordo com Colin (2000), no início do século XX, os arquitetos conduziam o partido seguindo as ordens de que a forma derivava da função. Porém, tal lema gerou muitas controvérsias, à medida que muitos problemas de projeto não encontraram suporte no simples atendimento à funcionalidade. Busca-se então seguindo uma tendência atual a procura um equilíbrio dos sistemas, abandonando a funcionalismo e levando-se em conta, simultaneamente as funções pragmáticas, que relacionam forma e função, e a sintática, que relaciona forma e iconografia. (EISENMAN<sup>3</sup>,2017).

E, muito além das funções, qualquer análise arquitetônica deve considerar ainda, de maneira crítica e reflexiva, um melhor entendimento do processo e estratégias formais e funcionais desenvolvidas no projeto. Na criação de um repertório crítico e teórico, são determinantes as leituras e análises espaciais. Aspecto apresentado por Martins (2017), que afirma que a análise de um edifício pode se dar por meio de quatro aspectos: o vocabulário arquitetônico, problemas espaciais, volumetria, aspectos técnico-estruturais, e os funcionais e representativos. Confirmam-se então tais condicionantes na formação de determinados vocabulários construtivos, que embora separem funções estruturais e simbólicas, se prestam à identificação formal.

Ao analisar todos os aspectos em uma edificação, é preciso distinguir elementos próprios do estilo de uma época, a assinatura do arquiteto, região onde foi construído, para finalmente relacionar os dados a outros exemplos, sejam desta ou de outras épocas anteriores.

---

<sup>3</sup> EISENMAN, Peter. Notes on Conceptual Architecture: Towards a Definition. Em: Eisenman, Peter. Inside Out. Ed. Mark Rakatansky. New Haven and London: Yale University Press, 2004. Pp.11-27.

“A fachada de um edifício tem uma relação marcante com o meio ambiente urbano e envolve valores sociais importantes, tipificando e caracterizando a sociedade, suas aspirações e até grau de prosperidade”. (MEDEIROS E SABBATINI, 1999).

A pesquisa, restringiu-se à abrangência do tema, onde serão analisadas apenas as características construtivas comumente aplicáveis às habitações multifamiliares. Após exame de cada amostra, as mesmas estão subdivididas por décadas, propondo um sistema de análise subdividida em categorias. Tal sistema funcionará como critério para metodologia de análises. Esse dispositivo foi desenvolvido baseado nos condicionantes fomentados por Perez de Arce, e, utilizados posteriormente na tese “As Fachadas da Casa Moderna” (2011), da autora Silvia Lopes Carneiro Leão, que teve como ponto de partida os cinco eixos temáticos e as cinco categorias de fachadas apresentadas por Pérez de Arce no ensaio *As faces do moderno* (1997): o interior, o exterior e a ideia de fachada. Leão (2011) aperfeiçoou alguns critérios de Arce, e desenvolveu outros, de onde se extraiu sete critérios desenvolvidos pela autora: suporte e vedação, base e coroamento, espessamento e hierarquia entre frente e fundos. Além disso, foram desenvolvidos pela autora o uso de três novos critérios: número de pavimentos, presença de varanda, tipo de revestimento utilizado e predominância cromática. Sendo assim, através das análises, foi possível identificar os aspectos projetuais e construtivos das fachadas, suas composições formais, complexidade construtiva, materiais, sistemas construtivos, tipos de revestimentos, cores, enfim, elementos que condicionaram à época um estilo as fachadas.

Propõe-se, portanto, o desdobramento das categorias existentes propostas por Leão (2011) em subcategorias na intenção de uma complementação pelo acréscimo de outras novas categorias. Para tal, detectaram-se elementos geradores de cada uma, e, a partir daí, criou-se modelos complementares que pudessem acrescentar dados às análises propostas.

Segue abaixo tabela descritiva dos critérios utilizados como metodologia de análises das fachadas.

<b>CATEGORIAS EM ANALISE</b>	
1. NÚMERO DE PAVIMENTOS	1.1 NÚMERO DE ANDARES DO EDIFÍCIO
2. PRESENÇA DE VARANDA	2.1 SIM 2.2 NÃO
3. REVESTIMENTO EXTERNO	VIDRO CERÂMICA MÁRMORE OU GRANITO TEXTURA
4. PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA	MONOCROMÁTICA POLICROMÁTICA
5. VOLUMETRIA	PRISMA RETANGULAR QUADRADOS CIRCULAR
6. COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	6.1 FACHADA SIMÉTRICA: predomínio de simetria na disposição dos elementos compositivos (aberturas, balcões, varandas, marquises, etc.). As simetrias podem ser totais (toda a superfície) ou parciais (parte(s) da superfície); pode haver casos de simetrias diagonais. 6.2 FACHADA ASSIMÉTRICA: predomínio da assimetria na disposição dos elementos compositivos
7. BASE	FACHADA EMBASADA: diretamente sobre o solo FACHADA ELEVADA: sobre pilotis aparentes ou com base porosa (com partes fechadas).
8. COROAMENTO	FACHADA COM COROAMENTO PLANO: cobertura horizontal (ou praticamente horizontal). FACHADA COM COROAMENTO CURVILÍNEO: cúpulas, abóbadas, etc. FACHADA MISTA: reúne dois ou mais dos tipos anteriores

**Tabela 2 – Categorias em análise**

Fonte: Autora, 2017.

Os resultados se deram em função das decorrências em número dos estudos de casos apresentados, que indicaram por quais processos de transformações e inovações foram adotados nos processos construtivos adotados ao longo dos períodos analisados.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho exploratório, visto que o tema se caracteriza por sua abrangência, assumindo características de análise qualitativas e descritivas, optou-se por iniciar pela produção arquitetônica dos anos de 1970, marcado pelo

início do crescimento urbano, com o surgimento dos primeiros edifícios multifamiliares em altura na cidade de Maceió. Nessa década, confirma-se grande influência de profissionais formados pela escola de arquitetura de Pernambuco, uma vez que ainda não existia na cidade, profissionais formados pelo curso da Universidade Federal de Alagoas, o que ocorreria apenas em 1974, com a criação do curso de Arquitetura e Urbanismo, com a primeira turma concluindo apenas em 1978.

Sendo assim, neste capítulo apresentam-se a caracterização do objeto de estudo, as etapas de análise tipológicas, geométricas e topológicas. Para concretização da pesquisa documental, primariamente fez-se coleta e análises dos dados fornecidos pela Secretaria de Controle e Convívio Urbano (SMCCU), órgão municipal de Maceió responsável pelos registros de edificações, catalogadas de acordo com o ano de entrada do pedido de aprovação do projeto. Identificadas às tipologias de fachadas de edifícios de apartamentos, realizou-se as complementações necessárias às informações cadastrais. As imagens das fachadas foram retiradas, em sua maioria, do Google Earth Maps, 2017. Além disso, efetivaram-se visitas in loco em alguns exemplares, para obtenção de dados complementares das imagens das suas fachadas. Tais informações convieram para elaboração das fichas dos edifícios com principais características formais em fachadas.

Os procedimentos elaborados para análise das edificações discriminam-se a seguir.

## **4.2 Análises Através de Fotografias**

Como ferramenta metodológica, será utilizada o uso de fotografias, que são instrumentos importantíssimos para a leitura de arquitetura, além dos desenhos e dos modelos físicos. Convém ressaltar, porém que é um recurso que, como os outros, recebe a interferência de quem analisa a obra. A fotografia pode manipular o observador, seja pelo enquadramento, a realidade do objeto arquitetônico, seja por sua relação com o entorno, sua escala, seu conjunto. Também se pode salientar ou evidenciar determinados detalhes que não estejam tão expressivos a um olhar menos perspicaz.

Foi utilizado como base um sítio eletrônico amplamente empregado na atualidade, que é o Google Maps, serviço de pesquisa e visualização de imagens e mapas, utilizando-se de satélite, para visualização de cidades ao redor do mundo, que utiliza das figuras do local, sob olhar do observador. As imagens coletadas através de câmeras direcionais coletoras de imagens panorâmicas medem a profundidade e verificam como deve ser a tridimensionalidade

do lugar. Tais recursos traçaram os caminhos percorridos na caracterização externa para análise das edificações, compostos em:

- Identificação dos aspectos envolvidos nos processos de projeto e na construção das fachadas dos edifícios;
- Avaliação dos dados do projeto e das soluções construtivas adotadas;
- Elaboração de quadros comparativos para a verificação dos aspectos projetuais, dos aspectos compositivos, dos indicadores de racionalidade do projeto de fachada e dos aspectos construtivos;
- Análise dos dados, para possibilitar as conclusões derivadas dos quadros comparativos entre os estudos de caso.

### **4.3 Universos do Estudo**

Como principal diretriz do presente documento, está o acelerado processo de transformação por qual a paisagem urbana da cidade de Maceió vem passando, motivado principalmente, pela substituição das residências unifamiliares pelos edifícios verticais multifamiliares. A escolha da região deriva da grande quantidade de edifícios existentes com seis a oito pavimentos e sua extensiva variedade estética nos acabamentos. Observa-se que a limitação de altura dos edifícios, decorre das leis municipais que regem as construções, atualmente revista para se permitir edificações mais altas, tendo em vista o alto custo dos terrenos disponíveis.

Em Maceió, mais precisamente na orla e suas proximidades, é possível constatar uma maior valorização imobiliária e para tal, os edifícios de apartamentos, apresentam um quadro de evolução constante, já que evidenciam projetos mais arrojados, com especificação de equipamentos, materiais de custo e acabamentos mais refinados. No entanto, a adoção de materiais mais onerosos e esteticamente mais atraentes, nem sempre é acompanhada de cuidados técnicos quanto às suas propriedades e forma de aplicação (UCHOA; GOMES, 2004).

Sendo a abordagem desta dissertação, a respeito de uma tradução de um tipo específico de expressão arquitetônica, que examina os aspectos da arquitetura relacionada com a evolução das fachadas, atrelada aos aspectos tecnológicos, tipológicos e urbanos da construção do edifício multifamiliares, analisa-se a relação de dependência entre o edifício e os modelos ou tipos urbanos, que os sustentam, de maneira a compreender as contribuições do projeto modernista e contemporâneo, como parâmetros conceituais para a construção de

fachadas. Serão considerados critérios disciplinares para a análise de fachadas, como implantação, tipologia, especificação de materiais, especificações espaciais e formais, partido tecnológico e principalmente, a linguagem interpretativa do edifício.

As estratégias projetuais em fachada de edifícios verticais vêm sofrendo transformações ao longo dos anos, decorrentes, sobretudo, do cenário de especulação imobiliária, e das necessidades impostas pela sociedade, como por exemplo, maior número de banheiros e quartos, redefinindo dimensões de aberturas externas, redesenhando as fachadas, ao longo das décadas. Corrobora-se tal preceito à medida que a tipologia interna dos apartamentos, modificaram-se no tocante às relações, tanto visuais quanto de acessibilidade, estabelecidas entre os distintos lugares e/ou cômodos de uma habitação, revelando o modo de utilização dos espaços. Alinhando o aspecto topológico aos conceitos arquitetônicos de topologia, pode-se então identificar tanto os elementos fixos de uma planta arquitetônica quanto à pluralidade de soluções para um projeto (ALVES, 2012).

A tendência histórica de padronização na construção civil tem alimentado a reprodução contínua de projetos de edifícios sem que haja uma real preocupação com as necessidades de quem vai viver neles. Independente do arranjo familiar que ocupará aquele espaço, de fato, é inquestionável a mutabilidade das necessidades das pessoas ao longo da vida (XAVIER, 2016, p. 26).

Surgem então novos enfoques que repercutem diretamente na prática de projeto, denotando a importância dos edifícios verticais, atuando como sinônimos de um padrão de modernidade nas cidades e agentes de qualificação urbana, seja na formação da paisagem, sejam na construção dos espaços e na formação de identidades. Uma das qualidades mais impactantes de um edifício, é a percepção estética e simbólica de sua fachada. Relacionam-se diretamente à sua concepção, a uma época específica, fatores de regionalidade cultural, práticas construtivas, assim como os meios e matérias-primas disponíveis.

Em seu texto, *O Design em Superfícies de Fachada e suas Funções Básicas*, Gondim (2008) esclarece que atreladas as tais questões, seguem demandas no âmbito funcional, como critérios de função estéticas, construtivas, mercadológicos, e econômicas, além de seguir os parâmetros estabelecidos em legislação urbanística específica. A função estética estaria subordinada à percepção como conceito de beleza, a simbólica estaria relacionada à personalidade, numa extensão psíquica e emotiva e a prática, seu comportamento, segundo sua materialização física.

O projeto de fachadas, e, suas formas, derivam de uma solução proposta, que seguem uma série de parâmetros, tais como insolação, estilo arquitetônico, estética do projeto, revestimentos, circulação, tamanho do lote, e até mesmo serviços urbanos, determinam demandas às propostas apresentadas (GONDIM, 2008, p. 82).

A maioria dos edifícios do universo do estudo localiza-se no Bairro Ponta Verde, dos 21 edifícios, a Ponta Verde apresenta 16 edifícios, totalizando 80% dos edifícios catalogados. A grande concentração de edifícios localizados no bairro Ponta Verde, corresponde, especialmente pelo avanço inicial da verticalização e do caráter inovador de seus exemplares.

#### 4.4 Edifícios Construídos no Recorte Estudado

Conforme pesquisas do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, realizadas pelo Grupo de Estudo em Projeto de Arquitetura (GEPA), 1960 a 1979 (ALVES, 2012; TOLEDO; CARDOSO, 2012), 1980 e 1985 (MARINHO; XAVIER; TOLEDO, 2012), 1996 a 1992 (TOLEDO; SILVA, 2015), o número de edifícios verticais de apartamentos registrados na Superintendência Municipal de Controle e Convívio Urbano (SMCCU) de Maceió, entre os anos 1980 a 1999, foram no total de 268 edifícios. O período de 1986 a 1992, corresponderia ao período de maior crescimento populacional, concomitante ao desenvolvimento do setor imobiliário e turístico, promotores da verticalização e adensamento dos novos bairros da Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca (SILVA, 2015).

No período (1970–1999), confirma-se a construção de 201 edifícios residenciais localizados nos bairros Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara.

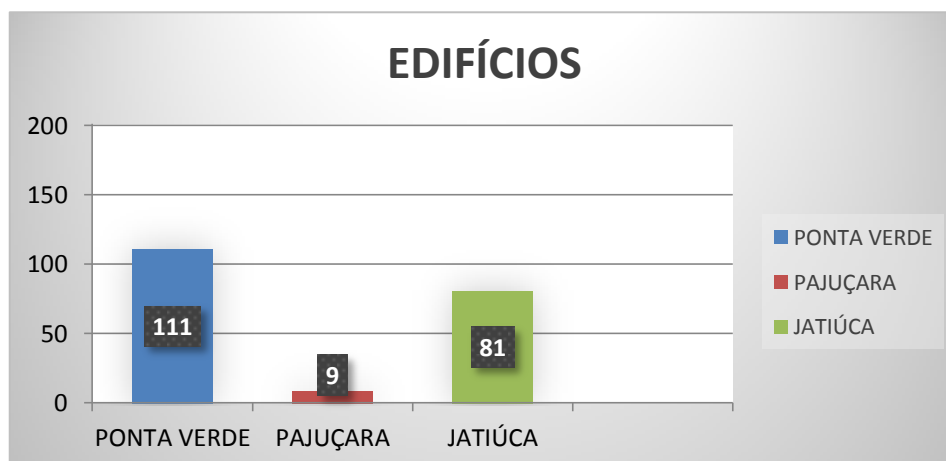
Seguem dados tabulados:

BAIRROS	PAJUÇARA	PONTA VERDE	JATIÚCA
REGISTROS	9	111	81

**Tabela 3 – Edifícios construídos entre 1970-1999**

Fonte: SMCCU e GEPA (2018).





**Gráfico 1 - Relação de edifícios construídos entre 1970/1999.**

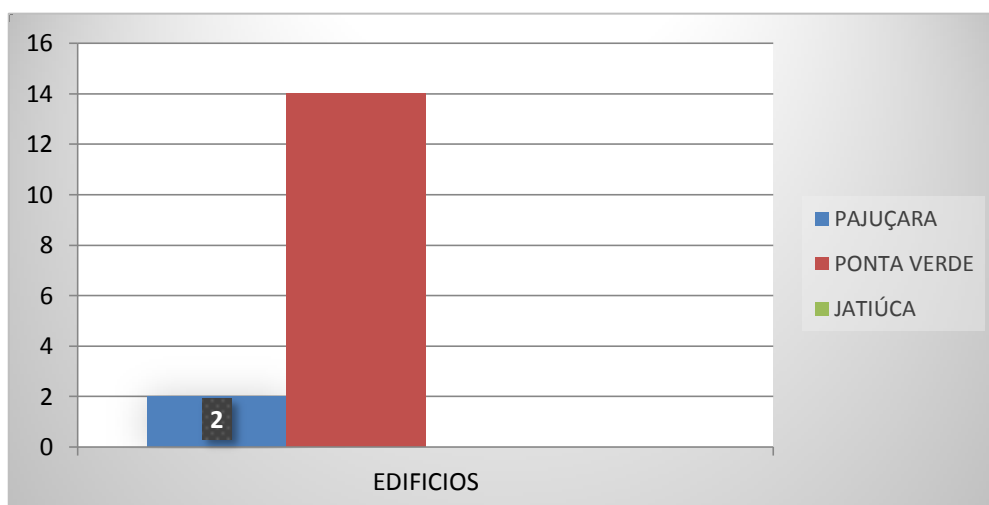
Fonte: SMCCU e GEPA (2018).

No período (1970–1979), confirma-se a construção de 16 edifícios residenciais. 111 localizados no bairro Ponta Verde, 9 na Pajuçara e nenhuma edificação no bairro da Jatiúca. Seguem dados tabulados:

BAIRROS	PAJUÇARA	PONTA VERDE	JATIÚCA
REGISTROS	2	14	0

**Tabela 4 – Edifícios construídos entre 1970-1979**

Fonte: SMCCU e GEPA (2018).



**Gráfico 2 - Relação de edifícios por bairros.**

Fonte: Autora (2018).

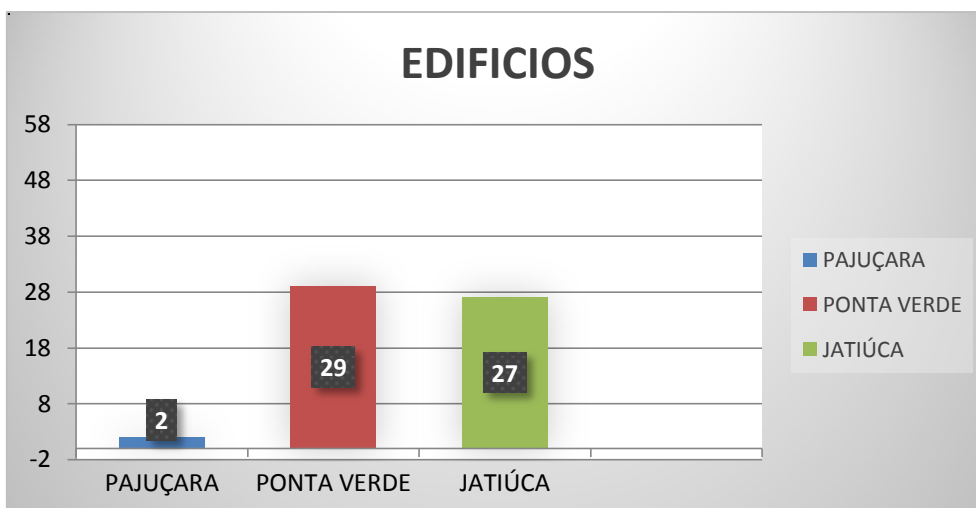
No período (1980–1989), confirma-se a construção de 58 edifícios residenciais localizados nos bairros Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara.

Seguem dados tabulados:

BAIRROS	PAJUÇARA	PONTA VERDE	JATIÚCA
REGISTROS	2	29	27

**Tabela 5 – Edifícios construídos entre 1980-1989**

Fonte: GEPA, 2018.



**Gráfico 3 - Relação de edifícios construídos entre 1980-1989**

Fonte: Autora (2018).

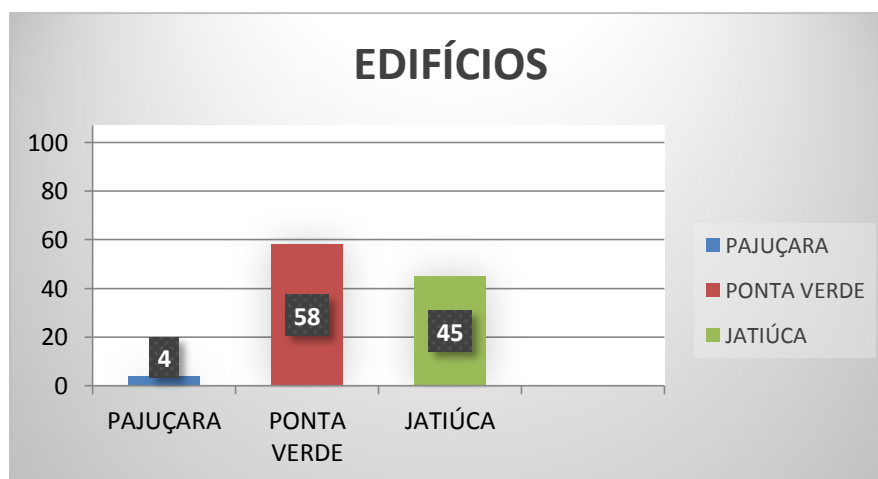
No período (1990–1999), confirma-se a construção de 107 edifícios residenciais localizados entre bairros Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara.

Seguem dados tabulados:

BAIRROS	PAJUÇARA	PONTA VERDE	JATIÚCA	TOTAL
REGISTROS	4	58	45	107

**Tabela 6 – Edifícios construídos entre 1980-1989**

Fonte: GEPA, 2018.



**Gráfico 4 – Relação de edifícios por bairro.**

Fonte: Autora (2018).

## **CAPÍTULO 5**

## 5.1 Análises Tipológicas

Neste capítulo serão utilizadas as categorias projetuais para análise em fachadas, quanto às configurações externas dos edifícios, de maneira formal e interpretativa. Tal análise ampara-se a partir do agrupamento do caráter inovador de cada edificação, relacionados por meio de critérios disciplinares e interpretativos em métodos e critérios aqui desenvolvidos.

As análises basearam-se nos estudos de Francis D. K. Ching e Simon Unwin, agentes personificadores da técnica em análise da arquitetura, fornecendo peças gráficas necessárias à apreensão de um repertório por meio de uma leitura reflexiva e crítica, analisam a arquitetura a partir dos desenhos, já que para eles, um não existe sem outro. E, a partir de um estudo detalhado, se dá a compreensão da arquitetura. Através da fenomenologia dos elementos e análises, revela-se um processo criativo. Entretanto, Unwin ressalta que a análise não deveria ser tomada como um método puro e simples, mas como contribuição para seu aprendizado e entendimento, Assim como Unwin (2006), Ching (1996) personificou suas análises na morfológica dos elementos, tomando a forma, espaço, proporção e escala como essenciais na apreensão de princípios ordenadores. Como substratos da análise os autores usaram como ferramentas o redesenho em croquis, plantas, cortes, perspectivas, ilustrações, projeções e perspectivas (MASINI, 2014). “O objetivo da análise da arquitetura, como de qualquer outra disciplina criativa, é entender seus componentes e funcionamentos fundamentais a fim de assimilar e adquirir seus poderes”<sup>4</sup>.

O procedimento adotado será de classificar as tipologias de apartamentos oferecidas no período em estudo e agrupar os dados quanto ao seu programa arquitetônico. Nesta etapa, a metodologia adotada será classificar as tipologias dos edifícios, no período em estudo, prevendo um agrupamento de similaridades quanto a sua configuração externa.

Quanto à configuração externa do edifício, observam-se os seguintes parâmetros de análise:

- I. Tipos formais das fachadas dos edifícios;
- II. Elementos compositivos de fachada: elementos verticais e horizontais; elementos do edifício – presença de varandas, detalhes de esquadrias e condicionantes climáticos locais, por meio de elementos como varandas, peitoris ventilados e cobogós.
- III. Materiais utilizados na fachada: tipos de revestimentos e cores.

---

<sup>4</sup> UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. London and New York: Routledge, 2006.

De acordo as estratégias apreendidas, constituíram-se subsídios para apreensão de dados pertinentes às categorias desenvolvidas, relacionadas à visibilidade das fachadas, que permitem leituras que vão da constatação formal e funcional à reflexão compositiva. Assim, foram realizadas a partir dos princípios da forma e volumetria arquitetônicas, os projetos de domicílios verticais multifamiliares, pontuando o espaço edificado na paisagem na orla da cidade.

### 5.1.1 Anos 70 – edifícios anos 1970.

N.º	ANO	EDIFÍCIOS	BAIRRO	N, ° DE ANDARES
1	1973	BARROCA	PONTA VERDE	13 + PILOTIS
2	1973	JANGADA	PAJUÇARA	8 + PILOTIS
3	1974	PRAIA VERDE	PONTA VERDE	14 + PILOTIS
4	1975	DONINA CARNEIRO	PAJUÇARA	14 + PILOTIS
5	1976	ATLÂNTIDA	PONTA VERDE	13+PILOTIS+SUB.
6	1976	SOLAR GRAC. RAMOS	PONTA VERDE	17+PILOTIS
7	1976	PORTO DA BARRA	PONTA VERDE	12+PILOTIS+SUB
8	1978	COSTA VERDE	PONTA VERDE	8+PILOTIS

**Tabela 7 – Relação dos edifícios analisados em sequência cronológica**

Fonte: Autora, 2017.

A partir deste capítulo, apresentam-se os principais critérios e metodologia para análise formal das fachadas das edificações. Considera-se neste momento, a estrutura sistemática adaptada à realidade projetual local, suas relações, soluções, similaridade e heterogeneidade dos tipos arquitetônicos apurada, principalmente pelos perfis da edificação, retratada em tratamentos diversificados de volumetria e fachadas.

### 5.1.2 Contexto local

Os primeiros profissionais alagoanos em arquitetura formaram-se apenas a partir de 1978 (UFAL). Na época, a “escola pernambucana”, tornou-se forte influência na produção local, já que a maioria dos professores atuantes era deste estado. Segundo Barbosa (2009), definiu-se então um modelo para se construir no nordeste, sendo que a arquitetura deveria empregar elementos vazados, levando em consideração o conforto climático.

Pode-se confirmar nos exemplares alagoanos, que a configuração volumétrica dos edifícios, buscou na adaptação ao clima da região, alternativas que ampliaram o repertório de

elementos compositivos de fachada, como é o caso do uso do peitoril ventilado e dos cobogós, além do uso dos brises, provenientes da arquitetura moderna brasileira (ALVES, 2012). Deste modo, parte-se da observância do objeto, em seu sítio, no sentido de determinar através de suas características, seus elementos marcantes, relevâncias plásticas e espaciais na pesquisa. Montou-se então, “quadros” característicos de produção tipológica, demarcados por critérios anteriormente citados. Foi privilegiada na escolha dos objetos a união de um maior número de caracteres analítico encontrados.

Em relação ao gabarito dos empreendimentos, constatou-se, inicialmente que foram concebidos com altura elevada, superiores a nove andares, e, posteriormente, delimitados por lei à apenas 6 ou 8 andares, graças ao Plano Diretor vigente posteriormente. Constatação confirmada por Cavalcante (2014), que atesta que na orla de Maceió, os primeiros edifícios verticais, tais como o Barroca, o Graciliano Ramos e o Ed. Versailles, por serem mais antigos, a altura de seus gabaritos ainda não estavam delimitadas pela legislação que incorporava as restrições do raio de visibilidade do Farol, apesar de Cavalcante indicar que tal legislação já existir desde 1977 (Lei Federal 6421 de 06/06/1977).

Quanto à forma dos volumes edificados nos anos 1970, identificou-se a falta de configuração em formas circulares em relação à volumetria adotada nos edifícios. Quanto à forma, definiu-se de acordo com Alves (2012), por prismas geométricos, caracterizados em quatro tipologias distintas: o prisma escalonado à forma do lote; prisma retangular alongado a forma do lote; primas regulares quadrado à forma do lote; e, prisma retangular justapostos ao lote. Tal sistemática será utilizada em todas as décadas aqui analisadas. Quanto ao volume, confirmou-se que os saques verticais mais usuais verificados nas edificações são provenientes dos arranjos espaciais obtidos no apartamento por meio de elementos como varandas, armários dos quartos, banheiros, escadas, sala de estar e estrutura de sustentação.

Módulos Aditivos ou Subtrativos em Volumes Alongados	Módulos Aditivos ou Subtrativos em Volumes Quadrados
Módulos Aditivos ou Subtrativos em Volumes Justapostos	Módulos Aditivos ou Subtrativos em Volume Escalonado

**Quadro 3 – Módulos Volumétricos**

Fonte: autora, 2018.

As tipologias volumétricas acima dispostas foram consideradas como tendências recorrentes neste período, representam organizações volumétricas, caracterizadas pela simetria, eixos ordenadores geométricos (resultado da disposição interna), regularidade no tratamento plástico formal e ausência de composições mais “ousadas”, como curvas e balanços acentuados na composição de suas fachadas. O emprego constante de volumes prismáticos, proporciona uma maior possibilidade de composição com elementos verticais e horizontais, sejam eles adicionados ou subtraídos, criando um repertório de fachada com saques e reentrâncias.



**Figura 20 – Panorama e localização dos edifícios Barroca, Versailles e G. Ramos.**

Fonte: Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/@-9.6665235,-35.6960283,128a,35y,339.46h>>.

### 5.1.3 Critérios para análise.

De acordo com Argan (2001), o nascimento de um tipo estaria condicionado ao fato de já existir uma série de edifícios que têm entre si uma evidente analogia formal e funcional. Tais tipos arquitetônicos resultariam de uma coleta de agrupamento de projetos, onde a semelhança de critérios entre formas e funções, serviria de parâmetro no processo formativo, visto que o tipo não fora formulado a priori, mas extraído de um conjunto de exemplares. No que concerne à organização espacial externa dos edifícios, definiu-se os seguintes tipos como parâmetros para análise.

<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>
<b>VOLUMETRIA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PRISMA RETANGULAR/ QUADRADOS.</li> <li>• RETANGULAR ESCALONADO AO LOTE</li> <li>• RETANGULAR ALONGADO AO LOTE</li> <li>• RETANGULAR JUSTAPOSTOS AO LOTE</li> </ul>
<b>MATERIAIS – TIPO DE REVESTIMENTO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• VIDRO</li> <li>• CERÂMICA</li> <li>• MÁRMORE OU GRANITO</li> <li>• TEXTURA</li> </ul>
<b>COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• SIMETRIA OU ASSIMETRIA</li> <li>• BASE (EMBASADA/SOB PILOTIS)</li> <li>• COROAMENTO (PLANO/CIRCULAR/CURVILÍNEO)</li> <li>• VARANDAS</li> <li>• NÚMERO DE PAVIMENTOS</li> </ul>
<b>CROMATICIDADE (REVESTIMENTOS)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• MONOCROMÁTICA</li> <li>• POLICROMÁTICA</li> </ul>

**Quadro 4 – Eixos de desenvolvimento da pesquisa diante do método desenvolvido.**

Fonte: autora, 2018

No sentido de melhor estruturação da análise, foram determinados os tipos apreendidos através da sobreposição das fachadas analisadas, e comparativamente, isolou-se subjetivamente os principais caracteres em cada projeto, elevando então, unicidade aos elementos comuns em todas as unidades habitacionais. Reconhecido os tipos, através das especificidades, construíram-se analogias e intersecções em determinados padrões. E, destes padrões, originaram-se subcategorias, relevantes às estruturas constitutivas. Classificam-se os tipos arquitetônicos a partir de quatro categorias básicas, que podem se desdobrar em um conjunto de subcategorias.



O tipo se configura assim como um esquema deduzido através de um processo de redução de um conjunto de variantes formais a uma forma-base comum. Se o tipo é o resultado desse processo regressivo, a forma base que se encontra não pode ser entendida como mera moldura estrutural, mas como estrutura interior da forma ou como princípio que implica em si a possibilidade de infinitas variantes formais e, até, da ulterior modificação estrutural do tipo mesmo (ARGAN, 2000, p. 66-67).

Uma vez apresentadas formas análogas nos edifícios, a análise tipológica torna-se imprescindível para a compreensão das formas comuns de vários projetos.

## 5.2 Edifícios Analisados Quanto à Tipologia (Anos 1970)

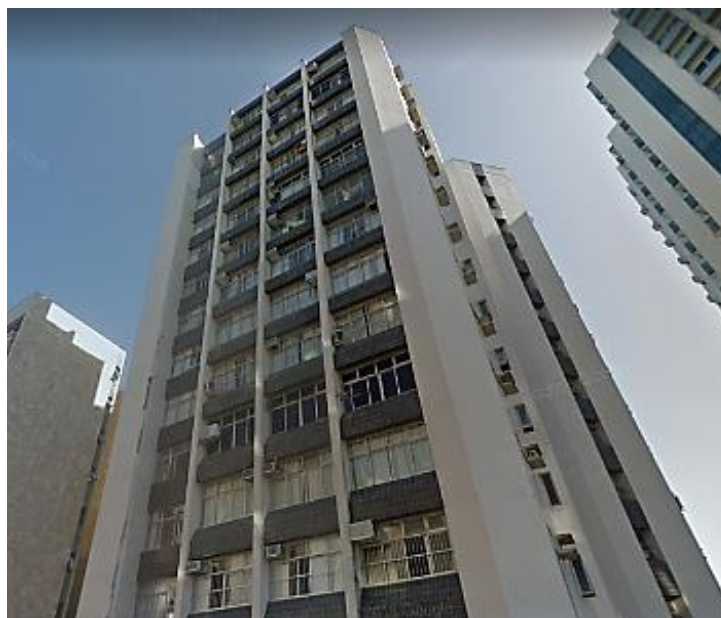
01	EDIFÍCIO BARROCA	ANO: 1973	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Desportista Humberto Guimarães, 1137.			CONSTRUTORA: Construtora Barroca.		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 13 + PILOTIS					
					
PLANTA BAIXA FONTE: GEPA – FAU/UFAL.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMAS RETANGULARES JUSTAPOSTOS	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICOS / TEXTURA	POLICROMÁTICO BRANCO/CINZA
					

**Quadro 4 – Edifício Barroca**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora. (2017)

### 5.2.1 Volumetria

Projeto de Emmanuel Lins e Melo, edificado em um lote de meio de quadra, o edifício Barroca (1973), apresenta 13 pavimentos, estrutura calçada sobre pilotis, que funcionam como garagem e dois apartamentos por andar. É composto por dois blocos de prismas justapostos e deslocados, interligados por uma torre, na qual se posiciona a área em comum dos dois blocos, escada, hall e elevadores. Observam-se nas fachadas, saques nos dormitórios, varandas e sala de estar de um dos apartamentos, de maneira assimétrica nos dois apartamentos do pavimento tipo. Além dos discretos saques nos dormitórios de serviço e banheiros, manifesta-se de maneira mais acentuada nas varandas, ocasionando um volume exteriorizado à edificação. As colunas de sustentação, que percorrem todas as faces das fachadas edificadas, localizam-se nos dormitórios, e, funcionam como elementos demarcatórios, compondo um conjunto de saliências verticais. (FIGURA 21).



**Figura 21 – Edifício Barroca – Colunas de sustentação.**

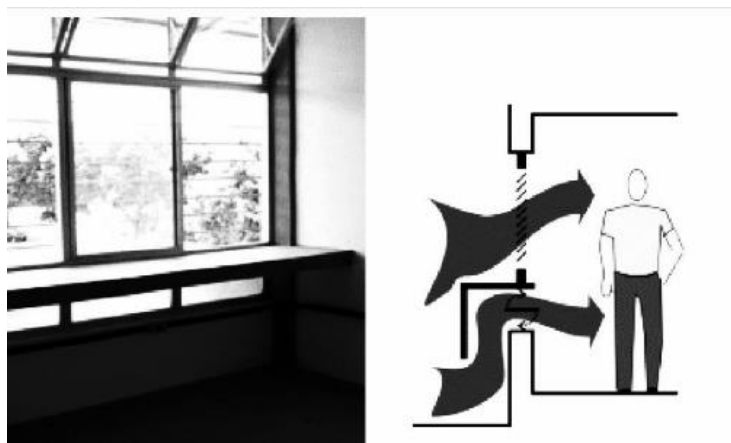
Fonte: Disponível em <<https://www.google.com.br/maps>>.

### 5.2.2 Elementos compositivos

Pode-se observar no edifício Barroca a utilização do peitoril (inclinado) ventilado (Figura 22). Elemento que proporciona maior ventilação, facilitando a ventilação cruzada, principalmente quando se deseja separar as funções de iluminação (janelas) das de ventilação (peitoril ventilado). Uma melhor adaptação dos edifícios às condições climáticas da região, em prol de melhor conforto térmico internamente, tornando-se apropriado o emprego de um

maior repertório de elementos compositivos de fachada. Recursos inerentes à iluminação e principalmente a incidência de ventilação, como peitoril ventilado, executado em concreto, atua como fonte complementar na propagação dos ventos, e cobogós, elementos construtivos provenientes da escola pernambucana, além dos brises, provenientes da arquitetura moderna brasileira.

Estes elementos permitem que as janelas recebam proteções solares que podem obstruir o excesso de ventos. As esquadrias apresentam-se em vidro com caixilhos de alumínio nas paredes externas. Observa-se colocação posterior à construção de estruturas em alumínio, confirmadas pela dicotomia de modelos, para recebimento de aparelhos condicionadores de ar. (Figura 23).



**Figura 22 – Peitoril Ventilado – detalhe da funcionalidade.**

Fonte: LEAL, T. A.; CÂNDIDO, C. M.; BITTENCOURT, L. S. A influência na distribuição e velocidade da ventilação natural a partir do uso do peitoril ventilado em escolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 11. Anais... Florianópolis, 2006.

As varandas, espaços projetados, extraídos ou embutidos nas fachadas, abertos ou cobertos para o ambiente externo, permitem sombras, e a entrada de ar fresco no interior da edificação. No edifício Barroca, tal elemento, não apresenta jogo simétrico entre os dois apartamentos, resultante talvez, da localização em dois blocos separados, lateralmente ao apartamento. O arquiteto privilegiou a vista marítima, em ambos os casos. Nas varandas do edifício, o principal elemento utilizado foi o concreto, destacado por leves ranhuras na fachada principal da edificação (Figura 23).



**Figura 23 – Detalhe esquadrias e peitoril, no edifício Barroca (1970).**  
Construído em concreto em formato “inclinado” foi revestido em cerâmica na cor preta  
Fonte: Disponível em <<https://www.google.com.br/maps>>

### 5.2.3 Revestimento e cores

Dependendo das propostas ou escolhas cromáticas indicadas pelos profissionais da arquitetura em um determinado ambiente, as cores podem causar diferentes sensações aos usuários do espaço. A escolha de cores em revestimentos, por exemplo, pode mudar atitudes e sentimentos, de forma a propiciar prazer ou incômodo na relação ambiente construído x comportamento humano.

No edifício, utiliza-se o contraste das cores preto e branco em seus revestimentos, a primeira demarcando os peitoris ventilados e a segunda o ressalto da estrutura de sustentação desse edifício, gerando contraposição das linhas verticais e horizontais. A varanda exteriorizada à edificação, recebeu pintura em tons de amarelo sobre concreto, o que acentuou suas formas (Figura 23).

02	EDIFÍCIO JANGADA	ANO: 1973	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Avenida Doutor Antonio Gouveia, 58			CONSTRUTORA: Firma Apipucos Construções LTDA		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS (X2) PLANTA BAIXA:					
Pavimento Tipo. Sem escala. Fonte: GEPA – FAU-UFAL					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA REGULAR QUADRADO	NÃO	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICOS / TEXTURA	POLICROMÁTICO BEGECINZA

**Quadro 5 – Edifício Jangada**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora. (2017)



## 5.2.4 Volumetria

Volume duplo em superfícies altiplanos, a edificação encontra-se em um lote de meio de quadra. O edifício Jangada (1973), isoladamente, apresenta 8 pavimentos. A edificação apresenta o volume em forma de um prisma regular quadrado, dois apartamentos por andar, simetricamente rebatidos no mesmo pavimento tipo. Constituído por dois grandes blocos, isolados um do outro, ambos mantêm a mesma proposta arquitetônica, e, encontra-se em posição posterior ao outro. Como herança modernista, apresenta estrutura sobre pilotis, que funcionam como garagem. As colunas estruturais foram utilizadas como elementos verticais que marcam o volume externo. A escada exteriorizada, assim como o saque dos banheiros, localiza-se nas fachadas menos visíveis, e, embora posicionados de forma proeminente na volumetria de alguns edifícios, nem sempre são observados, geralmente por não receberem um tratamento diferenciado, seja no emprego de cores ou revestimentos, seja no emprego de artefatos construtivos, como cobogós e brises.

A preocupação na demarcação horizontal pode ser proveniente da tentativa de diminuição do impacto causado entre os primeiros edifícios verticais e o casario tradicional da época. O tratamento dado ao corpo dos edifícios por meio das faixas horizontais busca uma relação mais próxima com o nível do solo (Alves, 2012).



**Figura 24 – Detalhe dos dois blocos, que compõem o edifício Jangada**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/maps> (2017).

Tal configuração confirma os conceitos aprendidos por Lange (2017), que atestou que no movimento modernista, a separação entre ambiente íntimo e espaço social persiste, porém, o primeiro é menos reservado do que era anteriormente.

Os quartos, área íntima do apartamento, apresentam aberturas para o exterior. Para manter a privacidade do ambiente em relação aos demais, o quarto costuma ter fechamentos diferenciados em relação aos dos locais de convivência. Neste momento, elementos como

cobogós, brises, jardineiras, varandas e outros são desenvolvidos e altamente utilizados na composição das fachadas, permitindo uma hierarquia de permeabilidade. Observa-se que muitos prédios modernistas apresentam fachadas diferenciadas, sendo que o da frente contém janelas em fita ou varandas embutidas e as de fundo cobogós ou brises (LANGE, 2017).

### **5.2.5 Elementos compositivos**

Pioneiro do gênero na orla da Pajuçara, segue os mesmos princípios formais e construtivos que o anterior analisado, o edifício Barroca (1970). A ausência de local para aparelhos condicionadores de ar é também substituída por artefatos em alumínio, o que compromete a aparência da fachada, por apresentar-se sem uma padronização de elementos.

O edifício, mesmo localizado em frente ao mar, não apresenta em suas fachadas varandas nem saliências exteriorizadas, deixando-o simétrico e despojado de saliências. Contudo, apresenta como elemento de composição, uma marcação nas linhas verticais por meio das saliências de seus pilares no plano da fachada. O uso da janela em fita, um dos cinco pontos fundamentais da arquitetura moderna, relacionada diretamente com o tema edifício-paisagem, aproximou o espaço interno e o externo. Apesar da ausência de varandas, no momento em que a janela está aberta, o morador tem a proximidade com os ares marinhos, proporcionando um ambiente de transição que aproxima as duas esferas, interior e exterior, conectando moradia e paisagem.

### **5.2.6 Revestimento e cores**

O edifício apresenta revestimento cerâmico, cinza e bege nas laterais e fachada principal, denotando hierarquia entre as fachadas de frente, em relação a dos fundos. As fachadas posteriores apresentam unicamente pintura sobre textura na cor branca. As cores, elementos caracterizadores na percepção visual existente nos elementos arquitetônicos da paisagem urbana, apresentadas nos revestimentos das superfícies externas é uma importante categoria de análise na composição das fachadas. Geralmente obtidas pela especificação de pastilhas cerâmicas, granitos, concreto natural, tinta ou textura. No caso da edificação

analisada, as peças cerâmicas compõem grandes superfícies uniformes de suas fachadas externas. Constata-se que a disposição das cores e revestimentos não é aleatória, pois auxiliam na leitura homogênea dos elementos compositivos como a estrutura e a marcação dos andares.



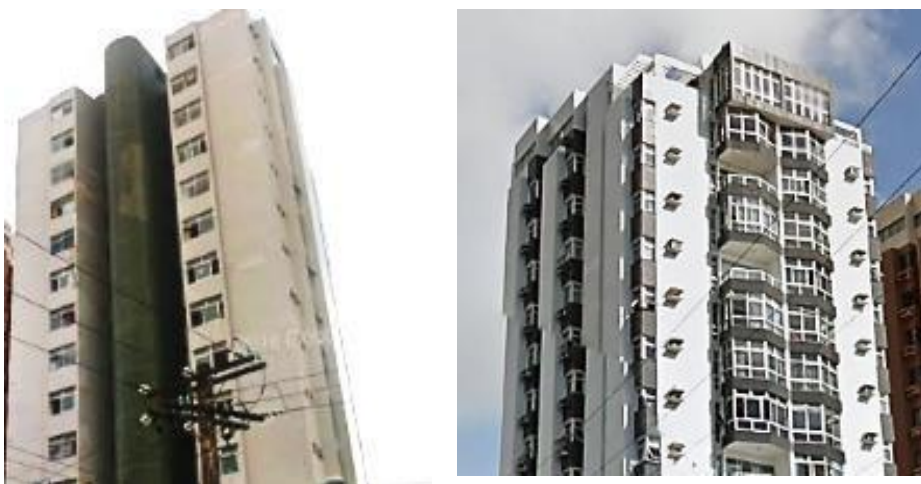
03	EDIFÍCIO PRAIA VERDE	ANO 1974	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Engenheiro Mário de Gusmão, 174		Construção: Construções e Empreendimento LTDA			
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 14 + PILOTIS					
					
PLANTA BAIXA: Planta Baixa Pavimento Tipo. Sem escala. Fonte: GEPA – FAU-UFAL					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA REGULAR ESCALONADO	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICOS	POLICROMÁTICO
					

### Quadro 6 – Edifício Praia Verde

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### 5.2.7 Volumetria

O edifício Praia Verde (1974) apresenta 14 pavimentos, rebatidos simetricamente no mesmo pavimento tipo. Apresenta elementos de adição e subtração, caracterizados nas saliências presentes nos quartos e varandas, localizadas na sala de estar, fachada frontal do edifício.



**Figura 25 – Detalhes composição das fachadas do edifício Praia Verde.**

Fonte: Autora (2017).

### 5.2.8 Elementos compositivos

Com dois apartamentos por andar, as varandas, localizam-se em sua fachada principal, apresentando-se de forma central e simétrica. Seus saques verticais, simétricos e sextavados formam uma distinta tipologia até então apresentada no cenário do recorte, culminando suas formas, num coroamento plano e ortogonal. Os caixilhos de alumínio e vidro presentes nas varandas formam uma “malha”, detalhe que enriquece a proposta arquitetônica.

Os saques escalonados de seus dormitórios privilegiam melhor ventilação no sentido leste, mais favorável à ventilação. O volume arredondado e proeminente da escada, talvez por estar voltada a uma avenida de grande tráfego, engenheiro Mário de Gusmão, recebeu tratamento diferenciado, por cores e revestimentos.

Percebe-se ainda a interrupção da aresta do volume edificado, através de um detalhe modernista: o uso da janela de canto, resultando em um interessante conjunto de saliências, proporcionando movimento, leveza e reforçando sua verticalidade.

As janelas apresentam configuração em vidro e caixilhos de alumínio em suas paredes externas. Como nos citados anteriormente, no edifício Praia Verde, é possível observar a instalação de caixas pré-fabricadas para condicionadores de ar, proporcionando um padrão de elemento permitindo maior harmonia às fachadas.

### **5.2.9 Revestimento e cores**

A neutralidade das suas superfícies apresenta-se lisas e bi-cromática, em branco e verde. Composto em alguns edifícios por faces brancas e por cores sóbrias, o bi-cromatismo, é um recurso recorrente na composição de fachada desses edifícios. Apenas as varandas e volume da escada exibem revestimento cerâmico escuro. Resultando em simplicidade através do uso de linhas retas, e, por apresentar apenas único volume quadrado com acentuado trabalho de cheio e vazios, rebatidos simetricamente, indicam ritmo e leveza. Como principal ponto em destaque, encontra-se as áreas avarandadas, situadas na face sul da construção, criando permeabilidade com os espaços internos dos apartamentos, através dos brises metálicos de correr.

04	EDIFÍCIO DONINA CARNEIRO	ANO 1975	BAIRRO PAJUÇARA		
ENDEREÇO: Avenida Dr. Antônio Gouveia, 397.			ARQUITETO: DESCONHECIDO		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 8 + PILOTIS					
					
PLANTA BAIXA: Planta Baixa Pavimento Tipo. Sem escala. Fonte: GEPA – FAU-UFAL.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR ALONGADO	NÃO	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO/TEXTURA/VIDRO	POLICROMÁTICO BEGE/BRANCO
					

**Quadro 7 – Edifício Donina Carneiro**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### **5.2.10 Volumetria**

O edifício Donina Carneiro (1974) apresenta 14 pavimentos e pilotis elevado, utilizado como garagem. Com dois apartamentos por andar, o edifício apresenta seu volume na forma de prisma retangular alongado, que corresponde normalmente aos edifícios compostos por pavimentos que possuem organização interna com dois apartamentos por andar, rebatidos simetricamente. Observa-se adições de volumes acentuados na sala de estar, sacados do edifício, e, de forma mais discreta, nas áreas de serviço e escada.

### **5.2.11 Elementos compositivos**

Nos edifícios mais antigos, como citado anteriormente, utilizou-se como elemento de ventilação natural, o peitoril ventilado. Este elemento construtivo permite que as janelas recebam proteções solares que podem obstruir o vento reduzindo sua velocidade, ou que possam permanecer fechadas em momentos de chuva enquanto a ventilação permanece disponível. Um fato relevante é o grande número de edifícios localizados na orla, que segundo seus moradores, principalmente por excesso de entrada de ventos e chuvas, “isolam” com esquadrias envidraçadas suas varandas, reduzindo assim, a entrada de ventilação natural. Além da redução de ventilação natural, outro fator que influencia a esta mudança seria a ampliação da área de convívio da sala de estar. Logo, toda uma estética proposta pelo arquiteto, na criação original, é modificada, e, às vezes, sem que seja levado em conta critérios construtivos iniciais, comprometendo a obra.

No Donina Carneiro, a presença de varandas é inexistente na composição arquitetônica das fachadas. A sala de estar, elemento de saque na composição da fachada proporciona também a ideia de simetria e destaque em sua verticalidade.

Atualmente, o “pano” de vidro, enfatiza o saque da sala de estar, elemento que modernizou a edificação, deixando-a mais sofisticada. A simetria da fachada demarca esse espaço nobre da edificação, voltado para sua vista mais privilegiada.





**Figura 26 – Reforma edifício Donina Carneiro (1975)**

Antes e depois, projeto (2015) autoria de Creuza Lippo e Sandra Leahy mantiveram o peitoril e valorizam o volume central da edificação

Fonte: Galvão Construções (adaptado pela autora). 2017.

No edifício Donina Carneiro (1975), utilizou-se o peitoril ventilado ortogonal como demarcação horizontal, já que vence largos vãos da fachada principal (quartos), delimitando os pavimentos, interrompido apenas no centro da edificação, por marcação vertical localizada na sala de estar (Figura 26).



**Figura 27 – Detalhe peitoril edifício Donina Carneiro (1975)**

Fonte: Galvão Construções (adaptado pela autora), 2017.

### 5.2.12 Revestimento e cores

Segundo Consiglieri<sup>5</sup>, a massa exterior arquitetônica define-se por seu comprimento, largura e altura, envolvendo o espaço e relacionando-se com a estrutura interna desse mesmo espaço dando-lhe suporte e conteúdo de vida ao mesmo tempo em que se torna numa cenografia dos vazios. No entanto, a cor tem a capacidade de interferir no modo como “sentimos” um determinado espaço ou forma podendo alterar, acentuar ou clarificar a percepção dos mesmos. A cor pode ser um elemento unificador de vários volumes fazendo com que haja uma leitura única. Poderá igualmente realçar alguns volumes ou partes de uma determinada forma ou conjunto de formas, agindo em formas ou espaços considerados monótonos e repetitivos.

A disposição das cores e revestimentos não sendo aleatória, auxilia na leitura dos elementos compositivos como a estrutura e a marcação dos andares. No edifício em estudo, inicialmente projetado em duas cores de destaque, o bege e o vermelho, que destacavam o volume central onde se encontravam as varandas, após reforma, a edificação “vestiu” ares de modernidade com o pano de vidro, que define a área central das edificações, compensando a falta de atributos geométricos, com leveza visual que o conjunto proporciona.

---

<sup>5</sup> CONSIGLIERI, Victor; A Morfologia da Arquitectura 1920-1970 Editorial Estampa; 1ª Edição; Lisboa, 1994.

05	EDIFÍCIO ATLÂNTIDA	ANO 1976	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Francisco Laranjeiras 225.		ARQUITETO(S): Alex Lomachinsky e Emmanuel Lins e Melo			
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 13 + PILOTIS + SUBSOLO					
					
PLANTA BAIXA: Planta Baixa Pavimento Tipo. Sem escala. Fonte: GEPA – FAU-UFAL.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR QUADRADO	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO/ VIDRO/ PEDRA NATURAL	MONOCROMÁTICO BRANCO
					

**Quadro 8 – Edifício Atlântida**  
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.



### 5.2.13 Volumetria

O edifício é composto por 13 pavimentos, pilotis e subsolo para garagem. Situado num lote de esquina, o que configura uma situação urbana específica, proporciona grande visibilidade a edificação, possibilitando referência visual e de localização. Com relação à volumetria, observou-se que o edifício parte de um prisma quadrado, apresentando efeitos de adição nos volumes de banheiros e escada.

### 5.2.14 Elementos compositivos

Na fachada principal, o vidro aparece como uma das principais estratégias utilizadas pelo arquiteto, permitindo ampla visão da orla (mar) e transparência pela disposição de suas formas. Tal fator traduz o caráter inovador à obra, que apesar de datar de mais de quarenta anos, mostra-se em total harmonia em conceitos contemporâneos de concepção de fachadas. O tratamento monocromático do edifício proporciona destaque aos panos de vidro. A transparência permite o contato visual entre as pessoas que circulam na rua e aquelas dentro das áreas internas. É um dos aspectos que contribuem para a permeabilidade, ou seja, para a inter-relação entre espaço público e espaço privado.

Quanto às fachadas, o edifício apresenta sua fachada principal dividida simetricamente, com equilíbrio bilateral em suas formas. As laterais apresentam-se equilibradas visualmente, com variação de revestimentos (vidro, granito e textura) e com arremate (coroamento) na cobertura, em forma de curva, unificando-as em relação à fachada frontal.

A fachada de fundos apresenta predominância dos cheios em relação aos vazios conferidos maior proteção quanto à insolação direta, através de recuo da área de serviço. As varandas, que atualmente encontra-se quase que totalmente fechadas por esquadrias, apresentavam em seu projeto inicial um jogo (ritmo) de cheios e vazios. Contrapondo-se aos peitoris (posicionados normalmente nas áreas nobres), os cobogós e brises restringiram-se à proteção das escadas e áreas de serviço, corroborando menor visibilidade destes elementos. Percebe-se no edifício Atlântica, um maior cuidado, por parte dos arquitetos, quanto à locação dos condicionadores de ar; que, neste projeto são alocados numa estrutura de concreto, localizada entre os dormitórios (Figura 28).



**Figura 28 – Detalhe condicionadores de ar.**

Fonte: Google Earth Maps (2018)

Projetado por Alex Lomachinsky e Emmanuel Lins e Melo, o edifício apresenta um coroamento em semi-arcos, e o corpo principal delimitado por três faixas verticais – localizados no trecho correspondente à sala de estar do edifício - posicionando-se na parte central da fachada frontal da edificação. O coroamento se faz pelo encontro dos elementos que formam dois arcos no topo, arrematando a edificação e reforçando a ideia de simetria (Figura 29). As esquadrias guardam as mesmas características já encontradas nos edifícios anteriores, vidro com caixilhos de alumínio nas paredes externas em todos os ambientes.



**Figura 29 – Detalhe fachada – coroamento.**

Fonte: Google Earth Maps (2017).

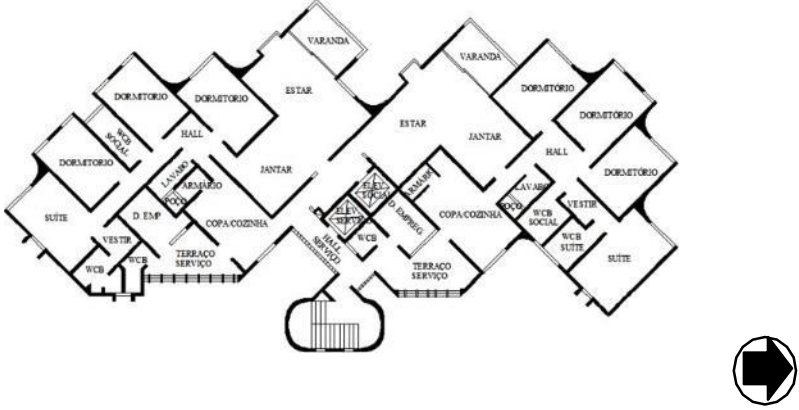

### 5.2.15 Revestimento e cores.

A fachada apresenta predominância por linhas ortogonais. O partido arquitetônico evidencia especificações de granito, cerâmica e textura (pintura), como revestimentos sobre paredes nas fachadas. A face frontal, toda envidraçada, ostenta leveza, e se destaca das edificações vizinhas. Estratégia que demarca esse espaço nobre da edificação, voltado para a vista mais privilegiada através do discreto saque, e da simetria de suas esquadrias. Quanto à linguagem monocromática, o edifício mantém a mesma linha de seus antecessores, visto que não apresenta o emprego de cores mais vibrantes, optando-se por tons claros (branco) em todas as suas fachadas. O saque da escada, saliente em relação ao demais volumes do edifício, encontra-se situado na fachada posterior, menos trabalhada (serviço), enquanto partido arquitetônico, acabam não recebendo tratamento diferenciado de revestimentos e cores.



**Figura 30 – Detalhe brises na área de serviço**

Fonte: Google Earth Maps (2018)

06	EDIFÍCIO SOLAR G. RAMOS	ANO 1976	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua desportista Humberto Guimarães		ARQUITETO(S): Alex Lomachinsky			
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 17 + PILOTIS					
					
PLANTA BAIXA: Planta Baixa Pavimento Tipo. Sem escala. Fonte: GEPA – FAU-UFAL.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMAS RETANGULARES JUSTAPOSTOS	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO/TEXTURA/VIDRO	POLICROMÁTICO BRANCO/VERDE
					

**Quadro 9 – Edifício Solar G. Ramos**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017



### 5.2.16 Volumetria

O edifício Solar Graciliano Ramos é composto por 17 pavimentos, subsolo, utilizado como garagem e pilotis. Caso atípico de disposição em planta baixa, apresenta pavimento tipo com apartamentos de tipologias espaciais diferentes, exibindo em ambas as composições de volumetria escalonamentos resultantes da subtração e adição de um prisma retangular alongado. Deste partido, confirma-se marcante subtração de volumes, resultantes dos ângulos dispostos na concepção do pavimento tipo. Em relação ao lote, projeta-se externamente o volume de sua escada, em sua fachada posterior.



**Figura 31 – Detalhe da localização do edifício Solar Graciliano Ramos.**

Fonte: Google Earth Maps (2018).

### 5.2.17 Elementos compositivos

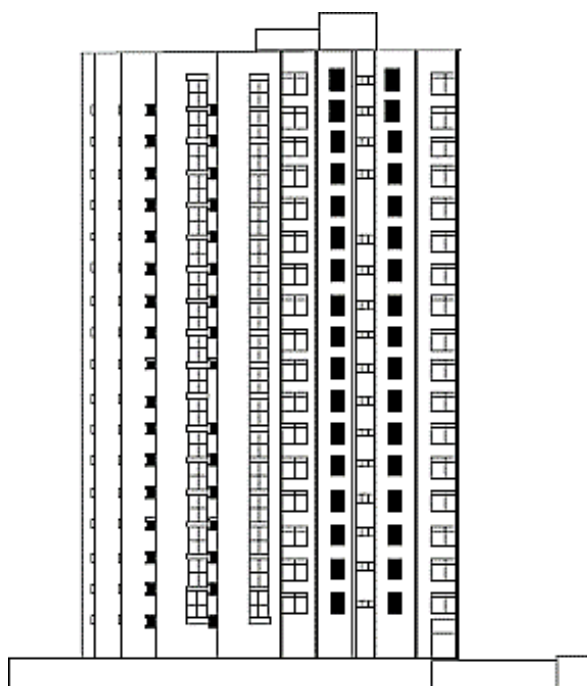
O edifício (1976) apresenta uma característica peculiar quanto à sua localização, já que se posiciona num lote de esquina, voltado para três ruas distintas, o que proporciona uma visibilidade maior de suas fachadas. É possível observar que o volume da escada atua como um elemento de destaque na verticalidade compositiva desta fachada menos visível. Ainda no volume da escada, é necessário ressaltar o emprego de linhas curvas, elemento compositivo de fachada que aparece, mesmo discretamente, pela primeira vez nos edifícios analisados. Este elemento traz certa imponência, graças ao formato abaulado, o que enriquece a volumetria do edifício (figura 32). Em relação aos componentes climáticos, encontra-se a presença de brises na proteção das áreas de serviço. Esses elementos, embora dispostos na fachada de serviço, foram trabalhados a favor da composição do edifício, uma vez que devido a sua localização, todas as fachadas no Graciliano Ramos são visíveis aos transeuntes.



**Figura 32 – Detalhes dos brises na área de serviço da edificação.**

Fonte: Google Earth Maps, (2018).



### 5.2.18 Revestimento e cores



**Figura 33 – Fachada Principal – Imagem ilustrativa, sem escala.**

Fonte: Autora. (2018).

Atualmente, o volume possui suas faces revestidas em cerâmica em tons preto e verde, em harmonia com a cor geral do prédio que segue outra tonalidade, o branco. Auxiliando o sentido vertical tem-se as faixas janela/peitoril alternando vidro e cerâmica. A sequência das janelas quadradas do banheiro também contribui com uma modulação. O efeito luz e sombra surtem efeito devido às saliências, e, ajudam a destacar as fachadas dependendo da luminosidade recebida, evitando que o peso visual e a monotonia de suas faces monocromáticas.

07	EDIFÍCIO PORTO DA BARRA	ANO 1976	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Engenheiro Mário de Gusmão		ARQUITETO(S): Enrique Alvarez e Rodrigo Pontual.			
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 12 + PILOTIS					
					
PLANTA BAIXA: Planta Baixa Pavimento Tipo. Sem escala. Fonte: GEPA – FAU-UFAL.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR QUADRADO	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO/	POLICROMÁTICO BRANCO/VERDE
					

**Quadro 10 – Edifício Porto da Barra**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### 5.2.19 Volumetria

Situado em lote de meio de quadra quadrado, a edificação apresenta configuração de 12 pavimentos, com pilotis e subsolo destinado à garagem. O edifício é composto por pavimentos tipo, que possuem organização interna com dois apartamentos por andar, rebatidos simetricamente, com áreas nobres voltada para a sua fachada frontal. Neste edifício, observa-se a adição das varandas, recorrência comum encontrada nesta década.

### 5.2.20 Elementos compositivos.

Com composição bastante expressiva em suas varandas, os arquitetos Enrique Alvarez e Rodrigo Pontual ousaram em seu projeto, tirando partido das varandas em balanço do edifício, gerando uma interessante composição. No movimento das linhas horizontais, trazem uma nova proposta, até então inédita. O dinamismo gerado, além de demarcar a horizontalidade do edifício, o que gera um efeito de assimetria em uma fachada simétrica.

De acordo com Bulhões (2008), a varanda, elemento marcante da arquitetura residencial brasileira, e, especialmente no cenário nordestino, encontra destaque desde a casa rural colonial, e permanece nas plantas das moradias, seja ela unifamiliar ou multifamiliar, até os dias atuais. Em sua obra, Bulhões atesta que:

[...] a forte tradição existente na elaboração dos projetos, seja impulsionada pelas condições climáticas, ou pelas tendências do mercado imobiliário local, torna a varanda um espaço comumente encontrado nos edifícios multifamiliares da cidade de Maceió, AL (BULHÕES, 2010, p. 133).



**Figura 34 – Detalhes dos brises na área de serviço da edificação**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).



### 5.2.21 Revestimento e cores

Os arquitetos através de “lâminas” brancas em granito deram maior visibilidade à edificação, já que proporcionam maior ritmo, movimento a fachada principal. O revestimento aderente na fachada frontal em forma de placas de rocha naturais são frequentemente utilizados em áreas externas de edifícios verticais multifamiliares, por serem amplamente aceitos por projetistas e usuários. Muito embora possam apresentar diversas patologias negativas nestes revestimentos, alterando ao longo dos anos, principalmente devido as condições climáticas e a falta de manutenção adequadas, manchas, fissuras, causando perda de brilho e surgimento de sulcos e “riscos” no revestimento.

Em relação à escolha cromática, constata-se o uso de um tom esverdeado mais vibrante, apenas na fachada frontal, promovendo um efeito descontínuo do emprego monocromático nos exemplares analisados anteriormente. O grande contraste das varandas em granito branco, contrabalança com o tom forte das pastilhas verde, produzindo dinamismo e inovação.

08	EDIFÍCIO COSTA VERDE	ANO 1976	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Vital Barbosa, 398.			ARQUITETO(S): Alberto Carnáuba.		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 8 + PILOTIS					
					
PLANTA BAIXA: Planta Baixa Pavimento Tipo. Sem escala. Fonte: GEPA – FAU-UFAL.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR ALONGADO	NÃO	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA EMBASADA	CERÂMICA E TINTA SOBRE TEXTURA	POLICROMÁTICO BRANCO/VERDE/AZUL
					

**Quadro 11 – Edifício Costa Verde**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### 5.2.22 Volumetria

Projeto do arquiteto Alberto Carnáuba, composto por 8 pavimentos, o edifício está situado em lote de esquina. Apresenta tipologias, até então não exibidas, como três apartamentos por andar e base embasada no solo. Em relação às fachadas, apresentam saques de adição na fachada principal nos quartos, e, de subtração nas salas de estar. Sua volumetria revela-se em forma de prisma retangular alongado, sacado nos quartos e escada.



**Figura 35 – Detalhes da fachada.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017). (2018).

### 5.2.23 Elementos compositivos

A escada exteriorizada, assim como o saque dos banheiros, comumente situada nas fachadas menos visíveis (posteriores), e, embora se posicionem de forma exteriorizadas ao corpo principal da edificação, nem sempre são percebidas por não receberem um tratamento diferenciado. Situado num lote um pouco mais afastado da orla, área de valorização imobiliária inferior as mais privilegiadas, como as da beira-mar, a edificação não registra a especificação no emprego de revestimentos mais onerosos. No tocante as esquadrias, apresentam-se em alumínio e vidro, com aberturas maxim-ar. O uso deste tipo de janela proporciona maior incidência de ventilação e iluminação no ambiente. A configuração externa do edifício é demarcada por linhas horizontais, distinguindo nitidamente os pavimentos tipo, reduzindo o efeito acentuado de verticalidade.

### 5.2.24 Revestimentos e cores

O edifício caracteriza-se por volumetria mais simples, com revestimento externo à base de tintas texturizadas. A estrutura de sustentação, lajes entre os pavimentos tipo, apresentam marcação das linhas horizontais, chamam atenção por estarem pintadas num amarelo mais forte do volume. Em contraponto a aplicação de revestimento cerâmico azul, pontuando as janelas, num tom mais escuro, que acentua a verticalidade da obra. Os cheios e vazios das paredes externas, são tratados com pintura texturizada, onde os diferentes tons de amarelo conferem uma impressão de relevo na fachada, destacando as esquadrias maxim-ar de alumínio e vidro (Figura 36).



**Figura 36 – Detalhes da fachada**

Fonte: Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

## 5.3 Considerações Anos 1970

Sob a análise dos edifícios constatou-se características comuns a época, onde os edifícios apresentam fachadas despojadas de ornamentação, prevalecendo composições simétricas, ausência de curvas e repetição básica de elementos. O corpo principal das edificações apresenta-se, em sua maioria, planos lisos, ou com discretos balanços projetados em relação ao volume principal. Uma característica peculiar da década é a edificação de condomínios formados por mais de um bloco construído, como o do caso do Edifício Jangada. Os volumes apresentam formas seguindo a disposição dos limites do lote, onde a volumetria básica, a partir de figuras geométricas de formas regulares, tem na simetria do corpo principal

do edifício um determinante na disposição interna dos ambientes, e conseqüentemente da configuração externa de sua fachada. Mesmo concebidos a partir de uma mesma figura geométrica, os edifícios possuem resultados volumétricos bem distintos.

No tocante aos elementos compositivos de fachada, observou-se adições e subtrações como estratégias geométricas construtivas, provenientes geralmente, de saques como armários, banheiros, escadas e varandas, além da estrutura da regularidade no uso característico dos seguintes elementos, que acentuam a horizontalidade e verticalidade nas fachadas: andares delimitados pelo prolongamento da laje do pavimento tipo, peitoris das janelas, janelas em fita e a constância das varandas, recuadas e em balanço, acentuando as linearidades verticais e horizontais, gerando nas fachadas interessantes jogos em seus volumes. Elementos de fachada como os cobogós, brises e peitoris ventilados, tanto o ortogonal quanto o inclinado, foram encontrados em relevância nos modelos que caracterizam os exemplares.

Entretanto, nota-se que a partir dos meados dos anos 1970, os construtores passam a não se importar tanto com proteção nas fachadas, incrementando problemas em relação à insolação e uso de ar-condicionado de forma indiscriminada. “Essa cópia do modelo americano, gerou, no Brasil, fortes críticas, já que os arquitetos brasileiros haviam desenvolvido, décadas antes, soluções de resfriamento, tidas como verdadeiramente tropicais” (TEIXEIRA, CORREA. 2015). As fachadas em vidro, sem proteção solar, acabaram sendo abandonadas nos anos 1990, quando os arquitetos pós-modernos surgem com inusitadas fachadas espelhadas.

Quanto às categorias utilizadas na análise dos edifícios, foram catalogados os seguintes dados: dos oito exemplares, 40% apresentam volume quadrado, 10% justapostos, 40% alongados e apenas 10% escalonado. Quanto à simetria, apenas 20% não se apresentam simétricos, o que confirma a opção do partido modernista. A presença da varanda também é uma variável constante, observou-se este ambiente em 5 apartamentos, representando 87,5% dos apartamentos. O revestimento cerâmico foi a opção mais constante, apresentando-se em 100% das edificações, sejam em todas as fachadas, ou apenas em detalhes decorativos. Com relação às cores, observaram-se composições volumétricas pouco ousadas, predominando os edifícios bicromáticos e monocromáticos, com predomínio nas cores branca e verde.

## 5.4 Análise dos Edifícios - Anos 1980.



### 5.4.1 Relação dos edifícios analisados (1980)

N.º	ANO	EDIFÍCIOS	BAIRRO	N.º DE ANDARES
1	1980	CAIAQUE	PAJUÇARA	9 + PILOTIS
2	1982	ESCUNA	JATIÚCA	7 + PILOTIS
3	1984	CARTAGO	PONTA VERDE	8 + PILOTIS +SUB
4	1986	LAJEDO	PAJUÇARA	8 + PILOTIS
5	1986	TARUMÃ	PONTA VERDE	8 + PILOTIS
6	1986	COTE D'AZUR	JATIÚCA	14 + PILOTIS
7	1987	TARTANA	PONTA VERDE	8 + PILOTIS

**Tabela 8 – Relação dos edifícios analisados em sequência cronológica**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### 5.5 Edifícios analisados (1980)

01	EDIFÍCIO CAIAQUE	ANO 1980	BAIRRO PAJUÇARA		
ENDEREÇO: Av. Dr. Antônio Gouveia, 1021, Pajuçara			ARQUITETO(S): Ernesto Lucas Vilaça.		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 09 + PILOTIS PLANTA BAIXA:					
					
Planta baixa digitalizada do edifício. Sem escala. Fonte: GEPA Fonte: GEPA – FAU-UFAL.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR ALONGADO	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO	POLICROMÁTICO BRANCO/AZUL
					

#### Quadro 12 – Edifício Caiaque

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

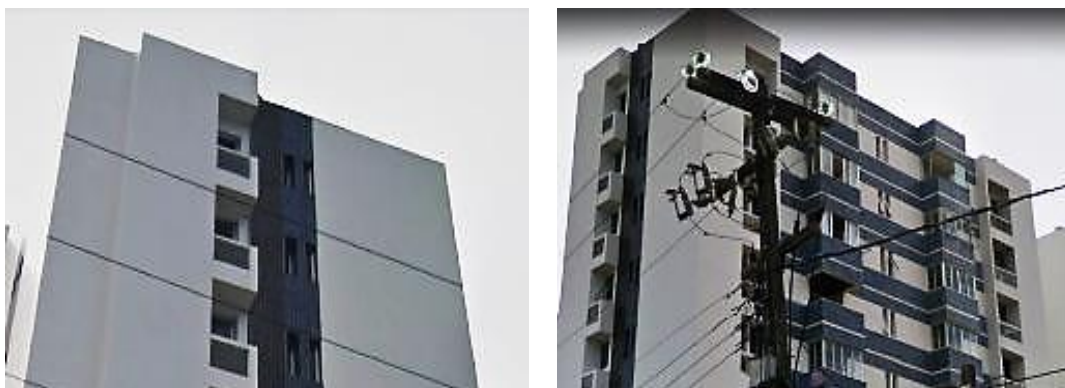
### 5.5.1 Volumetria

O edifício Caiaque foi construído em 1980 situado à beira-mar na avenida Dr. Antônio Gouveia, 1021, sob responsabilidade da construtora Gama Incorporações LTDA. Edificado em dois blocos justapostos, encontra-se um lote de meio de quadra e apresenta em sua configuração, nove pavimentos sobre pilotis, que funcionam como garagem e dois apartamentos por andar. Por localizar-se num lote estreito, a principal fachada encontra-se na lateral norte do lote, o morador estando na varanda conta com a visão indireta da vista do mar de Pajuçara. Em referência aos saques na volumetria, observam-se a existência dos mesmos nos dormitórios (armários), varandas, situadas entre as salas de estar e jantar e na escada de serviço. Os diversos recursos utilizados de adição e subtração, assim como a utilização de volumes recuados para colocação de condicionadores de ar, encontrados com ênfase na fachada principal enfatizam um dinamismo formal à estrutura da fachada. Os dois apartamentos do pavimento tipo são absolutamente simétricos. Na fachada poente, encontram-se dispostos toda a área e banheiros de serviço. A edificação apresenta tipologia composta por dois blocos de prismas justapostos e deslocados, que não possuem comunicação entre si, porém desfruta pilotis como área comum de convívio entre os moradores.

### 5.5.2 Elementos compositivos

Constatou-se o uso de janelas tipo maxim-ar nas aberturas. As varandas concebidas sem a presença de esquadrias receberam proteções posteriormente, segundo os moradores, por conta dos ventos e insolação abundante no local. As esquadrias apresentam-se em vidro com caixilhos de alumínio nas paredes externas. A inserção das janelas inseridas em faces que tiram partido de cheios e vazios, em suas superfícies dinamizam a fachada construída. As janelas dos dormitórios estão deslocadas internamente, em relação à superfície da fachada principal, o que proporciona incidência indireta de sol e chuvas. Outro elemento inovador apresentado na época foi o cuidado em se projetar um local adequado para os condicionadores de ar, que localizados por trás de grelhas em alumínio, mantendo limpidez na visibilidade do artefato diante da fachada (Figura 37).





**Figura 37 - Detalhes construtivos das fachadas.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

No programa arquitetônico é possível constatar a presença de varandas localizadas na sala de jantar, mas que mantêm comunicação direta com o ambiente de estar. Apresentam-se abertas e cobertas com a laje dos pavimentos superiores. Por apresentar um rebatimento simétrico entre os dois apartamentos.

### **5.5.3 Revestimento e cores**

Atualmente as faces das fachadas estão revestidas com cerâmica com desenho linear geométrico em tons preto e azul, em harmonia com a cor predominante do prédio, na tonalidade branca. A estática da caixa prismática é dinamizada por faixas horizontais (revestidas com cerâmica no tom azul) permitida pelos balanços das varandas, compondo volumes proeminentes, alongando a composição das faces das fachadas. Acentuada linha de dilatação do edifício marcam a divisão ente os pavimentos. O volume onde se encontram os wcs sociais, em ambas laterais, é acentuado por uma faixa delimitada por uma linha vertical, revestida por cerâmica preta, complementadas pelas esquadrias estreitas maxim-ar alumínio.

<b>02</b>	<b>EDIFÍCIO ESCUNA</b>	<b>ANO 1982</b>	<b>BAIRRO PAJUÇARA</b>
-----------	------------------------	-----------------	------------------------

ENDEREÇO:  
Av. Álvaro Otacílio, 2065.

ARQUITETO (s):  
Mario Aloísio Melo e Maurício  
Espinosa

DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO



Planta baixa digitalizada do edifício. Sem escala.

Fonte: GEPA Fonte: GEPA – FAU-UFAL.

#### CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE

VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR ESCALONADO	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO	BRANCO/PRETO



**Quadro 13 – Edifício Escuna**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

#### 5.5.4 Volumetria

Projeto do arquiteto Mario Aloísio Melo em parceria com Maurício Espinosa. O edifício Escuna, por localizar-se à beira mar, é foco de grande visibilidade e materialidade na paisagem na orla urbana alagoana. Construído em 1982, apresenta em sua configuração interna a opção diferenciada de dois apartamentos com quatro quartos e um com apenas três; o número de quartos, excedendo a três, confirmam o alto padrão construtivo da área.

Edificado em apenas um bloco, apresenta sete pavimentos sobre pilotis, que funcionam como garagem. Por localizar-se num lote de esquina, onde os recuos impostos por lei delimitam recuos maiores, o arquiteto ocupou toda a área do lote, denotando ampla racionalidade organizacional, abdicando do partido prismático retangular tão usualmente utilizado até o presente momento. Em consequência a esta opção, a edificação não apresenta tipologia concebida a partir de uma figura geométrica aqui categorizada. Observa-se características formais próprias, intrinsecamente ligadas a disposição do terreno.

#### 5.5.5 Elementos compositivos

Por apresentar fachadas planas sem saliências ou elementos arredondados, a edificação dispõe amplamente do vidro em sua composição. Os dois apartamentos, localizados em frente ao mar, apresentam varandas simétricas e locadas simetricamente, o que proporcionou a concepção de um grande pano de vidro vertical, delimitado pelas faixas horizontais localizadas nos dormitórios. As janelas em alumínio preto e vidro fumê, com folhas corredeças, desaparecem diante do revestimento escuro das faixas dos peitoris. As janelas escuras, no fundo preto, “desaparecem,” causando falsa sensação de que as janelas percorrem toda extensão das fachadas. Como outros edifícios analisados, a fachada posterior não recebeu acabamento diferenciado, quanto à aplicação de revestimentos ou cores. Constata-se na fachada frontal, que as varandas abertas originalmente, foram todas fechadas com esquadrias de vidro temperado, com a intenção de acréscimo da área da sala de estar, e instalar barreiras ao vento forte do mar, sem que para isso houvesse perda da vista privilegiada. O peitoril, com altura em torno de 1,00m, esconde sobre o revestimento cerâmico preto, os condicionadores de ar, o que dá a aparência de um plano contínuo em cada módulo dos pavimentos (Figura 38).



**Figura 38 – Detalhes construtivo das fachadas**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

### 5.5.6 Revestimento e cores

O arquiteto buscou na escolha das cores dos padrões do revestimento cerâmico a escolha monocromática em suas fachadas. Apresentando linearidade formal, o projeto é marcado pela delimitação de contínuas lâminas horizontais, em tons bege, que demarcam as faixas horizontais do pavimento tipo. O preto, que além do revestimento cerâmico é especificado nos caixilhos das esquadrias, que delimitam a área dos dormitórios harmonizam com a cor azul encontrado na linha dos dormitórios, e o branco, apresenta-se como a escolha preponderante das fachadas.



**Figura 39 – Detalhes construtivo das fachadas**

Fonte: Acervo pessoal autora (2018).

Comprova-se presença abundante de vidros, tanto nas esquadrias como em guarda-corpos, acentuando a verticalidade em local de faixas janela/peitoril, alternadas em vidro e cerâmica. A sequência das janelas quadradas do banheiro também contribui com uma modulação cromática. A fachada posterior da edificação (Figura 39), talvez por sua visibilidade reduzida, e/ou cortes de custos, não recebeu o mesmo tratamento cromático do restante das fachadas, tendo sua aplicação reduzida em sua totalidade ao branco, quadro monótono quebrado apenas pela presença de esquadrias nos dormitórios e áreas de serviço e escada (Figura 40).



**Figura 40 – Detalhes construtivos da fachada posterior.**  
Fonte: Acervo pessoal autora (2018).



03	EDIFÍCIO CARTAGO	ANO 1984	BAIRRO PAJUÇARA		
ENDEREÇO: Rua Dr. Noel Nutels, 104.			ARQUITETO (s): Rubem Wanderly Filho   Maurício Espinosa Cacho   Ramiro Echeverria. - CIPESA		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO					
					
Planta baixa digitalizada do edifício. Sem escala. Fonte: GEPA					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR JUSTAPOSTO	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICA/TEXTURA	POLICROMÁTICO BRANCO/AZUL/ROSA
					

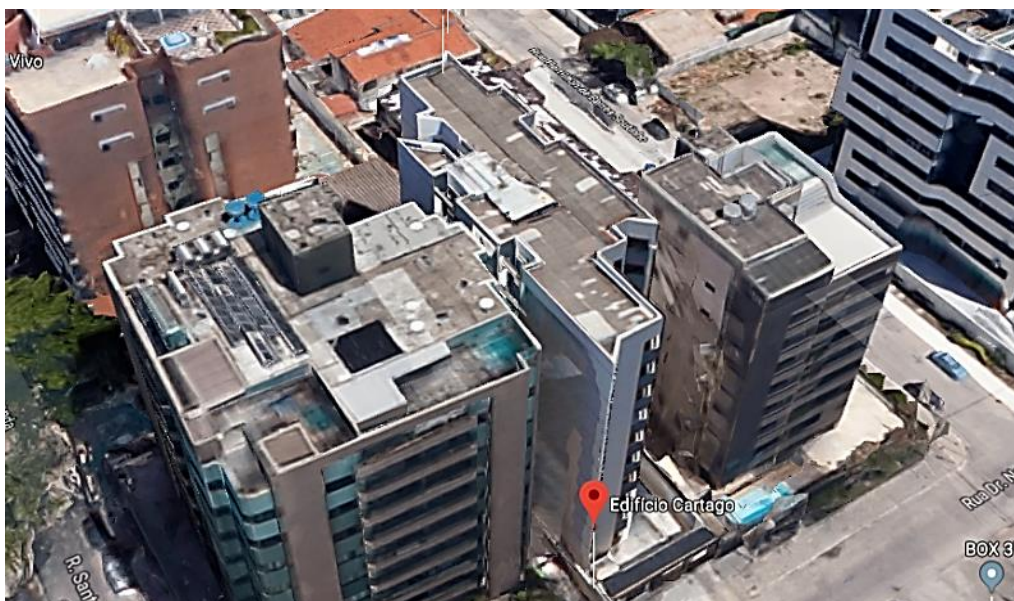
**Quadro 14 – Edifício Cartago**  
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### 5.5.7 Volumetria

Em relação à implantação e tipologia de lote, o edifício Cartago insere-se em um lote de meio de quadra e expande-se linearmente ao longo de um terreno retangular alongado. Por encontrar-se em um lote relativamente estreito, os arquitetos Rubem Wanderley Filho, Maurício Espinosa Cacho e Ramiro Echeverria optaram pela disposição longitudinal do bloco construído.

Localizado no bairro de Ponta Verde, a uma quadra da praia, a edificação chama a atenção pelas reentrâncias geométricas em suas varandas e banheiros. Apresentando dois apartamentos por andar, o projeto privilegiou ambos os domicílios, à medida que ambos possuem vista para mar (situação hoje inexistente, devido à construção de outros prédios situados frontalmente ao edifício).

A tipologia volumétrica da edificação compõe-se pela utilização de figuras geométricas, como prismas quadrados, retangulares e triangulares. Sua tipologia construtiva é composta por oito pavimentos tipo, pilotis e subsolo. In loco constatou-se na fachada norte, a presença de vergalhões metálicos externos, localizados num recuo da fachada, espaço não condizente com a planta aprovada na SMCCU (Secretaria Municipal Convívio e Controle Urbano), quando por sua aprovação.



**Figura 41 – Detalhes construtivos da fachada norte.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017)

### 5.5.8 Elementos compositivos

O edifício apesar de não se revelar através de monumentalidade em suas dimensões, evidencia ousadia no emprego da modulação das peças geométricas, resultando num lúdico jogo de saliências, e reentrâncias. Percebe-se pela implantação e formas do edifício, um claro interesse em relação ao conforto térmico, enquanto ventilação frontal, nos ambientes em ambas as unidades habitacionais. Em relação às esquadrias, há o predomínio de janelas de vidro sobre caixilhos de alumínio com folhas corrediças.



**Figura 42 – Detalhes construtivos das varandas.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

### 5.5.9 Revestimento e cores

A criatividade compõe novo cenário nas fachadas, através de suas formas e cores. Suas faces revestem-se de pequenas pastilhas de vidro, pigmentadas em tons de azul e rosa, que chamam atenção no cenário urbano de Ponta Verde, numa profusão de texturas coloridas. A fachada posterior, na região dos banheiros obedece à mesma paginação de cores da fachada principal. As demais fachadas da edificação estão totalmente revestidas em pastilhas cerâmicas brancas. Pode-se constatar através das imagens, a proximidade exagerada da fachada sul ao lote vizinho que, por não apresentar recuo no terreno, comprometeu a manutenção do revestimento, que se encontra desgastado.





**Figura 43 – Desgaste na fachada Sul e Norte**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

<b>04</b>	<b>EDIFÍCIO LAJEDO</b>	<b>ANO 1985</b>	<b>BAIRRO PONTA VERDE</b>
-----------	------------------------	-----------------	---------------------------

ENDEREÇO:  
Rua Prefeito Abdon Arroxelas, 205.

ARQUITETO (s):  
Ricardo Gama de Oliveira |  
Elizabeth Andrade de Oliveira

DADOS DO PRÉDIO: **NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO**



Planta baixa digitalizada do edifício. Sem escala.

Fonte: GEPA.

#### CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE

VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR JUSTAPOSTO	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO	POLICROMÁTICO BRANCO/CORAL



**Quadro 15 – Edifício Lajedo**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### 5.5.10 Volumetria

O edifício Lajedo está implantado num lote de meio de quadra, de grandes dimensões, localizado à Rua Abdon Arroxelas, Ponta Verde. O prédio possui seis andares com quatro apartamentos por andar. A garagem encontra-se localizada abaixo dos pilotis elevado, o que permite fluidez de acesso e permanência aos moradores em toda extensão dos pilotis, localizado no acesso à recepção do edifício (Figura 44). A circulação vertical ocorre através dos elevadores de serviço, social e escada de serviço, que se interligam através de um hall em comum.



**Figura 44 – Vistas implantação e garagem sob pilotis**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Composto por três volumes conectados, estratégia que permite fluidez nos dois blocos interligados, linearmente por área onde se localizam os elevadores e a escada de serviço comum as quatro unidades residenciais. Os três blocos assimétricos apresentam similaridade em suas formas, cores e texturas. Sua forma, prismas retangulares justapostos, origina-se da combinação de linhas geométricas retas, quebradas por desenhos que assemelham a um trapézio, localizados nos extremos de seus dormitórios, prolongamentos facilmente percebidos em suas fachadas (Figura 45).

### 5.5.11 Elementos compositivos

As fachadas encontram-se divididas assimetricamente e quando sobrepostas, apresentam o mesmo partido arquitetônico na tipologia de plantas baixa, rebatidas ortogonalmente, resultando harmonia num jogo de volumes. A principal estratégia evidenciada no partido é a racional setorização de seus apartamentos, que valorizam os espaços. Confirma-se presença de varandas nas unidades, setorizada em sua sala de estar, cujo peitoril contínuo, estende-se na face externa dos cômodos do apartamento, num mesmo padrão, trazendo uma agradável ideia de unidade ao longo das fachadas. Os quatro apartamentos possuem varandas, as da fachada leste, localizadas no primeiro bloco, estão unidas simetricamente, e no bloco posterior, lateralmente oposta.

Na fachada principal voltada para o norte, destaca-se a marcação de entrada da garagem e acesso aos pilotis. Nota-se na fachada principal, assim como nas demais, a presença do meio trapézio, exteriorizado nas suítes, elemento que possibilita a “quebra” da linearidade vertical das fachadas. A unidade apresenta ao longo dos pavimentos, uma grelha metálica de proteção, que “esconde” o sistema de condicionamento de refrigeração.



**Figura 45 – Detalhe das varandas**

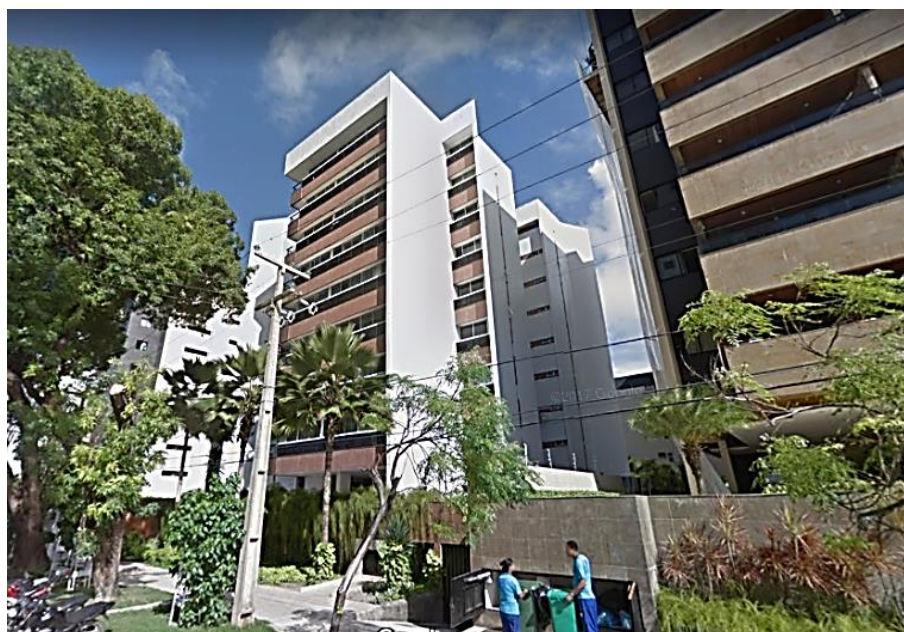
Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).



### 5.5.12 Revestimento e cores

As fachadas norte e sul apresentam-se visualmente equilibradas, já que se espelham simetricamente. Evidencia em sua composição, uma variação de revestimentos e utiliza o vidro nas esquadrias sobre caixilhos de alumínio com folhas corrediças. O parapeito das varandas composto em alvenaria revestida com cerâmica, numa altura de 1.00m, apresenta arremate em vidro fumê, finalizando com corrimão em alumínio. A mistura destes elementos traz maior leveza às fachadas (Figura 46).

A fachada oeste é localizada nos fundos da edificação, por receber diretamente o sol no período da tarde, apresenta predominância de faixa cega contínua, com presença reduzida de aberturas, exibida apenas em estreitas janelas com abertura maxim-ar, presentes nos banheiros das suítes. O que confere maior proteção quanto à insolação direta, e traz racionalidade em sua composição.



**Figura 46 – Fachada oeste**  
Fonte: Acervo autora (2018).

05	EDIFÍCIO TARUMÃ	ANO 1985	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: R. Dep. Rubens Canuto, 234		ARQUITETO (s): Mário Aloísio e Ovídio Pascual.			
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO					
Planta baixa. Sem escala. Fonte: GEPA					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR JUSTAPOSTO	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	PASTILHAS CERÂMICAS	POLICROMÁTICO BEGE/MAGENTA

**Quadro 16 – Edifício Tarumã**  
Imagens editadas pela autora, 2017.

### **5.5.13 Volumetria**

Projeto dos arquitetos Mário Aloísio e Ovídio Pascual, o edifício Tarumã, apresenta volumetria moldada às dimensões peculiares de seu lote. Semelhante à forma triangular, o lote se conecta da área de lazer as garagens opostas, áreas comuns que se encontra nos pilotis. O volume da edificação deriva de estratégias projetuais empregadas pelo arquiteto na intenção de obter maior aproveitamento em sua taxa de ocupação. Apresentam em sua configuração 8 andares sobre pilotis, que exerce função de garagem, e dois apartamentos por andar. O elevador social, que se encontra em um pequeno hall, comporta-se como elemento de destaque na fachada principal sul. De formas arredondadas apresentam-se as varandas, região onde estariam os locais do banho e as varandas de ambos os domicílios. O abaulamento de o vértice triangular que marca a fachada oeste permite ao observador a constatação do formato do edifício reforçada pela ideia de curvatura em sua fachada. Há um septo (fachada frontal) acentuando a verticalidade da edificação, que serve também de separação entre as varandas dos apartamentos.

A fachada sul encontra-se de tal maneira próxima ao edifício vizinho que impossibilitou à autora de coletar os dados.

### **5.5.14 Elementos compositivos**

Optando por ressaltar duas grandes massas em aberturas definidas pelas áreas da sala de jantar e dormitório (no apartamento 1), e nas salas de estar e jantar (no apartamento 2), a rigidez da fachada longitudinal sul é quebrada apenas pelas formas curvilíneas de suas varandas, que se apresentam numa estrutura de saque externo à fachada. Tal artifício, no entanto, segundo os moradores, impede a permanência durante chuvas. Como consequência alguns residentes optaram por fechamento por meio de painéis de vidro corrediços.

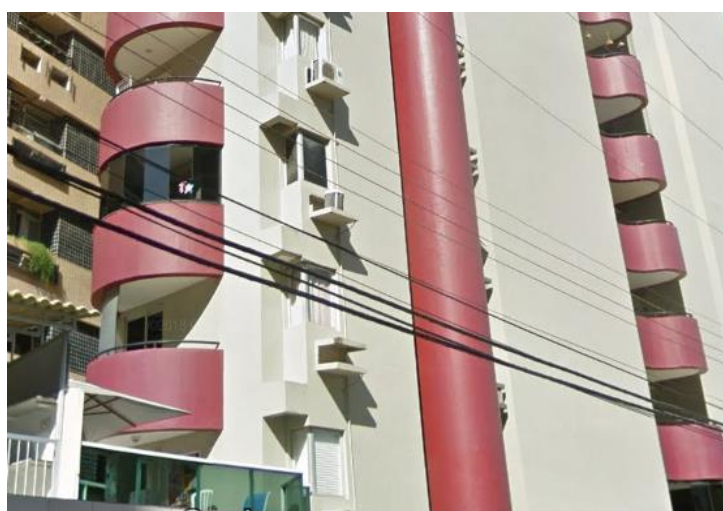


**Figura 47 – Fachada principal**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

Observou-se neste projeto o uso do vidro apenas nas esquadrias. Elemento pouco utilizado na composição da linguagem visual de suas fachadas, empregado unicamente nas janelas das dependências e portas de correr das salas de estar. As esquadrias localizadas no acesso varanda do apartamento 1, apresentam-se fora de um padrão visual, já que alguns moradores colocaram portas de correr sem caixilhos, outros com caixilhos, e outros parapeitos fixos com janelas tipo maxim-ar, causando um desequilíbrio visual.

Na fachada leste percebe-se também que os moradores optaram atualmente por ar-condicionado tipo Split, deixando os antigos condicionadores de ar. A remoção da parte superior da caixa pré-moldada o que compromete a estética da fachada do edifício (Figura 48).



**Figura 48 – Detalhe das esquadrias da sala de estar (apartamento 1)**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.



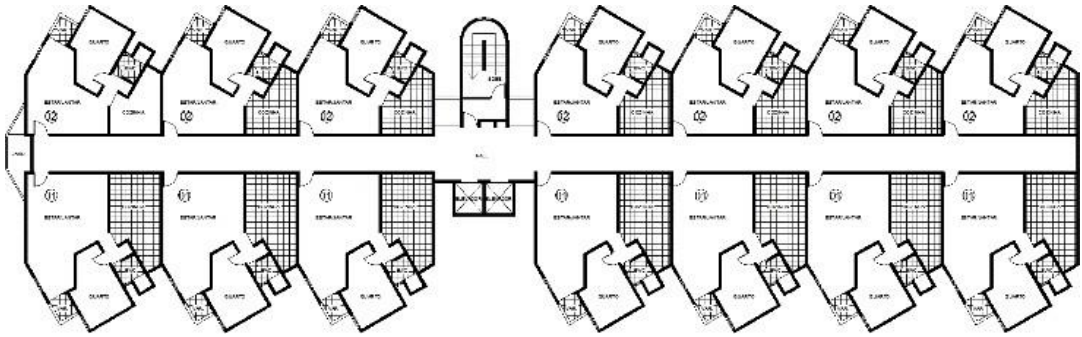

### 5.5.15 Revestimento e cores

A escolha cromática dos arquitetos, ousada na década de 1980 foi um dos diferenciais deste projeto, sendo projetado originalmente com revestimento em pastilhas de vidro em cores vibrantes. A cor laranja revestia o corpo mais extenso do volume e o azul o saque em um dos banheiros do apartamento, arrematado pelo coroamento em forma de laje plana, além do verde nas varandas. Em 2016, o condomínio decidiu aplicar pintura sobre revestimento, optando por apenas duas cores, o bege no volume principal e o magenta nas demais saliências exteriorizadas.



**Figura 49 – Fachada principal, escolha cromática (antes e depois)**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

06	EDIFÍCIO COTE D'AZUR	ANO 1985	BAIRRO PAJUÇARA		
ENDEREÇO: Av. Álvaro Otacílio, 3567.			ARQUITETO (s): Alexandre O. Nunes e Jadiceli M. D. Gomes		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO					
					
Planta baixa. Sem escala. Fonte: GEPA					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR JUSTAPOSTO	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO / PINTURA SOBRE TEXTURA	POLICROMÁTICO OCRE/BRANCO /AZUL
					

**Quadro 17 – Edifício Cote D'Azur**  
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017

### 5.5.16 Volumetria

O projeto do edifício Cote D'Azur é de autoria de Mário Aloísio, Alexandre O. Nunes e Jadiceli Gomes. Datado de 1985 localiza-se na Av. Álvaro Otacílio, em frente ao mar de Jatiúca. Apresentando 8 andares, o edifício compõe-se em 14 apartamentos por andar, quantidade resultante do programa composto por apartamentos de apenas um quarto.

Sua estrutura volumétrica assemelha-se a um avião, onde no centro localiza-se a área comum aos moradores, com elevadores e escada; já nas asas, concentram-se os apartamentos. Localizado num lote de esquina, a composição do edifício destaca-se por não assemelhar-se, até aquele momento, a nenhum outro edifício na orla. A diferente configuração de suas fachadas apresentadas de maneira dinâmica, porém simétrica, resultam num singular exterior de edificação, constituindo num exemplar de grande relevância na década da qual pertence. Observa-se que os autores do projeto delinearão sua proposta, em busca da vista ao mar, de uma boa ventilação natural, leveza e dinamismo em suas fachadas. Para tal, utilizaram-se da angulação das unidades habitacionais, traduzidas em movimentos de cheios e vazios e pelas reentrâncias e saliências de suas varandas. Na fachada leste é possível confirmar tais representações no saque da laje da cobertura e no ritmo frenético proposto pelo rebatimento de suas jardineiras frontais.

Outra configuração apresentada, consequência direta do “boom” do turismo na década em referência, é o uso misto de seus pilotis, ocupado por diversos serviços, como corretoras, agência de viagens, cabeleireiros, entre outros.



**Figura 50 – Fachada Leste**

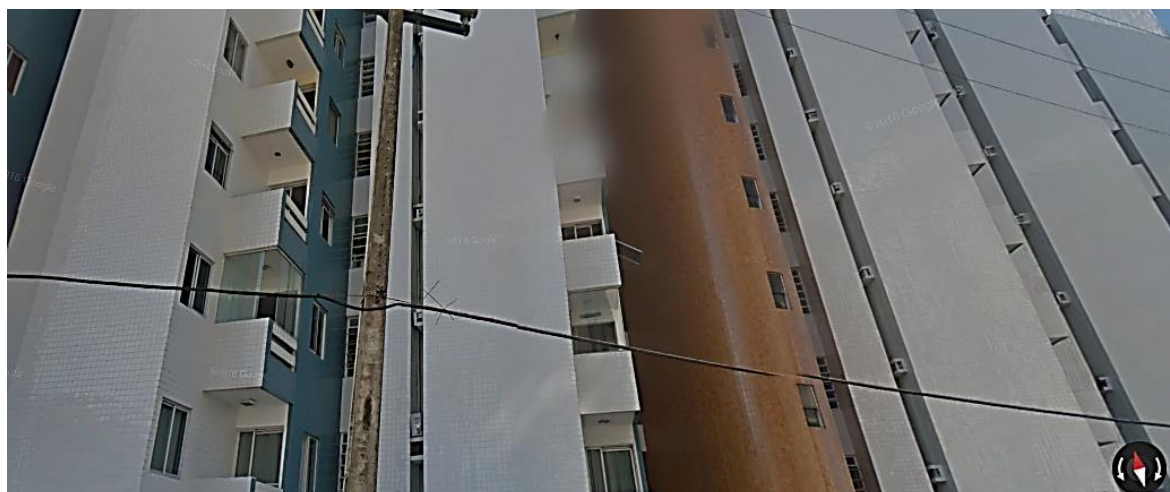
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017

### **5.5.17 Elementos compositivos**

A volumetria escalonada por diferenças de planos e cores definiu o conjunto plástico das fachadas analisadas. As faces apresentam um arranjo de ângulos, sempre baseados na tipologia da composição da planta baixa definida, já que os planos geométricos apresentam coerência com resultado final obtido. Em decorrência de uma forma que acompanhasse ao máximo a disposição do terreno, que contribuiu para que esta ocupação resultasse em tantas unidades domiciliares, mesmo cerceados pelos critérios do uso do lote permitido pelo código de edificação vigente.

As varandas, apresentadas em dimensões mínimas, propõe ao morador ou turista, que ali estejam hospedados uma visão sem bloqueios do mar em Jatiúca. O parapeito da varanda, na altura do observador, é composto, além da base em alvenaria, por duas lâminas sobrepostas, causando um efeito de multiplicidade e alargamento do recinto.

Os condicionadores de ar encontram-se “disfarçados” na parede dos dormitórios, que devido ao ângulo da edificação são percebidos apenas pelos transeuntes da rua paralela ao edifício, Rua Hamilton de Barros Soutinho. O volume da escada apresenta-se como marco limítrofe entre os “blocos”; seu volume oblongo destaca-se ao meio da predominância de linhas retas. As esquadrias não apresentam inovação, foram utilizados as de vidro com caixilhos em alumínio, nos modelos portas deslizantes, maxim-ar e basculantes.



**Figura 51 – Fachada sul – localização exaustores de ar.**  
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2017.

### **5.5.18 Revestimento e cores**

O edifício encontra-se revestido em placas cerâmicas, tendo três cores como escolha cromática: branco, azul e ocre.

Os ressaltos lineares e coloridos encontrados nas paredes externas das salas e varandas apresentam-se como um recurso de tratamento da fachada lateral e maior predominância visual.

Já o recorte da linearidade das formas, é percebido no ocre do volume vertical, representado pela escada, que aparece um tanto deslocado do resto da construção, seja por não apresentar um elo entre o restante da obra, seja por sua escolha cromática, que não se conecta a nenhum outro detalhe do volume.

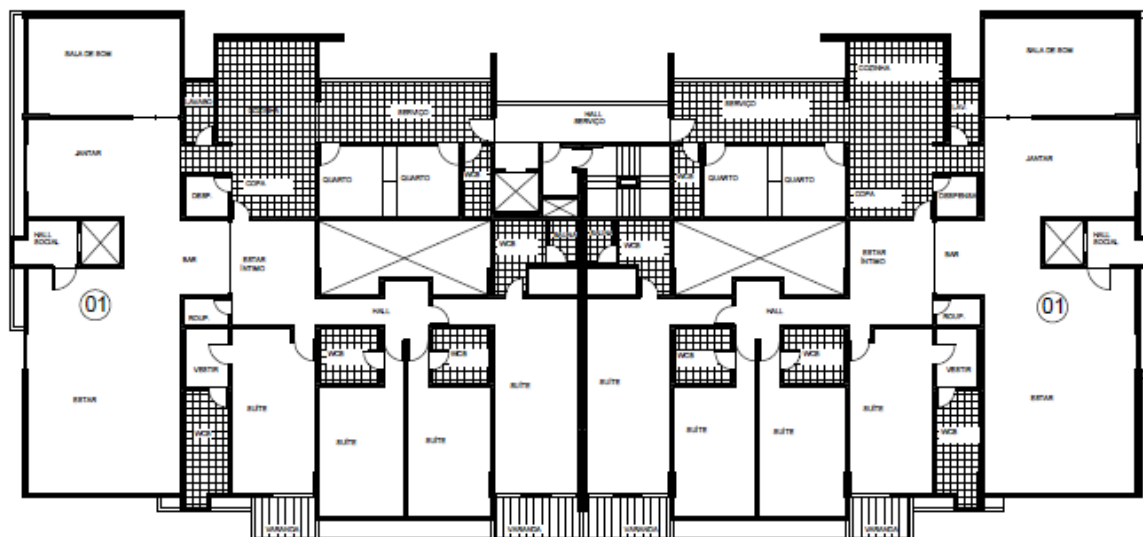


<b>07</b>	<b>EDIFÍCIO TARTANA</b>	<b>ANO</b> <b>1987</b>	<b>BAIRRO PONTA VERDE</b>
-----------	-------------------------	---------------------------	---------------------------

ENDEREÇO:  
Av. Álvaro Otacílio, 2727

ARQUITETO (s):  
Mariano Teixeira

DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO



Planta baixa. Sem escala.  
Fonte: GEPA

#### CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE

VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	PEDRA NATURAL MÁRMORE	BEGE



**Quadro 18 – Edifício Tartana**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

### 5.5.19 Volumetria

O edifício Tartana, localizado na Avenida Beira Mar, Álvaro Otacílio, 2727, apresenta volumetria em sobressalto por sua estratégica localização. Situado entre duas esquinas, o edifício possui grande visibilidade, tanto por suas formas, quanto pelo agenciamento paisagístico encontrado em frente à sua principal fachada. Composto por oito andares, subsolo e pilotis, o volume apresenta-se sobre a forma de um prisma geométrico retangular alongado e adições em suas varandas que delineiam quase sua extensão.

Projeto considerado de alto padrão pelas dimensões de suas unidades e escolha de seus revestimentos externos, o Tartana, projeto de Mariano Teixeira, confirma preferência de uma fatia de mercado, disposta a dispor de uma maior soma monetária, em prol de maior conforto e status social. O que em Maceió coincide, como em qualquer localidade, sinônimo de melhores localizações, esteja estas edificadas à beira-mar, ou em sítios igualmente privilegiados. Percebe-se na forma da implantação, estratégia construtiva com nítido interesse em valorizar a ideia da vista para o mar.



**Figura 52 – Detalhes fachadas oeste e sul**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

### 5.5.20 Elementos compositivos

O edifício apresenta em sua composição varandas que se exteriorizam discretamente do volume principal, e janelas fumês recuadas, que se deslocam da massa dos peitoris contínuos revestidos de granitos. A abundância de vidros nas fachadas, delineados em fita, à maneira do Modernismo, propiciam visão direta do exterior da edificação. Neste projeto, grandes planos envidraçados são substituídos por janelas em fita com vidro fumê e

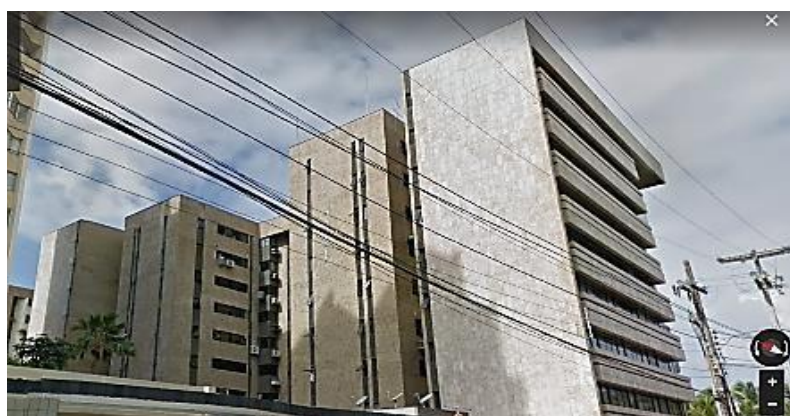
caixilhos de alumínio pretos, encontrados ao longo nas paredes externas da fachada principal do edifício.



**Figura 53 – Detalhes fachadas sul e nordeste**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Sua principal fachada divide-se simetricamente, em equilíbrio bilateral. Voltada para o leste é marcada pela horizontalidade das “faixas” contínuas (parapeito) que marcam a fachada do edifício, evidenciando sua horizontalidade. As fachadas laterais apresentam-se equilibradas visualmente, com variação de revestimentos vidro e mármore, finalizando com arremate na laje cobertura, que se projeta externamente na área onde se localiza a sala de estar. Já na fachada de fundos, predomina os cheios, com pequenas aberturas localizadas em banheiros e área de serviço, já que se localiza no oeste, o que confere maior proteção quanto à insolação direta (Figura 53). Observa-se ainda, que os cheios são demarcados pelas faixas verticais em granito e os vazios se destacam pelas janelas, localizadas na fachada principal, para melhor aproveitamento das vistas.

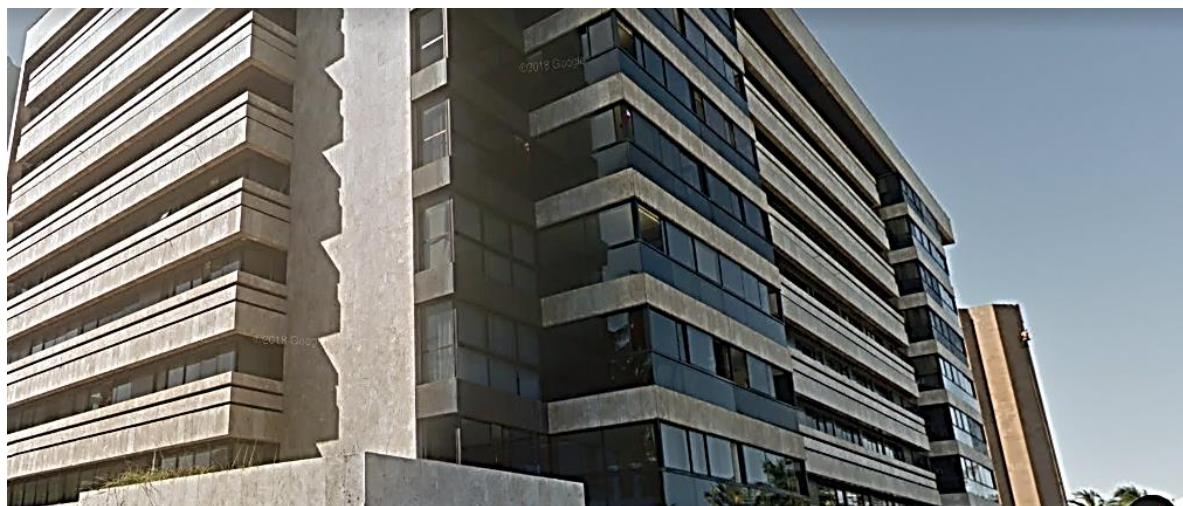


**Figura 54 – Fachada posterior - oeste**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).



As varandas, à priori apresentavam parapeito em vidro temperado em caixilhos de alumínio preto. Paulatinamente, foram sendo fechadas pelos proprietários dos imóveis em busca de maior privacidade e menor entrada de ventos e chuvas. Recursos como o prolongamento da laje de cobertura e os longos parapeitos incorporados à volumetria do edifício, resultam dessa linearidade formal.



**Figura 55 – Detalhes varandas.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2018).

### **5.5.21 Revestimento e cores**

Suas superfícies externas se revestem em mármore Travertino ou Marta Rocha. Símbolo de alto padrão, o mármore não se apresenta como especificação que preencha todos os requisitos quanto à sustentabilidade e eficácia. Por ser muito poroso, torna-se uma opção caracterizada por alto custo de manutenção. Fatores que geralmente não são pautados na escolha deste tipo de revestimento em fachadas externas. Na especificação de um revestimento natural, seja polido ou flameado, as alterações da pedra ao longo dos anos, provocadas pelas intempéries ou pela limpeza das superfícies, necessitam ser levadas em conta como fator delimitador.

Em relação à cromaticidade nas escolhas, optou-se por tons nobres e atemporais. O tom monocromático em bege cria uma atmosfera acolhedora e não “interfere” na paisagem. A composição dos planos edificados, em uma só cor, objetiva uma sensação de leveza e aspecto de solidez, característicos de um volume de superfícies contínuas e monocromáticas. Com o uso do granito num tom claro, sobressaem-se os caixilhos em alumínio escuro,

tornaram-se textura homogênea nas fachadas que ao lado do uso do vidro fumê, promove uma leitura equilibrada e atual do edifício.

## 5.6 Considerações Anos 1980

A década de 1980, com número de habitantes em cerca de 400 mil, marca um momento de avanço imobiliário local, que coincidiu com a promulgação do Código de Edificações de 1979, que disciplina os edifícios em altura, e do Plano Diretor de 1885. Entre 1986 e 1992, os Códigos de Edificações e Urbanismo foram complementados por alterações de alguns dispositivos. Em 1985, o Plano Diretor do Município de Maceió estabeleceu o Código de Urbanismo e o Código de Edificações<sup>6</sup>, atualizados pelos Complementos I (1989)<sup>7</sup>, II (1991)<sup>8</sup> e III (1992)<sup>9</sup>, que alteraram dispositivos dos dois instrumentos. O período compreendido entre 1980 e 1985, corresponde à vigência do Código de Edificações de 1979 até a promulgação do Plano Diretor do Município de Maceió de 1985 (TOLEDO; BARBOSA; SILVA, 2015).

Marcada pelo crescimento da cidade e pela verticalização, estimulado pelo incremento turístico em Maceió (titulação da cidade como “Paraíso das Águas”), trata-se de um período produtivo e representativo de novas propostas arquitetônicas, amparadas por nova geração de arquitetos e forte atuação do mercado imobiliário, alavancando a construção civil. A década confere a paisagem construída na orla maceioense, uma nova perspectiva, povoada de escolhas e contestação. Momento de contestação ao movimento Moderno. O consumismo e o anseio ao “novo” é fato definidor destes novos ares. O arquiteto repensa suas práticas e imposições. As novas escolhas vêm povoadas de saudosismo, o clássico retorna embasado de antigos símbolos e inspirações. Nesta fase o cliente, e seus gostos e costumes se personificam de maneira mais acentuada, delimitando assim, as linhas escolhidas no partido arquitetônico.

Para que se construa um quadro comparativo, seguindo os padrões aqui analisados, permaneceram os mesmos critérios anteriormente empregados na análise tipológica dos edifícios de apartamentos. Estabelecidos os parâmetros, selecionou-se exemplares representativos topologicamente. Por se tratar de um método analítico, o número de exemplos e a abrangência adotada confirmam pertinência à pesquisa.

---

<sup>6</sup> Lei No 3.536 (Código de Urbanismo) e Lei No 3.537 (Código de Edificações), de 23 de dezembro de 1985, prefeito José Bandeira de Medeiros.

<sup>7</sup> Lei No 3.943, de 09 de novembro de 1989, prefeito Guilherme Gracindo Soares Palmeira.

<sup>8</sup> Lei No 4.057, de 22 de agosto de 1991, prefeito João Sampaio.

<sup>9</sup> Lei No 4.138, de 28 de agosto de 1992, prefeito Pedro Vieira.

## 5.7 Análises dos Edifícios - Anos 1990

### 5.7.1 Relação dos edifícios analisados (1990)

N.º	ANO	EDIFÍCIOS	BAIRRO	N.º DE ANDARES
1	1990	STUDIO	PAJUÇARA	8 + SUB + PILOTIS
2	1991	VERONA	PONTA VERDE	8 + SUB + PILOTIS
3	1994	CASAGRANDE	PONTA VERDE	7 + PILOT. +SUB+ COB
4	1995	MILOS	PONTA VERDE	5 + PILOT. +SUB+ COB
5	1995	MONTPELLIER	PONTA VERDE	7+PILOT. +SUB+COB
6	1998	ATLANTIS	PONTA VERDE	8+ SUB + PILOTIS

**Tabela 9 – Relação dos edifícios analisados em sequência cronológica**

Fonte: Adaptada pela autora, 2017.

De forma a situar e contextualizar as fachadas construídas na década de 1990, para melhor entender o interesse do assunto em estudo, é procedimento relevante uma breve descrição das soluções utilizadas ao longo dos anos. A construção de fachadas no século XX confirma a evolução dos tempos, não só em referência as tecnologias aplicadas, mas também as exigências dos que habitam as unidades.

Para maior conforto das habitações, redução dos custos e durabilidade construtiva perpetua-se nesta década o uso extensivo de revestimento cerâmico. Geralmente em padrão 10 x 10 cm, podendo ser definido de forma simples e sintética como uma das soluções adotadas na década desta sequência, já que seu uso confirma a utilização de elementos construtivos de menor condutibilidade térmica, solução vantajosa na proteção térmica do edifício, muito embora apresente desvantagens em virtude da resistência mecânica ou da necessidade de reposição de peças danificadas, pois geralmente as peças apresentam dificuldades em reposição, em regra por estarem fora de linha de produção, sejam por cores ou tamanho.

Destaca-se também as novas correntes arquitetônicas, que propõem o emprego de formas orgânicas (curvas) e menos tradicionais em seus partidos arquitetônicos, havendo porém uma segregação de tal opção, que em muitos casos, aparecem somente na primeira quadra na orla, o que denota que os custos dispendiosos deste prática construtiva se refletem em valores finais mais elevados.

As análises confirmarão que a década em questão, é considerada período de transição arquitetônica, uma releitura do Moderno, concretizada por escolhas e partidos inovadores.

## 5.8 Edifícios analisados (1990)

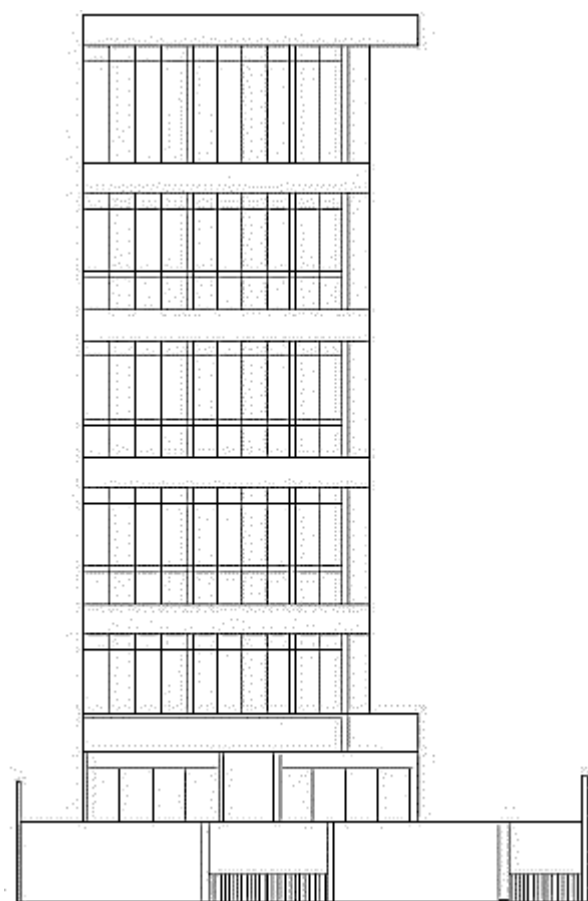
01	EDIFÍCIO STUDIO	ANO 1990	BAIRRO PAJUÇARA		
ENDEREÇO: Av. Sílvio Carlos Vianna,413.		ARQUITETO (s): Ana Luiza Piatti/ Ana Mª Maia Nobre/ Rosa Mª Maia Nobre.			
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO					
					
Planta baixa digitalizada do 1º pavimento tipo duplex do Edifício Studio. Sem escala. Fonte: GEPA					
					
Planta baixa digitalizada do 2º pavimento tipo duplex do Edifício Studio. Sem escala. Fonte: GEPA.					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA RETANGULAR ALONGADO	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO	POLICROMÁTICO BEGE/AZUL
					

**Quadro 19 – Edifício Studio**

Fonte: Imagens editadas pela autora, 2018.

### 5.8.1 Volumetria

O edifício Studio, localizado no bairro da Pajuçara, encontra-se implantado num lote de meio de quadro. Projeto de Ana Luiza Piatti, Ana Maria Maia Nobre e Rosa Maria Maia Nobre, apresenta disposição volumétrica incomum do demonstrado até então. Com apenas 4 andares, é necessário levar em consideração o pé direito duplo de cada pavimento tipo, totalizando o gabarito relativo à construção de 8 pavimentos na realidade. Na disposição do pavimento tipo, apresenta o considerável número de 11 apartamentos duplex por andar.



**Figura 56 – Fachada principal – arquivo ilustrativo sem escala**

Fonte: SMCCU, Adaptado pela autora (2018).

O pé direito duplo na edificação é uma solução arquitetônica que confere imponência e sofisticação ao ambiente e adequa amplitude e charme, conectados a paisagem externa com vista para o mar de Pajuçara. No entanto, a manutenção e limpeza dos altos caixilhos e a consequente deficiência acústica – uma vez que o barulho da área social pode interferir no setor íntimo da residência –, são desvantagens que esta solução pode apresentar.

O edifício, apesar da idade (trinta anos), insere-se na contemporaneidade das propostas dos lofts<sup>10</sup> americanos. Com este ar atemporal, a valorização deste projeto volumétrica se reflete principalmente ao conforto, sustentabilidade, caracterizadas por maior captação de luz, ventilação natural e estética da proposta arquitetônica.

O apartamento exibe uma varanda, sala, cozinha, área de serviço, um banheiro e no mezanino e são interligados por uma escada helicoidal, a área íntima, com dois quartos, um banheiro e uma pequena varanda.

A fachada frontal apresenta uma varanda comum a sala de estar. Um longo corredor dá acesso aos apartamentos. O acesso dos apartamentos se dá através de dois elevadores, sendo um social, um de serviço e escada. Apresenta tipologia prismática retangular alongada. Os ângulos empregados na composição plástica da fachada sul propiciam um escalonamento volumétrico simétrico entre as unidades. Possui ainda elementos que marcaram a linguagem moderna nacional, representada por meio de esquadrias de vidro que se projetam na fachada. Os rasgos em vidro proporcionam unidade entre os espaços internos e externos do edifício, tornando a bela paisagem visível através do edifício.



**Figura 57 – Disposição do prédio em relação ao lote.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

---

<sup>10</sup> Alguns creditam ao arquiteto Le Corbusier os primeiros traços de um loft residencial, ainda nos anos 1920. Porém, o conceito de loft urbano foi consagrado em Nova Iorque, entre os anos 1950/70, quando antigos edifícios industriais, galpões e armazéns passaram a ser convertidos em lares para profissionais liberais, artistas, publicitários e executivos. (<http://www.liderinteriores.com.br/blog/loft-um-conceito-contemporaneo-de-moradia>)



### 5.8.2 Elementos compositivos

A principal estratégia intrínseca ao projeto vertical de apartamentos com pavimento duplo, apresenta-se na performance sustentável positiva encontrada na maior captação de luz natural, proporcionada pelas dimensões de suas esquadrias. O partido arquitetônico possibilita também pé direito duplo e maior arejamento do imóvel, uma vez que o ar quente tende a subir, o que faz com que cômodos sejam mais frescos, levando em conta fatores como clima e posição das fachadas da edificação em relação à insolação.

Em relação à implantação, observa-se que o edifício se encontra alinhado a uma das laterais do lote, elevado do chão e sustentado por pilotis. O edifício possui a estrutura fortemente marcada por suas lajes que delimitam os apartamentos. E, composição estrutural bem definida, quanto ao embasamento corpo e coroamento. A implantação no lote aponta ao partido, com propósito de privilegiar a vista para o mar, e captar os ventos dominantes (SE) para a área social e os quartos.

Como apresenta pé direito duplo, tem-se a impressão que o prédio evidencia apenas quatro andares, sensação reforçada pelas lajes, que intercalam os pavimentos e funcionam como beirais protetores. Na fachada sudeste, chapada encontra-se os condicionadores de ar e as aberturas condizentes ao segundo pavimento de cada módulo residencial.



**Figura 58 – Fachadas nordeste, leste e sudeste.**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

### 5.8.3 Revestimento e cores

Muito utilizada, a cerâmica Sacramento era produzida em Alagoas, sendo largamente especificada nas décadas de 1980 e 1990.

Por seu aspecto rústico, foi amplamente utilizado na arquitetura local. É possível observar a aplicação deste revestimento em todo volume do edifício. Optou-se por tons de bege quase a totalidade da massa edificada de suas fachadas. O azul insere-se na laje dos pilotis, e suas áreas superiores subsequentes. As arquitetas utilizam-se do grafismo em duas dimensões, recursos simbólicos do repertório estruturalista dos modernistas por meio do desenho em revestimentos.


As esquadrias em tons de preto, assim como o vidro fumê proporcionam maior privacidade ao morador. Observa-se no projeto, traquejo na escolha dos elementos construtivos, como laje em concreto, vidro, cores, alumínio e revestimentos, valorizando a paisagem urbana local, na tentativa de propor através da plástica de suas fachadas, uma maior harmonia na integração entre os espaços.



**Figura 59 – Detalhes da fachada sudeste**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).



02	EDIFÍCIO VERONA		ANO 1991	BAIRRO PONTA VERDE	
ENDEREÇO: Av. Dep. José Lages			ARQUITETO (s): Ruben Wanderley Filho		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 08 + PILOTIS + SUBSOLO					
PLANTA BAIXA NÃO SE ENCONTRAVA NOS ARQUIVOS DA (SMCCU)					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMAS QUADRADOS JUSTAPOSTOS	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO	POLICROMÁTICO BRANCO/AZUL/AMARELO
					

**Quadro 20 – Edifício Verona**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

#### 5.8.4 Volumetria

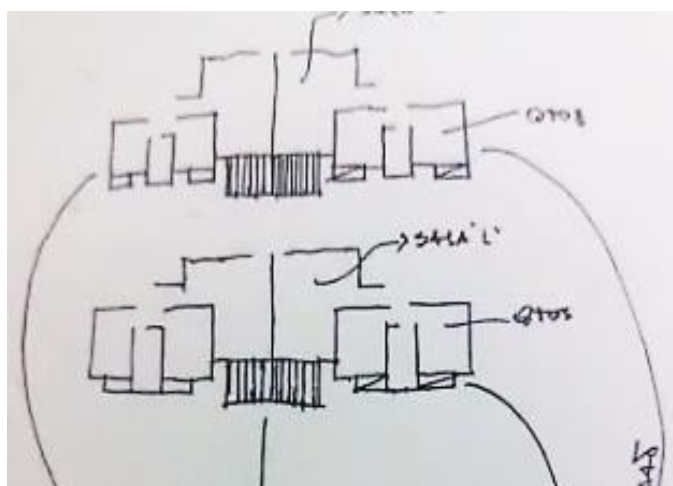
Este bloco de apartamentos, projetado em 1991, por Ruben Wanderley Filho, recebeu prêmio ganhador da 1ª Bienal Internacional de Arquitetura, em Olinda, Pernambuco. O edifício Verona, um dos marcos personificadores de inovações criativas, envolvendo tipologias de fachadas.

Locado a duas quadras da praia de Ponta Verde, na Av. Deputado José Lages, o edifício destaca-se de seu entorno, por seus traços geométricos e cores. Com 8 andares, pilotis, e subsolo, a edificação apresenta quatro apartamentos em seu pavimento tipo, que encontram setorizados em um único bloco, seccionado em quatro direções. Ocorre simetria entre os dois módulos que setorizam-se na fachada principal, quanto nos posteriores, localizados na parte posterior da edificação.

### 5.8.5 Elementos compositivos

O contorno de edificação sugere à letra “H”, forma que define a distribuição dos apartamentos. A volumetria apresenta quadrados justapostos, e o arquiteto brinca com as formas ao utilizar diversas figuras geométricas, tais como retângulo, triângulo, círculo e quadrado, que se torna a base criativa de sua inspiração. O coroamento da edificação em forma de triângulo, forma de frontão estilizado, permeia o pós-modernismo, movimento que abraça o uso de arquétipos clássicos (ROSSI, 1966).

A obra, a exemplo de Venturi (1925), transforma e modifica a arquitetura, já que se comunica com a paisagem urbana na qual se insere.



**Figura 60 – Croquis do autor (1991).**

Fonte: <https://posmodernoalagoas.wordpress.com>

Os prédios destinados a unidades residenciais multiandares, sustenta-se não apenas em sua estrutura construtiva, como pilares e vigas, mas na rentabilidade do empreendimento e na redução de custos de sua obra. Porém, no caso do edifício Verona, observa-se que o arquiteto trabalha a concepção plástica dos elementos em cada fachada, de maneira específica, confirmando um grau de detalhamento e cuidado em todas as faces.

Sua fachada principal apresenta-se dividida simetricamente. No vão central, encontram-se as varandas das salas de estar dos dois apartamentos e a cada dois parapeitos destas varandas, há uma repetição de cores. Da mesma maneira ocorre com as paredes onde se localizam os dormitórios, só que as cores não coincidem entre as partes centrais e as laterais. O que resulta em um dinâmico ritmo de cores e formas. Constatou-se que além das cores, as adições encontradas nas protuberâncias dos parapeitos e estruturas sacadas, onde se localizam os dormitórios, contrastam com a subtração destas mesmas paredes, de maneira intercalada. A

volumetria das janelas, ora apresentam-se como retângulos, ora como círculos, (banheiros sociais), acentuando as formas. Tal ritmo frenético culmina no coroamento em forma triangular, reafirmando a escolha das formas geométricas, que inspiram o partido arquitetônico e definem o caráter plástico da edificação.



**Figura 61 – Fachada principal, semelhança a um plano cartesiano.**  
 Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Nas fachadas laterais, podemos observar que as cores continuam a tecer o formato do edifício, de forma contínua e ritmada, propostas nas alternâncias cromáticas. As varandas, que se apresentam um pouco sacadas da fachada principal, ditam recortes pelas pequenas varandas da suíte. Em relação ao coroamento triangular, disposto na edificação, o arquiteto lança mão de rasgos significativos nas varandas posteriores, localizadas no último andar, confirmando o esmero plástico arquitetônico de trabalhar as diferentes faces de maneira peculiar. As faces apresentam um jogo de cheios e vazios nos dois blocos construídos, concretizado principalmente pelo volume recuado das áreas comuns aos apartamentos.



**Figura 62 – Fachadas sudoeste e sudeste.**  
 Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Na fachada oeste, que recebe maior insolação, o arquiteto optou por maiores aberturas nas varandas, protegidos por laje técnica. As varandas das suítes também possuem varandas abertas, assim como as da fachada principal. Neste edifício, assim como em outros, moradores optaram pela expansão de suas salas, retirando as portas e instalando sistemas de esquadrias em alumínio nos parapeitos das varandas, quebrando o ritmo proposto de cheios e vazios.

A fachada posterior norte apresenta-se sem varandas (Figura 63), devido ao programa interno, apenas uma janela, de pequenas proporções, da suíte, localiza-se nesta face. É possível constatar os mesmos detalhes criativos apresentados nas demais fachadas, exceção encontrada em alguns edifícios, que por estarem em porção menos visível do lote, não apresentam requintes dos elementos construtivos trabalhados.

As esquadrias evidenciadas em todas as fachadas, apresentam-se em alumínio, em cor natural com vidro incolor e predomínio em aberturas maxim-ar.



**Figura 63 – Fachada posterior norte**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

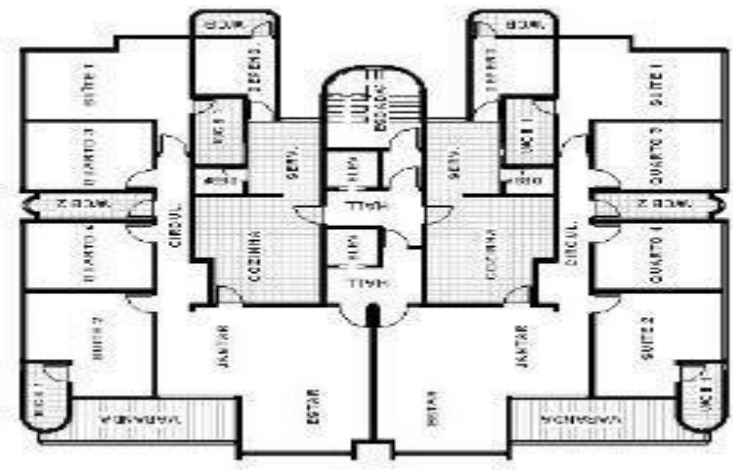

A volumetria das fachadas do edifício Verona retrata o esmero do arquiteto em proporcionar falta de hierarquia entre as fachadas. No projeto apresentado, o arquiteto trabalha as várias faces, inclusive a posterior, que apesar da visibilidade reduzida, unifica a obra como um todo.

### 5.8.6 Revestimento e cores

Quanto aos revestimentos, especificou-se a cerâmica em toda extensão edificada. Neste bloco de apartamentos, a fachada resulta de um conjunto de cores básicas brilhantes. Confirma-se no resultado final, gerado a partir das escolhas individuais do projetante, que a escolha da palheta cromática foi um dos grandes determinantes de sucesso lúdico da obra. Composto policromático, o arquiteto optou pelo branco, azul e amarelo, cores que juntas compõem um agradável bloco de cores que se inserem na paisagem local, sem maiores problemas. Neste bloco de apartamentos, a fachada é uma peça de cores vivas.

Condenado ao esquecimento e quase envergonhado por décadas pelos teóricos do movimento moderno, a cor na arquitetura, recupera-se na década de 1980. De um modo essencial e, contrariando o “menos é mais” de Van der Rohe, o arquiteto opta pelo esquecimento de décadas da prática teórica incolor, já que os edifícios, de maneira essencial completam a expressão e comunicação entre o espaço projetado e a paisagem urbana na qual se inserem. E o edifício Verona é um exemplo claro do compromisso de muitos arquitetos que optam pelas cores, não sem risco, ou dificuldade para criar uma arquitetura mais próxima e expressiva.



03	EDIFÍCIO CASAGRANDE	ANO 1994	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Senador Ruy Palmeira, 130.			ARQUITETO (s): Cícero Duarte		
DADOS DO PRÉDIO: NÚMERO DE PAVIMENTOS: 07 + PILOTIS + SUBSOLO					
					
<p>Planta Baixa: Sem Escala. Fonte: GEPA</p>					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA REGULAR	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICA / PASTILHA	POLICROMÁTICO BEGE/ OCRE
					

**Quadro 21 – Edifício Casagrande**

Fontes: Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

### 5.8.7 Volumetria

O edifício Casagrande está localizado na Rua Senador Ruy Palmeira, 130. Possui em seu programa a configuração composta por 7 andares, subsolo, pilotis e duas coberturas.

Apresenta em sua volumetria predominância geométrica quadrada, com adições e subtrações que se apresentam exteriorizada às suas fachadas. A simetria absoluta apresentada na disposição dos dois apartamentos reafirma a escola bilateral assimétrica por porte dos arquitetos locais.

Projetado por Cícero Duarte, em 1994, o edifício apresenta como seu principal artifício plástico, a existência de um longo pano de vidro que se estende de maneira centralizada e vertical, desde o pilotis até a cobertura, culminando num coroamento duplo circular (Figura 64).



**Figura 64 – Implantação do edifício.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Implantado num lote de meio de quadra, apresenta forma de um prisma regular quadrado. Atualmente pela proximidade em relações as edificações circunvizinhas, a edificação está com a visibilidade de suas fachadas laterais e posteriores comprometidas.

### 5.8.8 Elementos compositivos

O grande diferencial da obra foi a utilização do vidro em ampla escala, juntamente com outros materiais nobres, como pastilhas de vidro e cerâmica tipo Sacramento. A fachada frontal (Figura 65) foi diagramada de maneira a favorecer a verticalização através do pano de

vidro, separadas por um septo revestido em cerâmica. Tal separação define de maneira mais concreta a divisão simétrica deste monobloco prismático.

Junto ao pano de vidro, define-se a materialidade da fachada outros componentes, como as varandas que possuem discreto saque a partir das arestas laterais do edifício, ressaltados por tons mais escuros de seus revestimentos, marcadas pela linearidade horizontal da composição. Inicialmente projetadas com parapeito em concreto e arremate em vidro fumê, apresentam atualmente em sua grande maioria, fechadas até o teto. Ainda no tocante às varandas, as mesmas encontram-se recuadas, soltas da massa dos peitoris contínuos, destacando os rasgos, ressaltados por guarda-corpos de vidro.

A valorização da verticalidade confere a edificação maior sofisticação, sendo que a fachada principal se destaca. Já nas laterais, a continuidade dos elementos “natos” na fachada frontal, prolonga-se por toda a face, criando uma ideia de continuidade, emoldurando-se à superfície encontrando-se os dormitórios.

Observa-se que o arquiteto projetou local adequado para condicionamento dos aparelhos de resfriamento dos ambientes, porém o espaço discreto, atualmente amarrota-se com desproporcionais dispositivos (Splits), o que compromete visualmente as fachadas laterais.



**Figura 65 – Esquadrias de alumínio e vidro**

Fonte: Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

As esquadrias, como por padrão aos edifícios de luxo do bairro, apresentam-se em caixilhos em alumínio preto, com vidro fumê e predomínio da abertura tipo maxim-ar.





### 5.8.9 Revestimento e cores

Os tons terrosos utilizados na opção cromática do arquiteto, remetem à sobriedade e sofisticação de escolhas. Apesar da opção por cerâmica regional tipo Sacramento, a composição final apresenta características acrônicas, decorrente da sobriedade do material especificado. O volume com texturas, harmoniza-se com a extensão da areia da praia de Ponta Verde.



**Figura 66 – Detalhes de revestimento e cores**

Fonte: Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

04	EDIFÍCIO MILOS	ANO 1995	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Senador Ruy Palmeira, 130.			ARQUITETO (s): Ruben Wanderley Filho		
NÚMERO DE PAVIMENTOS: 6 + pilotis + subsolo + cobertura duplex					
					
Planta Baixa: Sem Escala. Fonte: GEPA					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA REGULAR QUADRADO	NÃO	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICA	POLICROMÁTICO BRANCO / AZUL
					

**Quadro 22 – Edifício Milos**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

### 5.8.10 Volumetria

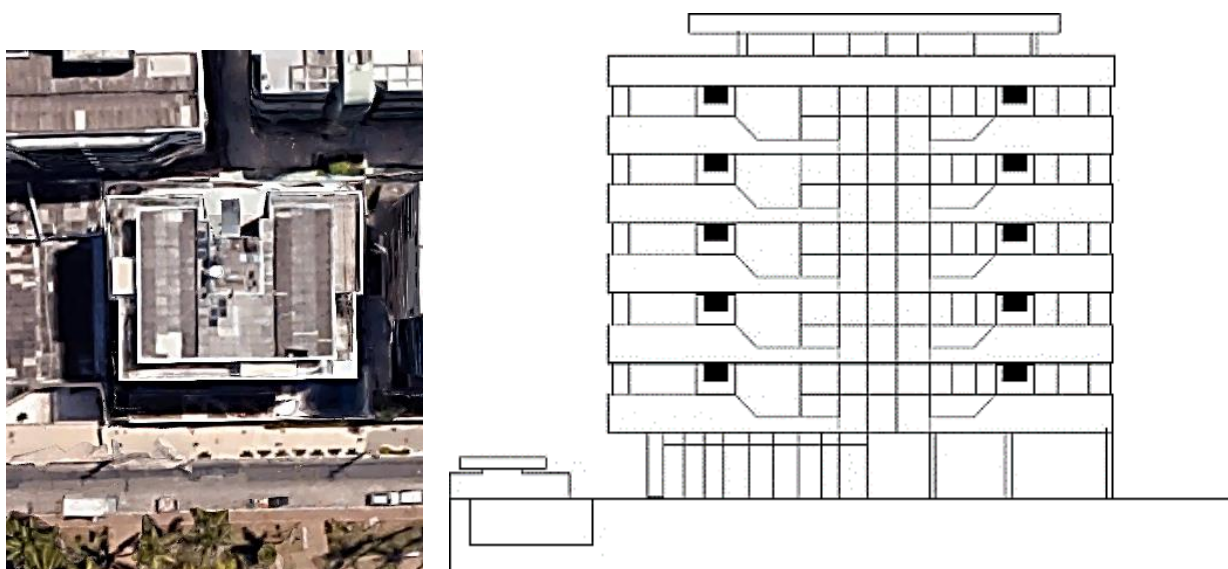
Projeto de Ruben M. Wanderley Filho, de 1995, apresenta em seu programa arquitetônico cinco pavimentos, pilotis, subsolo e cobertura duplex. Diferentemente de outros edifícios de apartamentos localizados na orla de Pajuçara, apresenta quatro unidades por andar tipo, condizente ao porte médio dos apartamentos, com cerca de 100m<sup>2</sup>.



**Figura 67 – Implantação do Edifício Milos.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

O partido do edifício Milos encontra-se em coesão à sua localização. Com a escolha do vidro que emoldura a paisagem através de sua refletância reafirma linguagem contemporânea ao tratamento de seu volume. A tipologia construtiva apresenta-se numa forma de prisma quadrado regular (Figura 68), com simetria bilateral. Seus cheios e vazios complementam-se, proporcionando ritmo e equilíbrio visual ao conjunto de suas fachadas.



**Figura 68 – Vista aérea coberta e Fachada Principal (Ilustração sem escala).**

Fonte: Google Maps e SMCCU - Adaptado pela autora, 2018.

### 5.8.11 Elementos compositivos

A fachada principal tem no painel de vidro item que valoriza a verticalidade, já que o gabarito obrigatório, apenas seis andares compromete a monumentalidade relacionada à altura. Os apartamentos não apresentam varandas em sua configuração, ficando a cargo das janelas a incumbência de enfatizar a horizontalidade. Porém, os parapeitos em alvenaria se destacam na fachada principal por meio de desenhos geométricos, produzidos com diferentes cores de revestimento cerâmico, no azul e branco (Figura 69). As grelhas, na cor preta, utilizadas para acondicionar os sistemas de refrigeração, destacam ainda mais, a dinâmica das cores empregadas na composição. Quando visualizadas como um todo, as esquadrias, em fita, como as grelhas, por se apresentarem em caixilhos escuros em vidro fumê, desaparecem.



**Figura 69 – Detalhes das varandas.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).



O diálogo da fachada principal com as laterais é feito através da continuidade do pano de vidro que emoldura as varandas (de canto), prolongando-se até o painel de vidro de menores proporções, encontrados nas laterais, conferindo visual leve e moderno.



**Figura 70– Fachadas laterais - nordeste e sudeste**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Observa-se na fachada norte o recuo em subtração, adquirido mediante captação de maior ventilação para a área de serviço. A escada localizada posteriormente aos elevadores, dita as dimensões do rasgo entre os apartamentos.



**Figura 71 – Fachada posterior – norte.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

### 5.8.12 Revestimento e cores

O arquiteto utilizou-se das cores em revestimento cerâmico para aplicar dinamismo ao prisma monobloco. Devido à proximidade do mar, optou por tons mais claros, o branco, que traduz luminosidade, e o azul, que remete ao mar de Ponta Verde. A diagramação das fachadas laterais e posteriores denotam diagramação contínua em forma de faixas em revestimento cerâmico.

A definição dos painéis de vidro reflexivos para o edifício Milos considera a paisagem no qual está inserido. Atuando como um recurso visual, utilizado pelo arquiteto na intenção de captura das multicores refletidas, emoldurando a paisagem de coqueiros, mar e o azul do horizonte, proporciona dinamismo, equilíbrio visual ao cenário, e principalmente sofisticação. O vidro foi utilizado de maneira a trazer a vista da orla para o interior dos apartamentos e, ao mesmo tempo refletir a natureza de maneira a interagir com ela.

Destaca-se ainda que a determinação de se especificar grandes lâminas em vidro em fachadas deve estar sujeita a uma série de critérios que considerem o entorno, as formas da edificação, a análise do clima local e a trajetória solar, traduzidos em conforto ambiental e sustentabilidade e eficiência energética. No caso de fachadas envidraçadas, nenhum desses aspectos pode ser ignorado, visto que um edifício eficiente é sinônimo do equilíbrio entre todas essas variáveis.

05	EDIFÍCIO MONTPELLIER	ANO 1998	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Sandoval Arroxelas,127		ARQUITETO (s): EDALMO COSTA LÔBO			
NÚMERO DE PAVIMENTOS: 7+subsolo+ pilotis+ cobertura duplex					
Planta Baixa: Sem Escala. Fonte: GEPA					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA REGULAR QUADRADO	SIM	FACHADAS SIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICA / GRANITO	POLICROMÁTICO BEGE / PRETO

**Quadro 23 – Edifício Montpellier**  
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.



### 5.8.13 Volumetria

O edifício Montpellier, projetado em 1999 por Edalmo Lobo, situado a uma quadra da praia de Ponta Verde localiza-se à Av. Rua Sandoval Arroxelas,127. Seu volume vertical apresenta-se distribuído em sete andares, pilotis e subsolo.



**Figura 72 – Figura volumétrica do edifício.**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

A proposta da fachada principal apresenta linearidade quebrada por curvas sinuosas na porção central. A proposta formal do edifício, não obstante a sofisticação de sua composição é simples e equilibrada. Suas curvas elegantes percorrem a parte central de sua fachada principal, dividindo-a em três faces, finalizadas na porção superior da laje, cujos prolongamentos ajustam-se como beirais nas fachadas laterais. O grande “rasgo” localizado no centro da edificação permite maior ventilação, visão facilitada do mar do apartamento posterior, assim como traz caráter inovador na concepção de fachadas do início da década de 1990.

Fachadas de formas ortogonais abonam a opção do projetista em seguir o desenho do lote, encontrado no meio de quadra. Ratifica-se na simetria tratamento das fachadas do edifício, graças ao espelhamento dos apartamentos na distribuição interna do pavimento tipo (Figura 73).



**Figura 73 – Fachada frontal**  
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018

Como proposta, a fachada norte, apresenta uma linha contínua que nasce na varanda e prolonga-se na sala de estar, retomando num ângulo de 90°, que segue linearmente a aresta posterior da edificação. A caixa ortogonal quadrada surge em sua forma absoluta apenas na laje de cobertura do imóvel. As lâminas contínuas, encontradas nas laterais de maneira alternada à fachada principal, delineiam o pavimento edificado. Observa-se no projeto, que o arquiteto não demonstrou atenção a critérios climáticos sustentáveis e dispôs da mesma maneira os apartamentos, não dando importância ao condicionamento climático, cuja trajetória solar excessiva na fachada voltada para a posição oeste penaliza os moradores.



**Figura 74 – Laterais leste / oeste**  
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

A escada encontrada centralmente na edificação delimita de maneira simétrica suas laterais. Os cheios apresentados na fachada posterior (Sul) são demarcados pelas suítes e escadas, e os vazios pelas áreas dos dormitórios de serviço. Não apresentam qualquer requinte arquitetônico, contrastado com as demais fachadas. Muito embora atualmente o aglomerado de edificações verticais encontradas no entorno, impedem visão direta a esta face do Montepellier.



**Figura 75 – Fachada Sul.**



Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

#### **5.8.14 Elementos compositivos**

A presença das curvas, elemento proveniente do modernismo brasileiro encontra-se setorizadas centralmente entre três andares, incrustadas num septo central do edifício. Agradável elemento plástico arquitetônico, as curvas por seus custos mais elevados na estrutura construtiva em fachadas, estão diretamente ligadas aos imóveis de padrões mais elevados. Quanto às varandas, apresentam-se apenas na sala de estar, fachada frontal.

#### **5.8.15 Revestimento e cores**

Mesclam com a escolha de revestimentos mais sofisticados, Mármore Marta Rocha ou Travertino, com cerâmicas lisas nas cores, uma linguagem de renovação do moderno e sofisticado, com cores neutras ou suaves. As cores, outro importante componente na configuração externa, teve no bege a predominância em suas fachadas. O uso das cores auxiliou a leitura de elementos, como estrutura e marcação dos andares.

06	EDIFÍCIO ATLANTIS	ANO 1998	BAIRRO PONTA VERDE		
ENDEREÇO: Rua Vital Barbosa, 399			ARQUITETO (s): EDALMO COSTA LÔBO		
NÚMERO DE PAVIMENTOS: 8 + SUBSOLO + PILOTIS					
					
Planta Baixa: Sem Escala. Fonte: GEPA					
CARACTERÍSTICAS EM ANÁLISE					
VOLUMETRIA	VARANDAS	COMPOSIÇÃO DE ELEMENTOS	BASE	REVESTIMENTO	PREDOMINÂNCIA CROMÁTICA
PRISMA REGULAR QUADRADO	SIM	FACHADAS ASSIMÉTRICAS	FACHADA ELEVADA	CERÂMICO	POLICROMÁTICO BRANCO / PRETO / AMARELO
					

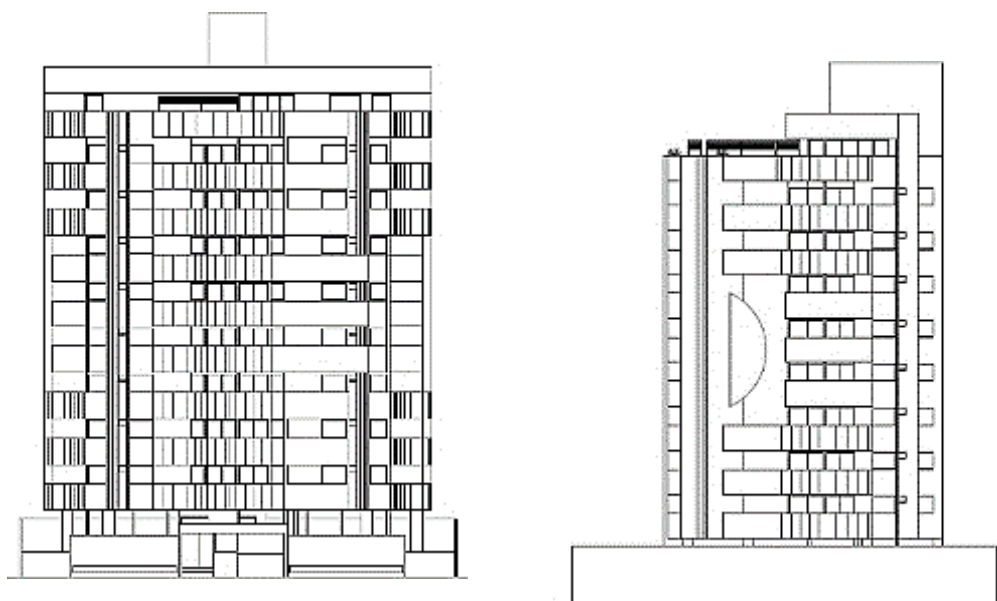
**Quadro 24 – Edifício Atlantis**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.



### 5.8.16 Volumetria

Finalizando a década tem-se um exemplar assinado pelo arquiteto Edalmo Lobo, já reconhecido por suas formas e cores. O estilo do autor denota o gosto por faixas horizontais, que delimitam os pavimentos em lâminas, ora de maneira linear, ora em formas sinuosas, como se observa sua disposição. O edifício encontra-se em frente a outro exemplar também analisado, o edifício Costa Verde, de 1978. O grande contraste entre o partido arquitetônico de ambas as obras, constata o novo perfil do morador alagoano, que busca inovação, tanto na plástica das formas, quanto no emprego tecnológico, na busca de maior confiabilidade no imóvel adquirido. O próprio autor tornou-se uma assinatura imobiliária, sob uma proposta de reconhecimento profissional (competência) e inovação.



**Figura 76 – Fachadas Arquitetônicas – Frontal e Lateral.**

Fonte: Construtora Delman. (Adaptado pela autora, 2018).

O edifício Atlantis, de 1998, em relação à implantação, encontra-se situado em um lote de meio de quadra, próximo a escolas e comércios de pequeno porte, numa área tipicamente residencial e povoada, distante cerca de dez minutos a pé da praia de Ponta Verde. Seu volume apresenta-se constituído por um grande prisma quadrado, cercado de reentrâncias e saliências, porém nitidamente. Lobo mantém na leitura visual de sua obra a mesma estratégia projetual, seguida ao longo dos anos, longas faixas lineares, utilizadas pelo arquiteto para obter maior visibilidade a obra.

Em relação às especificações, o edifício vertical multifamiliar, apresenta configuração de 8 pavimentos, subsolo e pilotis. Em cada andar, situa-se quatro apartamentos,

com apenas dois dormitórios. Observa-se que o partido apresenta ambientes distribuídos setorialmente e funcionalmente, em setor social e de serviço.

Quanto ao conforto térmico, observa-se em relação às unidades, que tendo uma das fachadas voltada para a área oeste, de maior insolação, o arquiteto obteve resultados positivos, apenas no apartamento 2, já que projetou suas aberturas voltadas para a região sul, porém manteve sem solução adequada a unidade 1, voltada para o poente (oeste). Entretanto, introduziu apenas laje técnica conferindo alguma proteção à insolação direta, resultando numa maior concentração de calor e consumo energético nas unidades ali localizadas.



**Figura 77 – Detalhe colocação de anteparo (semicírculo) para proteção solar.**

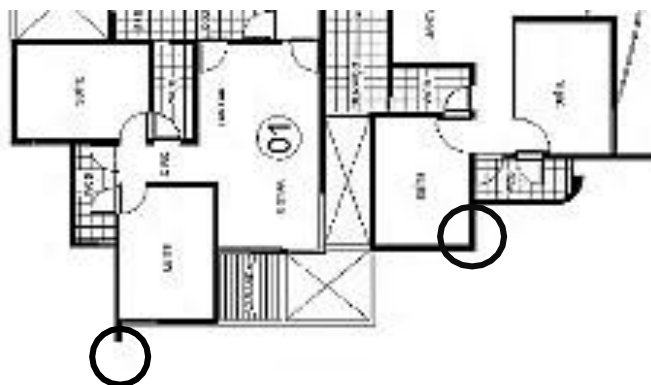
Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018

### **5.8.17 Elementos compositivos**

Como se pode observar nas fachadas, o arquiteto utilizou-se de saques nos dormitórios, dos volumes arredondados, localizados nos banheiros das suítes do apartamento 2 (ver planta baixa, p. 165), e principalmente da linearidade dos prolongamentos dos parapeitos, localizados nas varandas, elementos que se estendem até o septo criado para permitir iluminação e ventilação na área de serviço em todos os apartamentos da unidade habitacional.

Os prolongamentos da parede da suíte funcionam como delimitadores das arestas edificadas, marcando em largura a face anterior e posterior da fachada principal. As fachadas laterais apresentam mesma configuração, já que se encontram espelhadas simetricamente. Possuem lâminas em concreto que definem a horizontalidade da obra.

O arquiteto quebra o ritmo das mesmices das faixas horizontais, tão largamente utilizadas, propondo na dinâmica apresentada nas fachadas, parapeitos sinuosos e retos numa mesma face edificada (Figura 78). O uso de dois volumes arredondados, assim como a meia lua, localizada na parte central das fachadas laterais demonstra ousadia e uma visibilidade equilibrada do volume. Já a fachada principal encontra-se em equilíbrio bilateral, reafirmando simetria nas formas.



**Figura 78 – Prolongamento parede dormitório.**

Fonte: Construtora Delman (2018).

Quatro apartamentos distribuem-se em cada lado da fachada, onde ocorre o equilíbrio de adições e subtrações. A fachada principal, voltada para o leste, une-se a fachada leste de tal maneira, que parece única. O volume arredondado surge como um septo, elemento vertical delimitador das duas faces. Através da proposta do arquiteto, com diferentes volumes o transeunte tem a impressão de que o prédio, na composição geral das fachadas, não possui janelas. Quanto as varandas evidenciadas em todos os apartamentos, apresentam-se em destaque dos pavimentos tipo, até o pilotis, afirmando-se na alternância de faixas, a marcação das linhas horizontais que delimitam os peitoris e os limites horizontais de cada pavimento.

O arquiteto, através dos elementos utilizados na composição de sua obra, conseguiu transformar um monobloco listrado, em uma sucessão de planos intercalados de ritmo e criatividade.





**Figura 79 – Fachada sudeste e norte.**

Fonte: Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

A fachada norte do edifício, que representa os fundos da edificação, apresenta-se com vários blocos proporcionais a relação entre cheios e vazios. Através da escolha das cores, o arquiteto seccionou as áreas delimitadas por dormitórios, banheiros e escada de serviço. Apesar de estar em situação pouco visível, observa-se os recortes no último pavimento, e a colocação de nervuras em concreto que delimita o último pavimento.

#### **5.8.18 Revestimento e cores**

As fachadas do edifício Atlantis apresentam-se revestidas em cerâmica, material econômico e de grande viabilidade no setor imobiliário local. O projeto apresenta uma linguagem arquitetônica de oposição ao moderno, com características joviais e com cores mais fortes, aspecto apresentado na época apenas em empreendimentos direcionados à classe média. O policromatismo se apresenta nas cores cinza, branco e laranja e preto. O branco presente nas faixas delimitadores dos pavimentos apresenta-se nos planos horizontais, mais contínuos, e, de maneira predominante, o laranja, contrasta de forma lúdica. O preto, que reveste as paredes contínuas do edifício, aparece com evidente intenção em disfarçar as esquadrias, especificadas em caixilhos de alumínio preto e vidro fumê, contrastando com o revestimento claro das faixas dos peitoris.

O arquiteto busca na composição do todo, criar um estilo que se comunica tanto com quem compra, quanto para quem apenas passa por uma de suas unidades. O edifício se traduz como elemento diferenciador na plasticidade de seus grafismos e cores. Suas fachadas atuam como grandes telas de um volume único, geometrizadas em grandes planos, potencializados por revestimentos e cores. De fácil consumo, utiliza-se de materiais de baixo custo, aliando-se a criatividade de movimento e escolha cromática. Uma nova estética de identificação, um fácil consumidor.

### 5.9 Considerações sobre o Capítulo Anos 1990

Uma característica interessante que desponta na arquitetura residencial vertical de Maceió, principalmente no recorte estudado, é a “proliferação” de edifícios que guardam em suas características o uso excessivo das cores em suas fachadas.

Toma-se como exemplo, o edifício Atlantis, analisado anteriormente. Seu projeto, criado pelo arquiteto Edalmo Lobo, que criou no estilo uma assinatura de suas obras, inconfundível pelo emprego de tais padrões geométrico e cromático, que por repetição resulta consequentemente em muitas obras semelhantes. Observa-se comparativamente com o Edifício Desirée, construído no início dos anos 2000.



**Figura 80 – Edifício Desirée (2000) e Atlantis (1999).**

Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Em Maceió, cada vez mais, os arquitetos utilizam-se do “artifício” do uso de grandes lâminas cromáticas na concepção de fachadas arquitetônicas de edifícios verticais. Este “movimento”, opositor a herança moderna, batizado pelo seu criador Fernando Peixoto, como “Grafismo”, tem na cultura afro, fortes heranças.

Considerando que cada indivíduo constrói uma imagem de cidade, uma representação vinculada à sua vivência e a sua cultura, é possível observar cotidianamente, uma paisagem em constante transformação, muitas vezes sem critérios ou restrições para intervenções urbanas. Ademais, pode-se constatar pela análise que a partir da década de 1990, surge um novo panorama criativo nas fachadas dos edifícios, as escolhas cromáticas dos arquitetos tornam-se mais ousadas, muito embora, monótonas, por sua prática repetitiva, à medida que se utilizam de cores fortes, criando novos padrões de contrastes e cores aplicados em cerâmica nas fachadas, resultando em grande impacto visual a baixo custo.



**Figura 81 – Edifícios localizados na rua Vital Barbosa – Ponta Verde.**  
Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).



**Figura 82 – Edifício Lâmede (1990) – Ponta Verde.**  
Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).



Por meio desse recurso, a volumetria de um edifício, que não apresente o uso de curvas, varandas, vidro, ou outros detalhes que porventura “encareçam” a obra, ganham na apresentação de uma superfície edificada, através de seus desenhos geométricos, que criam ilusões de ótica, um visual atraente, econômica e de forte impacto”. Resultante principalmente da especulação imobiliária que impõe de certa maneira, uma produção em série na arquitetura contemporânea de maneira acirrada.



**Figura 83 – Edifícios localizados próximos ao Atlantis. – Ponta Verde.**  
Fonte: GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/> (2017).

Já em relação à volumetria constatou-se que geralmente os edifícios apresentaram fachadas despojadas de ornamentação, prevalecendo composições simétricas e repetição de elementos simples. Constatado no perfil dos exemplares analisados, surgem a partir de uma figura geométrica, o prisma regular. Elementos verticais e horizontais adicionados ou subtraídos possibilitam a criação de saques e reentrâncias, proporcionando aos projetos diferentes elementos compositivos de fachada.

Quanto às esquadrias, observa-se na totalidade de janelas de vidro com caixilhos de alumínio, ora naturais, ora na cor preta, presentes nas paredes externas dos ambientes em quaisquer dos níveis dos edifícios. E sua inserção nas fachadas do ponto de vista da composição plástica é adotada diferentemente de acordo com o padrão econômico dos mesmos. Assim, naqueles onde o custo deverá ser menor, as janelas aparecem menores. O contrário resulta na abundância de vidros nas fachadas, janelas em fita, assim como largas varandas, que aproximam o morador do espaço externo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da coleta de dados estabelecida nesta pesquisa, apreendeu-se as principais características apresentadas nas fachadas dos 21 edifícios analisados nas diferentes décadas. Apurou-se que em Maceió, a verticalização em edifícios residenciais que aconteceu a partir da década de 1960-1970, marcou um período sem muitas inovações nas fachadas, caracterizadas por linhas retas e a quase ausência de cores em suas configurações externas. A área interna do edifício desenha o partido arquitetônico adotado nas fachadas. No entanto, no período de 1980-1985, verifica-se que principalmente pela atuação do mercado imobiliário local, exigiu-se na orla marítima fachadas mais ousadas e partidos inovadores que se consolidaram principalmente a partir dos anos de 1990 em novos projetos de fachadas em edifícios multifamiliares. A partir da construção de tabelas nas três décadas aqui analisadas podemos conferir o padrão construtivo empregado.

N.º	EDIFÍCIOS	VOLUMETRIA	SIMETRIA	VARANDA	BASE	REVEST.	CORES
1	<b>BARROCA</b>	PRISMA REGULAR JUSTAPOSTOS	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICO	AMARELO BRANCO PRETO
2	<b>JANGADA</b>	PRISMA REGULAR QUADRADO	SIMÉTRICAS	NÃO	ELEVADA	CERÂMICO	BEGE CINZA
3	<b>PRAIA VERDE</b>	PRISMA REGULAR QUADRADO	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICO	BRANCO VERDE
4	<b>DONINA CARNEIRO</b>	PRISMA RETANGULAR ALONGADO	SIMÉTRICAS	NÃO	ELEVADA	CERÂMICO	BEGE
5	<b>ATLÂNTIDA</b>	PRISMA REGULAR QUADRADO	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	VIDRO CERÂMICO	BRANCO
6	<b>SOLAR GRAC. RAMOS</b>	PRISMA REGULAR ESCALONADO	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICO	VERDE BRANCO
7	<b>PORTO DA BARRA</b>	PRISMA RETANGULAR ALONGADO	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICO GRANITO	VERDE BRANCO
8	<b>COSTA VERDE</b>	PRISMA RETANGULAR ALONGADO	SIMÉTRICAS	NÃO	EMBASADA	TEXTURA CERÂMICA	AMARELO AZUL

**Tabela 10 – Síntese da análise dos edifícios na década de 1970**

Fonte: Imagens adaptadas pela autora, 2018.

Analisando o quadro acima, apreende-se que a volumetria dos edifícios nos anos de 1970, conforma-se sempre a partir de prismas retangulares, diferenciando-se apenas pela modulação imposta geralmente pela disposição do lote. A presença de pilotis, marco do movimento Modernista, as lajes utilizadas como recurso plástico nas fachadas, o uso de esquadrias de alumínio e o início do emprego do subsolo para guarda dos automóveis, preconizam a arquitetura na época.

N.º	EDIFÍCIOS	VOLUMETRIA	SIMETRIA	VARANDA	BASE	REVEST.	CORES
1	CAIAQUE	PRISMA REGULAR JUSTAPOSTOS	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO AZUL
2	ESCUNA	PRISMA REGULAR JUSTAPOSTOS	ASSIMÉTRICAS	NÃO	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO PRETO
3	CARTAGO	PRISMA REGULAR JUSTAPOSTOS	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO ROSA/ AZUL
4	LAJEDO	PRISMA REGULAR JUSTAPOSTOS	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO CORAL
5	TARUMÃ	PRISMA RETANGULAR ALONGADO	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO MAGENTA
6	COTE D'AZUR	PRISMA REGULAR ALONGADO	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO AZUL/ OCRE
7	TARTANA	PRISMA REGULAR QUADRADO	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	MÁRMORE	BEGE

**Tabela 11 – Síntese da análise dos edifícios na década de 1980**

Fonte: Adaptada pela autora, 2018.

Já na década de 1980, quanto às categorias utilizadas na análise dos edifícios, catalogou-se os seguintes dados: dos sete exemplares analisados, 4 apresentam volume em forma de prismas justapostos, 2 alongados e apenas 1 quadrado. Quanto a simetria, curiosamente, apenas dois exemplares apresentam-se simétricos, contradizendo a opção simétrica do partido modernista. A presença da varanda também é uma variável constante. Observou-se este ambiente em 6 apartamentos, num total de sete. O revestimento cerâmico foi a opção mais constante, presente em 100% das edificações, sejam em detalhes decorativos, ou em todas as faces. Em relação às cores, contrastes aplicados em cerâmica nas fachadas observam-se um grande impacto visual a baixo custo.

Evidenciamos as combinações mais ousadas nas fachadas, tornando-as extremamente marcantes, como o caso do Edifício Tarumã. No entanto, como nos anos 1970, o padrão predominante é o suave bi e mono cromáticos em suas fachadas.



N.º	EDIFÍCIOS	VOLUMETRIA	SIMETRIA	VARANDA	BASE	REVEST.	CORES
16	STUDIO	PRISMA REGULAR ALONGADO	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BEGE AZUL
17	VERONA	PRISMA REGULAR JUSTAPOSTOS	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO AZUL AMARELO
18	CASA GRANDE	PRISMA REGULAR QUADRADO	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	MÁRMORE CERÂMICO	BEGE OCRE
19	MILOS	PRISMA REGULAR QUADRADO	SIMÉTRICAS	NÃO	ELEVADA	VIDRO CERÂMICO	AZUL BRANCO
20	MONTPELLIER	PRISMA REGULAR QUADRADO	SIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	MÁRMORE	BEGE
21	ATLANTIS	PRISMA REGULAR ESCALONADO	ASSIMÉTRICAS	SIM	ELEVADA	CERÂMICA	BRANCO PRETO AMARELO

**Tabela 12 – Análise formal dos edifícios – ANOS 1990.**

Fonte: Adaptada pela autora, 2018.

## 6.1 Análise dos Elementos Modificadores de Fachada

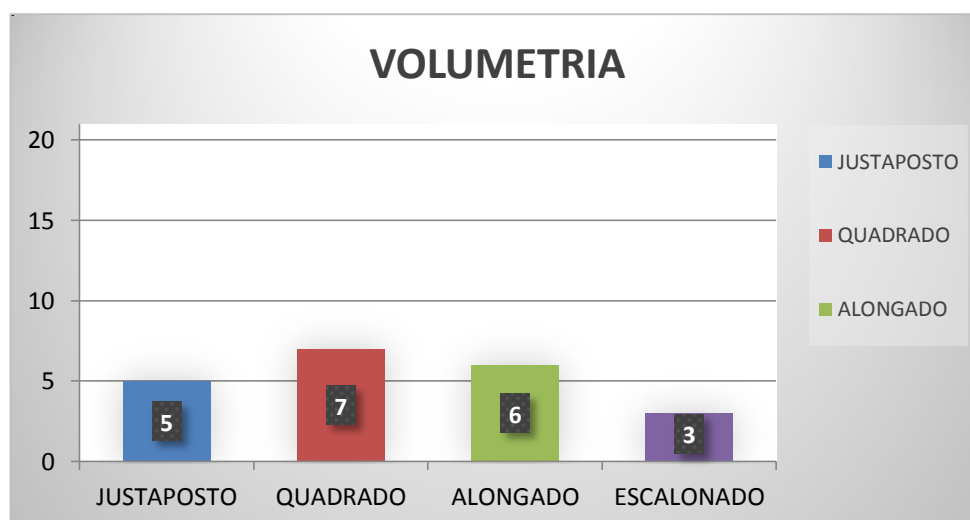
Seguimos com a compilação dos dados apreendidos, nas categorias apresentas, nas três décadas de estudo.

### 6.1.1 Quanto à volumetria formal

JUSTAPOSTOS	QUADRADO	ALONGADO	ESCALONADO	TOTAL
5	7	6	3	21

**Tabela 13 – Quanto à volumetria**

Fonte: Adaptada pela autora, 2018.



**Gráfico 5 – Aspectos formais – Volumetria - 1970-1999**

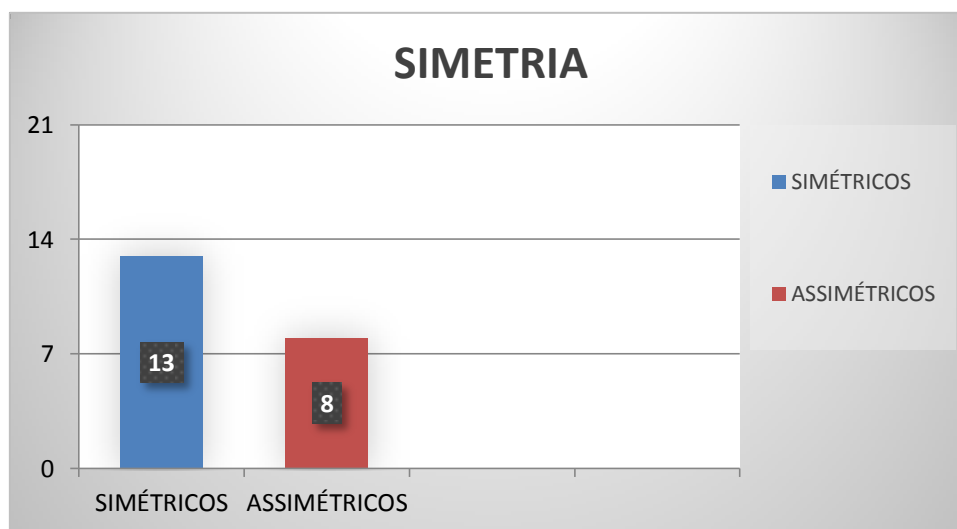
Fonte: Adaptado pela autora, 2018.

### 6.1.2 Quanto à simetria

<b>SIMÉTRICOS</b>	<b>ASSIMÉTRICOS</b>	<b>TOTAL</b>
13	8	21

**Tabela 14 – Quanto à simetria**

Fonte: Adaptada pela autora, 2018.



**Gráfico 6 – Aspectos formais – Simetria - 1970-1999**

Fonte: Adaptado pela autora, 2018.

### 6.1.3 Quanto a elementos construtivos - Varandas

<b>COM VARANDAS</b>	<b>SEM VARANDAS</b>	<b>TOTAL</b>
17	4	21

**Tabela 15 – Total – Elementos construtivos - varandas - 1970/1999.**

Fonte: Adaptada pela autora, 2018.



**Gráfico 7 – Aspectos formais – Simetria - 1970-1999**

Fonte: Adaptado pela autora, 2018.

#### 6.1.4 Elementos construtivos - base

Apenas o edifício Costa Verde (1976), encontra-se embasado.

#### 6.1.5 Elementos construtivos - coroamento

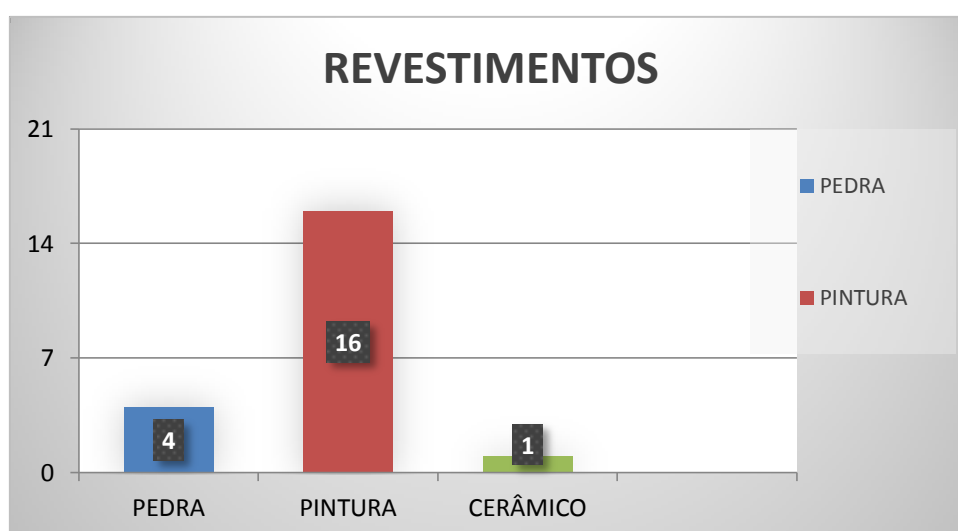
Apenas os edifícios Atlântida (1975), Praia Verde (1974), Verona (1991), Casa Grande (1994), apresentam coroamento em sua estrutura.

#### 6.1.6 Elementos construtivos – revestimentos.

PEDRA NATURAL (MÁRMORE/GRANITO)	CERÂMICO	PINTURA/TEXTURA
4	16	1

**Tabela 16 – Revestimentos - 1970/1999.**

Fonte: Adaptada pela autora, 2018.



**Gráfico 8 – Aspectos formais – Revestimentos - 1970-1999**

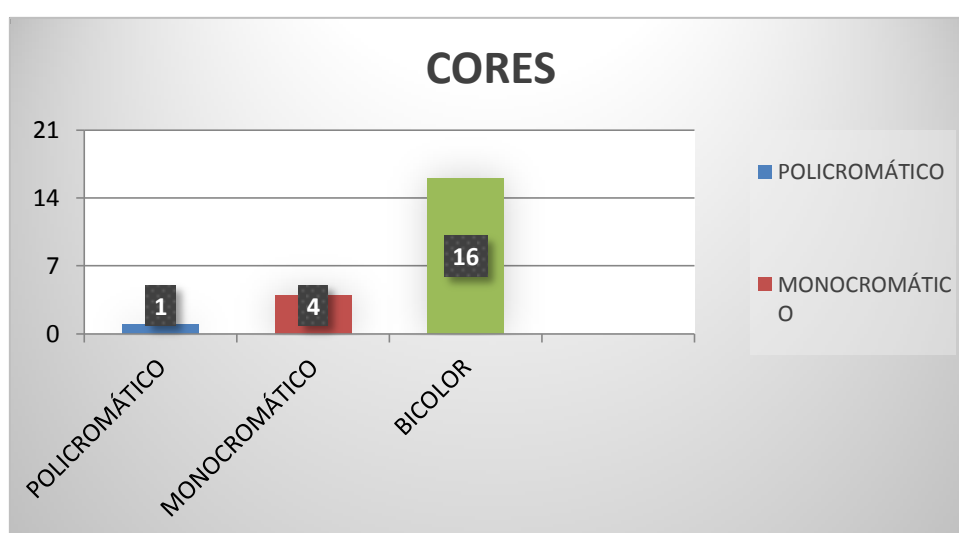
Fonte: Adaptado pela autora, 2018.

Dos edifícios analisados, catalogou-se em pedra natural os Atlântida, Tartana, Casa Grande, Montpellier; em pintura o edifício Costa Verde, e, os demais em revestimento cerâmico.

### 6.1.7 Quanto à classificação cromática

MONOCROMÁTICO	BICOLOR	POLICROMÁTICO
4	16	1

**Tabela 17 – Cores - 1970/1999.**  
Fonte: Adaptada pela autora, 2018.



**Gráfico 9 – Aspectos formais – cores - 1970-1999**  
Fonte: Adaptado pela autora, 2018.

### 6.1.8 Esquadrias

Com predominância de janelas do tipo de correr e vidro incolor, também é possível observar que na tipologia de edifícios residenciais, há a predominância de revestimento externo de parede em cerâmica. Sobre o sistema de abertura a grande maioria analisada, apresenta janelas do tipo maxim-ar. Fachadas reformadas onde foram aplicados novos materiais de revestimento ou acabamento, não condizentes com as técnicas utilizados no período de sua construção. O que em determinados casos, resultam numa descaracterização do projeto original da edificação. Foi observado nos usos de esquadrias, meios de controle de acesso ao ar e luz natural, em todos os ambientes, que além dos fins estéticos, no contato com o exterior dos edifícios, foram empregados fatores sociais, econômicos e tecnológicos, além logicamente das condições técnicas construtivas vigentes,

em diferentes épocas. Deste modo, as configurações plásticas encontradas nos edifícios, refletem nada menos, que a realidade de uma época.

**CONCLUSÃO**

Confirmam-se através das análises sob o recorte temporal dos primeiros edifícios até os atuais, consideráveis mudanças, tanto na diversificação de formas, quanto nas soluções compositivas das fachadas. Como consequência, nessas últimas quatro décadas, um novo panorama urbano surgiu, transformando as edificações na orla. As fachadas, elemento determinante da paisagem visual, justificam um maior entendimento sobre sua evolução construtiva, já que operaram como elementos modificadores na Arquitetura contemporânea local.

Muito embora se confirme o fato que atreladas às estratégias projetuais em fachada de edifícios verticais, no cenário contemporâneo, os avanços tecnológicos, mesmo apresentando diferentes enfoques, estão diretamente ligados à prática projetual através das décadas. Prática esta, confirmada por uma contínua reprodução de soluções propostas, através de especificações de revestimentos, esquadrias, superfícies externas, comumente norteadas em acordo com as variáveis de materiais e custos, proporcionais ao poder aquisitivo da fatia do mercado a quem se destinam as edificações. Tais processos construtivos potencializam a fisionomia da metrópole contemporânea, que é marcada fortemente pela construção de edifícios de multi pavimentos, tecnicamente legitimada durante ao longo do século XX. Avaliando tal contexto na produção residencial multifamiliar no Brasil, percebe-se o desenrolar considerável de um processo de padronização projetual já bastante disseminado.

Tais constatações, entretanto, não são abordadas de forma ordenada e sistemática na literatura arquitetônica. Surgiu então, nesta pesquisa, a necessidade de se fazer uma revisão reflexiva sobre o conceito de “fachadas” no âmbito da produção de habitação multifamiliar, seus aspectos compositivos e o tratamento das fachadas edificadas, esboçando através de sua evolução histórica, suas origens e transformações, relacionando seus condicionantes às questões tecnológicas, tipológicas e urbanas.

Tais tópicos em análise, fundamentaram-se na leitura do projeto dentro do cenário da cidade, considerando critérios multidisciplinares para a análise de fachadas, como implantação, tipologia (especificação de materiais), especificações espaciais e formais, partido tecnológico e, principalmente a linguagem interpretativa do edifício.

Ao se observar categorias tipológicas em edifícios construídos em determinadas regiões, constatou-se a ocorrência de configurações arquitetônicas comuns a certo conjunto edificado. O que leva a crer, que estas formações tipológicas, frequentemente são caracterizadas por um determinado período, e determinadas áreas urbanas. Tais formações, reproduzidas em um considerável número na arquitetura de habitação, foram se transformando ao longo dos anos por diferentes aspectos, sejam de ordem projetuais,



tecnológicas ou socioeconômicas. Pesquisar tais relações, e está prática, sob o âmbito histórico inicialmente mundial e, a posteriormente local, bem como suas consequências, se apresenta de maneira oportuna, no entendimento sobre a relação da arquitetura produzida e sua relação com a cidade.

Como resultado desta reflexão, afirma-se a importância da correta inserção de materiais num projeto arquitetônico, já que o mesmo comporta-se como definidor da paisagem urbana local e que é possível provar, através do estudo de seus exemplares locais, suas relações entre a temporalidade e o partido arquitetônico adotado, delimitados, ou não, por seus aspectos globais e especulativos na produção residencial multifamiliar local, podendo proporcionar aos projetistas, uma nova percepção, um novo “olhar”, sobre as fachadas em edifícios residenciais, decorrentes da análise do desempenho projetual de arquitetura e da qualidade dos acabamentos especificados.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Maria Elisa Moreira. **O início da verticalização em Maceió: um estudo tipológico dos edifícios multifamiliares em altura (1960-1970)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL, 2012.

AMARAL, Vanine Borges. **Expressões de modernidade em Maceió: Uma perspectiva de preservação** (2009). Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2009.

ANTONCICH, Rodrigo Pérez de Arce. **Domicilio Urbano**. Santiago: Ediciones ARQ, 2012.

ARAÚJO, Alexandre. **As três evoluções da fachada-cortina no Brasil**. São Paulo, outubro de 1999.

ARGAN, Giulio. **El concepto del espacio arquitectónico desde el barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1984.

AZEVEDO, Thales de. **O cotidiano e seus ciclos: Praia, namoro e ciclos da vida**. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. Recife, 2004.

BARBOSA, Gabriela Biana. **Arquitetura contemporânea em Maceió (1980-2008): uma reflexão crítica** (2009). Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2009.

BULHÕES, Michelle C. S. **Arranjos espaciais dos edifícios habitacionais em altura: análise e diagnóstico dos modelos de organização geométrico e topológico**. Relatório de Pesquisa. PIBIC/FAPEAL, FAU – UFAL, Maceió, 2008.

CARVALHO, Jorge Pessoa de. **A tipologia dos edifícios de apartamentos e sua relação com o tecido urbano da cidade: um estudo de suas transformações nos últimos 40 anos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – FAUUSP, São Paulo, 2007.

CAVALCANTE, Morgana Maria Pitta Duarte. **A arquitetura "globalizada" face a diluição da identidade Cultural do espaço construído: estudo de caso o bairro de Ponta Verde**. Maceió-AL. Maceió, 2014.

CHING, Francis D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. Tradução: Alexandre Salvaterra. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

CONSIGLIERI, Victor; **A Morfologia da Arquitectura**. 1920-1970; Editorial Estampa; 1ª Edição; Lisboa, 1994.

CORONA, Eduardo, LEMOS, Carlos & XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo : Pini, 1983.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre. Editora: Artmed. 2ª Edição. 2007.

DURAND, José Carlos Garcia. **A profissão de arquiteto: estudo sociológico.** 1972. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

GONDIM, Cristina e al. **O design em superfícies de fachada e suas funções básicas.** São Paulo: ANDE/Brasil. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M.; **Técnicas de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas. 2010.  
LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro: **As fachadas da casa moderna.** Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, PROPARG, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

LEUPEN, Bernard et al. **Proyecto y analisis: evolución de los principios em arquitetura.** Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

LOOS, Adolf: **Ornamento y delito: y otros escritos.** Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

MAHFUZ, E. da C. **Nada provém do nada.** São Paulo, Revista Projeto, n.69, 1984.

MASINI, Daniele Forlani. **A Representação na Análise De Projeto.** São Paulo. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. 2014

MONTAGNER, Josep Maria. **A modernidade superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea.** Tradução: Alicia Duarte Penna. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

\_\_\_\_\_. **Arquitetura e crítica.** 2 ed. Revisada e Ampliada. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.

MOREIRA, Fernando Diniz. **As caixas decoradas: ornamento e representação em Venturi & Scott Brown e Herzog & De Meuron.** 2005.

NORMANDE, Taís Bentes. **Impactos ambientais provocados pelo parcelamento do solo na planície litorânea de Maceió.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL, 1996.

PEREIRA, R. B. **Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy.** São Paulo, tese de doutorado, FAUUSP, 2012.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade.** Trad. E. Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre meu trabalho recente.** Em: NESBITT, K. (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Trad. Vera Pereira. São Paulo, Cosac Naif, 2006.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil. 1900-1990.** São Paulo, Edusp, 2007.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador.** São Paulo, 1920-1939. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

SOUZA, Maria Adélia A. de. **A Identidade da Metrópole: a Verticalização em São Paulo.** – São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1994.

TAVARES FILHO, Arthur Campos. **Reflexões sobre a noção de tipo morfológico e o programa arquitetônico:** os casos das Escolas Municipais Estados Unidos e República Argentina / Arthur Campos Tavares Filho. – Rio de Janeiro, 2005.

TOSTES, Simone Parrela. Arquitetura, modernização, modernidade e modernismo: os significados do moderno. **Revista Interpretar Arquitetura**, Ed.14, p. 15, 2009. Universidade de São Paulo, 2002.

TRONCA, F. Z. **Educação estética:** intervenção no desenvolvimento humano. Porto Alegre, 2011.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura.** Tradução: Alexandre Salvaterra. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

VIDLER, Anthony. **A terceira tipologia. 1977.** In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2008.

XAVIER, Regina do Nascimento Gomes. **Indícios de Flexibilidade no Projeto de Edifícios Multifamiliares Em Maceió-AL (1980-1985): Surgimento e Apropriação do Ambiente Reversível pelos Usuários de Apartamentos.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2016.

## SITES

LIPPO, Creuza; LEAHY, Sandra. **Profissionais destaques da arquitetura alagoana.** Alagoas 185 Negócios. 2008. Disponível em: <<http://www.alagoasnegocios.com.br/conteudo/Index.asp?vEditoria=Entrevista&vCod=118>> 10/01/2018.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **O Mito da Criatividade em Arquitetura.** Coluna Relações, Info IAB/RS, Disponível em <[http://www.iab-rs.org.br/colunas/ar\\_tigo.php?art=74](http://www.iab-rs.org.br/colunas/ar_tigo.php?art=74)> desde 29/11/2013. Acesso em 10/01/2018.

\_\_\_\_\_. **Reflexão sobre a base teórica da prática moderna.** Disponível em <<http://livrozilla.com/doc/1540528/reflex%C3%A3o-sobre-a-base-te%C3%B3rica-da-pr%C3%A1tica-moderna>>. Janeiro de 2009. 10/01/2018.

PEREIRA, Renata Baesso. **Tipologia arquitetônica e morfologia urbana.** Uma abordagem histórica de conceitos e métodos. Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 146.04, Vitruvius, jul. 2012. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/13.146/4421>>. 10/01/2018.

RIBEIRO, Patrícia Pimenta Azevedo; MASINI, Daniele Forlani. **A representação na análise de projeto. 2014.** Disponível em: <<http://www.ppgau.faued.ufu.br/sites/ppgau.faued.ufu.br/files/files/21.pdf>> Acesso em: 22 nov. 2015.

SABBATINI, F. H.; BARROS, M.M.S.B. **Recomendações para a produção de revestimentos cerâmicos para paredes de vedação em alvenaria.** Escola Politécnica da USP, PCC. São Paulo. 1990. R6-07/90 – Convênio EPUSP/ENCOL; CPqDCC - EPUSP).

WANDERLEY, Ruben. **Traço do arquiteto.** Gazetaweb. 2005. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazeta/Frame.php?f=1998.php>> 10/01/2018.